

Para MADP



COTRIJORNAL

ANO 15

IJUÍ, OUTUBRO/88

159



Puxando os desafios provocados pela I Feitec, a Cotrijuí lança o seu Programa de Solos, como proposta de desenvolvimento para todo o Estado.

PROJETO SOLOS

INVESTIMENTO PARA O FUTURO

Páginas 6 e 7

TRIGO

Mobilização por melhor preço

Lideranças do sul do país se mobilizam para pedir ao governo reajuste para o preço do trigo com base na OTN fiscal e mudança na forma de pagamento

Página 4

CENTRAL DE CARNES

Com o toque do apito, o reinício

Depois de 17 meses paralizado, o Frigorífico São Luiz, agora integrando o sistema cooperativo, reinicia suas atividades abatendo suínos e bovinos

Páginas 12, 13 e 14



COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bollivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Superintendente/Dom Pedrito:
Eduardo Augusto Pereira de Menezes
Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert
Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Atalides Conceição, José Jorge Rieith de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralotto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Camiel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Giulotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Realdo Cervi, Pedro Afonso Pereira e Jayme Wender.

Suplentes:

Ivo Vicente Basso, Antônio Carlos Xavier Hias e Amário Becker

Diretores contratados:

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges e Hendges e Léo José Gó.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t



Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR
Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTE

Campo Grande: Rosane Hemm
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Os altos custos de produção e os baixos preços de aquisição do trigo, estão gerando um novo movimento reivindicatório no Estado e que, desta vez, leva o apoio de várias lideranças do setor, inclusive do vizinho Estado de Santa Catarina. Num documento ainda a ser entregue aos ministros da Agricultura e do Planejamento, estas lideranças tentam sensibilizar o governo com números levantados pela Assessoria Econômica da Fecotrijo e que mostram o grande distanciamento que existe entre os custos de produção e o preço de compra do produto. Pelas contas da Fecotrijo, o governo vem comprando o produto ao preço de 182,82 dólares a tonelada contra um custo de produção que já ultrapassa esse preço em 70,76 dólares. A esse preço, o produtor terá de colher 32 sacos de trigo por hectare — 1.920 quilos — para conseguir cumprir com seus compromissos bancários. Além do distanciamento da média histórica do Estado, o governo precisa considerar as adversidades climáticas que, neste inverno, mais uma vez bateram nas lavouras e que o trigo, é uma cultura que envolve diretamente mais de 160 mil pessoas, e recursos na ordem de 130 milhões de cruzados. Mas as entidades não estão brigando apenas pelo reajuste no preço do trigo. Elas também querem correção pela OTN fiscal e, que os recursos de aquisição do produto saiam até os primeiros 10 dias de cada mês. O atraso destes recursos de até 20 dias, representa um prejuízo para os produtores na ordem de 20 por cento. Enquanto isso, os custos financeiros continuam correndo nos bancos. A matéria está na página 4.

Buscar um novo perfil econômico para a região, através da definição de prioridades de investimentos industriais e tecnológicos. Este foi o grande desafio provocado pela I Feira de Tecnologias que aconteceu simultaneamente à II Fenadi, no Parque Assis Brasil de Ijuí, no mês passado. Nos cinco dias de festa, quando se confirmou o resgate da cultura regional, realizou-se uma

ampla exposição de trabalhos de várias universidades, aliada ao debate sobre a necessidade de inversão de tendências econômicas, ora em processo, de onde a melhor conclusão parece ser esta: "do jeito que está não pode ficar". A esta conclusão taxativa, precedeu uma análise, não muito nova, mas profunda sobre o atual processo de produção do município, que é visto por alguns organizadores do evento, como em franca decadência. "É preciso mudar urgentemente o estilo de produção, dando mais ênfase, em termos de recursos, a industrialização e a agroindustrialização, dentro de um novo padrão tecnológico", dizem eles, advertindo que, caso isso não seja assumido também pelo poder público e todas as entidades que formam o programa de "Ijuí na Retomada pelo Desenvolvimento", o município continuará à margem da economia sulista. No entanto, se a análise trouxe estas sérias advertências, a Feitec também inaugurou uma fase de transição onde apareceram exemplos desta retomada concreta. Um deles foi o Projeto de Recuperação de Solos, lançado oficialmente pela Cotrijui, Regional Pioneira e Banco do Brasil, no último dia da festa. Com um investimento financeiro de aproximadamente 32 milhões de dólares, a Cooperativa mostrou um dos caminhos para a retomada do desenvolvimento, através da fertilização de solos e uma maior produtividade de grãos por propriedade. As necessidades, os objetivos e o apoio do Governo do Estado, estão nas páginas 6 e 7.

Durante 15 dias um grupo de associados da Cotrijui do Mato Grosso do Sul, acompanhado pelo superintendente Lotário Beckert e pelo vice presidente da Regional de Dom Pedrito, Oscar Vicente Silva, percorreu parte da região produtora do meio-oeste americano e avaliou de perto os efeitos da seca, os avanços tecnológicos e o "modus vivendi" dos agricultores dos Estados Unidos. Na próxima edição do Cotrijornal, o pessoal do Mato Grosso vai contar maiores detalhes desta viagem.

DO LEITOR

Missão importante



Raul Quevedo é jornalista e atua como assessor de imprensa da Cotrijui em Porto Alegre

Jornais cooperativos, com circulação regular, já existem no Brasil há pelo menos 15 anos. Eles apareceram primeiramente no Rio Grande do Sul, a partir de 1973, e começaram a se espalhar pelos vários estados produtores. Como não poderia deixar de ser, alcançaram maior destaque naquelas unidades da federação onde já existem cooperativas fortes e com alguma consciência da necessidade de comunicarem-se com o público alvo, ou seja, os associados.

Até então, tentativas feitas na área do jornalismo empresarial não haviam passado de meros boletins, elaborados por amadores. Portanto, sem conteúdo editorial qualitativo. Consequentemente, tiveram todos vida efêmera e passaram sem deixar qualquer registro mais duradouro na história da comunicação brasileira.

A partir dos jornais de cooperativas no início da década de 70, foi diferente. Dirigentes lúcidos, preocupados não somente com a comunicação em si, mas, principalmente, com a qualidade dela, passaram a contratar profissionais experientes e qualificados, para o desempenho do mister. Foi quando se estabeleceu até uma inversão no senti-

do migratório dos jornalistas. Durante mais de século, desde que se inaugurou a imprensa no Brasil, a moda era o jornalista do interior, da cidade pequena, buscar realização profissional na cidade grande. O advento dos jornais de cooperativa, entre muitos outros méritos, mudou, em parte, esse conceito.

No Rio Grande do Sul, por algum tempo, jornalistas de Porto Alegre foram contratados por cooperativas do interior, para a missão de editar seus próprios jornais. Essa tendência, pelo que sabemos, se generalizou depois em estados como Santa Catarina e Paraná, por sinal, onde hoje se concentra a maior quantidade de jornais dessa categoria.

A CRISE QUE GEROU A CRISE

O Rio Grande do Sul chegou a somar cerca de duas dezenas de jornais de cooperativas. Todos de bom nível visual e editorial, a maioria deles, feito por profissionais. Uma associação de classe chegou a ser criada — a Ajo-coop, Associação de Jornais e Revistas de Cooperativas — com sede em Porto Alegre. Mas vieram as crises financeiras, colocando em dificuldades as cooperativas. E há um fatalismo histórico, pelo menos em se tratando de Brasil. Em tempos de crise, o primeiro setor a ser cortado é aquele relacionado à comunicação. Poucos jornais conseguiram atravessar o rubicão da crise, no Rio Grande do Sul. Um deles foi o nosso "Cotrijornal", por sinal, o pioneiro dos jornais de cooperativa do país, com 15 anos de circulação completados em julho último. Os demais, com poucas exceções, sossobraram juntamente com as respectivas cooperativas mantenedoras, nas águas agitadas da crise econômica.

Hoje, dá para contar nos dedos de uma mão o número de jornais que

restaram no nosso estado, mantidos pelo sistema. Sinceramente, não entendemos o que é mais grave e negativo. Se a crise da economia, que impulsiona ao fechamento dos jornais ao primeiro impacto negativo de um balanço financeiro, ou o desconhecimento da importância de um veículo de comunicação próprio, destinado, entre inúmeros outros fins, para formar a opinião pública conforme os primados sócios-filosóficos do cooperativismo como sistema econômico válido.

É verdade que a manutenção de um jornal implica em ônus financeiro. Mas sem esse ônus, como irá a cooperativa comunicar-se com seu quadro social? Numa época em que o mundo é considerado "aldeia global", que se trocam informações entre os quadrantes do universo em frações de segundos, não é mais possível deixar de informar e formar a opinião entre um número limitado de associados, que atinge, no máximo, alguns milhares de pessoas.

Quando mais competente uma direção de cooperativa, maior seu interesse em manter vivos os laços de comunicação com o quadro social. Informação é transparência. E os atos transparentes levam à prática da responsabilidade recíproca. Se isto for conseguido, e o jornal representar ainda um elo de identidade entre os vários seguimentos do universo humano que gravita em torno de uma cooperativa, então ele, por si só, terá coberto, com vantagens, todos seus custos, e deve ser mantido a qualquer preço. As maiores e melhores administradas cooperativas do mundo mantêm seus próprios jornais, e não apenas por questão de prestígio, mas essencialmente para manter aquele importante canal de comunicação com o quadro social e, ainda dentro do possível, com o público externo.

LUTZEMBERGER

O prêmio Bem Viver

A defesa de uma agricultura sem venenos ou adubos químicos, deu ao ecólogo gaúcho José Lutzemberger, o Prêmio Nobel Alternativo "Bem Viver". O prêmio foi conferido pela Fundação do direito à vida, uma instituição da Suécia. O dinheiro do prêmio, cerca de Cz\$ 10 milhões, deverá ser destinado, segundo decisão do próprio Lutzemberger, ao trabalho de propagação e divulgação da agricultura biológica, uma bandeira que vem sendo levada adiante pelo ecologista gaúcho há vários anos. O ecólogo e engenheiro agrônomo Lutzemberger reagiu à premiação dizendo que ela está servindo para sacudir o governo brasileiro e chamar a atenção do mundo inteiro para os problemas da floresta amazônica. De qualquer forma ele também aproveitou para criticar o pacote ambiental, coincidentemente lançado pelo governo federal no mesmo dia de sua premiação de Direito à Vida. Disse que pacotes ecológicos não adiantam nada. "Precisamos é de uma mudança na filosofia no que diz respeito ao meio-ambiente" falou, embora reconheça que o mesmo vem abrir espaços para futuras cobranças. Em meio a premiação, Lutzemberger acusou ainda o governo brasileiro de não estar cumprindo com uma cláusula do Banco Mundial, em que se compromete de não devastar áreas. Segundo o ecólogo, só na floresta amazônica estão sendo projetadas 24 siderúrgicas para a produção de ferro-guza com carvão mineral. Calcula que se o governo concretizar sua meta de produzir 16 milhões de toneladas anuais de ferro-guza, poderão ser devastados, a cada ano, um milhão de hectares de mata. José Lutzemberger recebe o Prêmio Bem Viver em Estocolmo, Suécia, no dia 9 de dezembro, mas antes disso deverá fazer uma série de palestras que começam no dia 2 de dezembro em Londres na Inglaterra.

CURTAS

Na edição passada o Cotrijornal divulgou a relação dos associados e funcionários da Cotrijuí que nesta eleição municipal estão concorrendo a algum cargo. Alguns nomes ficaram de fora da lista e estão sendo publicados nesta edição. São eles os funcionários, todos candidatos a vereadores, Paulo Roberto Schmidt, pelo PDT de Santo Augusto; Alceu Müller, pelo PDS de Ajuricaba e Jorge Silveira pelo PL de Jóia. De Ajuricaba, ainda concorre o associado José Vargas, pelo PC do B.

A matéria publicada na edição passada "Os descontos do Trigo", atribuiu ao Ctrin a nova orientação a respeito dos descontos na conta trigo. Queremos informar que houve um pequeno equívoco de nossa parte, pois o Ctrin apenas administra a aquisição do produto ao preço fixado pelo governo. Ele não tem nenhuma interferência no que se refere à dinâmica operacional interna das empresas receptoras, armazenadoras e mantenedora da qualidade do produto. Os custos de recebimento, secagem e limpeza, têm valores fixados pelas cooperativas.

O Brasil da nova Constituição

O Brasil acaba de promulgar, há pouco mais de um mês atrás, a sua oitava Constituição. Tirando o fato de estarmos vivendo sob uma nova Carta Magna, nada existe para ser comemorado neste país, onde as disparidades sociais são alarmantes. O próprio Salário Mínimo, com o qual milhões de brasileiros são obrigados a conviver, tentando tirar dele sua alimentação, vestimenta, moradia, saúde, lazer e educação para os filhos, mal dá, na prática, para se comprar um par de tênis de uma marca razoável. Dados publicados pelo jornal a Folha de São Paulo, mostram que perto de 34 milhões de brasileiros — até agosto a população andava ao redor dos 144 milhões de habitantes — ganham no máximo dois salários mínimos por mês. Mas do total de brasileiros em condições de trabalhar, mais ou menos uns 15 milhões ganham, por mês, apenas um salário mínimo. Em compensação, 14 milhões de brasileiros, reunidos num pequeno bolo, detem quase metade da riqueza gerada e acumulada no país. Aliás, a velocidade com que anda a concentração de renda neste país, é surpreendente. Até 1960, segundo a mesma Folha de São Paulo, 20 por cento da população economicamente ativa possuía 54,8 por cento da renda nacional. No período do famoso "milagre econômico", apenas 10 por cento detinham 46,7 por cento da renda e em 80, estes mesmos mais ricos, já detinham 51 por cento. O próprio Produto Interno Bruto, cresceu 130 por cento entre 70 a 80, enquanto que, neste mesmo período a renda per capita se elevou em 80 por cento. Isto significa que o país cresceu, mas não houve distribuição de renda. E o que é pior: aconteceu uma estagnação da economia durante a

CONSTITUIÇÃO
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
1934

A nova Constituição em vigor desde 5 de outubro

década de 80. Só para comparação: enquanto de 1948 a 1979, a média histórica de crescimento do PIB se manteve em 7 por cento ao ano, de 1980 a 1987, ela caiu para, 3,7 por cento ao ano.

Até 86, os brasileiros viviam em 31 milhões de moradias, sendo que quase 64 por cento destas residências eram próprias e nelas moravam 67 por cento da população. Mas, de acordo com o IBGE, 9,1 por cento destas moradias são rústicas, composta de quarto ou cômodo. Em 25 por cento destas, o lixo era jogado em terrenos baldios e 30 por cento não tinham acesso à rede de distribuição de água.

O eleitorado inscrito chega hoje a 75,8 milhões de brasileiros; a mortalidade infantil é de 67 crianças para cada mil que nascem; a expectativa de vida é de 64,5 anos; a alfabetização chega a 74,4 por cento, enquanto que o efetivo das Forças Armadas é composto, hoje, por 283.500 pessoas. Dos 144,4 milhões de brasileiros, 72,1 milhões são homens; 72,3 são mulheres — 50,1 por cento.

A população urbana é composta por 105 milhões de brasileiros e a rural por 39,4 milhões, representando apenas 27,3 por cento do total. 66,3 milhões dos brasileiros estão situados na faixa etária do zero aos 19 anos: 46,3 milhões possuem entre 20 a 39 anos; 22 milhões entre 40 a 59 anos; e 9 milhões entre 60 a 79 anos e 0,8 milhões com mais de 80 anos.

A OTN inflacionada

Quem pensava que a OTN estivesse totalmente imune contra a inflação, deve andar se remoendo de raiva. Pois ela já anda tão infestada pela inflação quanto o nosso desmoralizado Cruzado que hoje só serve para estabelecer os salários do trabalhador brasileiro. Nem mesmo o ato de sofrer correção diária, através da OTN fiscal, livrou a OTN desse mal que vem atazanando a vida do assalariado brasileiro. Essa inflação já vem sendo sentida em vários segmentos da nossa economia, como por exemplo nos materiais de construção civil, nas tarifas públicas, nas prestações de serviços e até nos gêneros alimentícios.

Uma pesquisa realizada pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio de Janeiro e publicada no Jornal do Brasil, mostra que vários produtos subiram bem acima da inflação de 714,43 por cento, índice acumulado nos últimos 12 meses. Só a pedra britada, por exemplo, subiu 1.100,95 por cento. Mas não é preciso ir ao Rio para buscar exemplos semelhantes.

Uma pesquisa feita por Arlindo Schreiber, ligado ao departamento de crédito da Cotrijuí, mostra o quanto os gêneros alimentícios estão aumentando. A batatinha inglesa, por exemplo, que em maio o consumidor pagava Cz\$ 12,50 pelo quilo, custa hoje Cz\$ 140,00. O reajuste acumulado — de maio a outubro — foi de 1.020 por cento.

Mas como pode a OTN inflacionar? Pelo simples fato de que a sua correção é feita pelo IPC — Índice de Preço ao Consumidor — do mês anterior. Ou melhor: a OTN de setembro, por exemplo, foi corrigida pelo IPC de 20,66 por cento registrado em agosto. Só que a inflação de setembro foi de 24,01 por cento. Essa defasagem já registra uma inflação de 2,78 na OTN.

Cidadão ijuiense



Os homenageados receberam o título em sessão solene da Câmara

"Agora me sinto não apenas com o dever, mas com mais direito de lutar pelo desenvolvimento do município de Ijuí", disse Walter Frantz, uma das quatro pessoas que no dia 17 de outubro, em sessão solene da Câmara de Vereadores em comemoração aos 98 anos de colonização do município, recebeu o título de Cidadão Ijuicense. Além de diretor superintendente da Cotrijuí na Regional Pioneira, Walter Frantz é também agricultor e coordenador do Projeto de Retomada pelo Desenvolvimento de Ijuí. Também receberam títulos de cidadania, entregues pelo Executivo, Sebastião Trindade Marques, empresário; Antônio Francisco dos Santos, funcionário municipal aposentado e Hulda Koch, de grande atuação junto as entidades comunitárias. A sessão de entrega dos títulos aconteceu no auditório do Parque de Exposições Assis Brasil e fez parte do programa oficial da II Fenadi e I Feitec. Para o prefeito municipal de Ijuí, Wanderley Burmann, o título de cidadania entregue àquelas quatro pessoas representava o reconhecimento pelo seu trabalho e pela contribuição que deram e continuam dando pelo desenvolvimento de Ijuí. Em nome dos homenageados, Walter Frantz agradeceu o reconhecimento e garantiu que todos ainda se mostram dispostos a continuar trabalhando pela comunidade. "É somente através do debate, da divergência na convergência, que teremos condições de superar nossos problemas", afirmou. A solução dos problemas não vem de um só ato, mas de todo um processo.

Walter Frantz é filho de agricultores — Lindolfo José e Maria Julieta e nasceu em 1949, na Linha Central, interior de Santo Cristo. Saiu do meio familiar em 1969 e em 1975, obteve através da Igreja Evangélica da República Federal da Alemanha, uma bolsa de estudos para aperfeiçoamento em cooperativismo na Universidade de Münster, Alemanha Ocidental. Na tese de conclusão do curso falou sobre a experiência da Cotrijuí no trabalho de organização de seu quadro social. Por alguns anos, esteve ligado ao trabalho de educação rural, ao cooperativismo e ao sindicalismo de Ijuí e região. Foi também professor na Unijuí e na Cotrijuí, até o ano de 1985, desenvolveu um trabalho de assessoria na área de Desenvolvimento de Recursos Humanos. É agricultor, proprietário de 14 hectares de terra na localidade de Saltinho, interior de Ijuí onde desenvolve uma agricultura bastante diversificada.

Walter chegou a Ijuí há mais de 20 anos atrás, onde veio complementar seus estudos. Sempre conviveu com agricultores, tanto através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, onde atuou por determinado tempo, como pela Cotrijuí. Considera o título de cidadania como uma valorização de todo esse trabalho, "capaz de evocar grandes emoções e nos levar a lembrar de quando aqui chegamos e iniciamos nossas atividades", disse o coordenador da Retomada pelo Desenvolvimento de Ijuí, sentindo-se definitivamente incorporado à comunidade ijuiense.



Walter Frantz

TRIGO

Briga por melhor preço

Lideranças reivindicam junto ao governo federal uma revisão no preço do trigo com reajuste pela OTN fiscal



A comissão formada por representantes dos produtores que levarão as reivindicações até Brasília

Movimento de mais de Cz\$ 130 bilhões

Redin expõe esta e outras cifras no debate em Cruz Alta

Texto: Neide Vys

A luta pela correção do preço do trigo, bem como as advertências que têm sido feitas para que o trigo argentino não venha a concorrer com a nossa lavoura, tem sólidas razões. Todas elas foram levadas pelo presidente da Fecotrig, Terciso Redin, para serem apresentadas no Simpósio Internacional de Política do Trigo, em Cruz Alta.

Segundo Redin, a produção de trigo no Rio Grande do Sul envolve, diretamente, mais de 160 mil pessoas. Este número, no entanto, ultrapassa os 480 mil se considerarmos que cada uma das pessoas envolvidas diretamente na produção tem, no mínimo, três dependentes.

Mas a importância social e econômica da cultura cresce na medida em que se considera também o volume de recursos envolvidos na produção. Um estudo inédito feito pela assessoria econômica da Fecotrig mostra que só em insumos para a lavoura (calcário, fertilizantes de base e cobertura, sementes e defensivos), foram movimentados nesta safra aproximadamente 109 milhões de dólares. Com combustíveis e lubrificantes foram gastos mais de 26 milhões de dólares e o frete de insumos e de produção movimentou 27 milhões de dólares.

Desta forma, apenas três itens (insumos, combustíveis e frete) foram gastos 163 milhões de dólares ou mais de 130 milhões de cruzados.

POLO

Este volume de recursos, segundo o presidente da Fecotrig, é superior à soma necessária para a instalação da planta de cume-no-fenol-acetona que deve-

rá ser instalada no Pólo Petroquímico. "Por esta razão — afirma ele — a Fecotrig, juntamente com várias outras entidades, pretende continuar na luta pelo reajuste do preço do produto e correção pela OTN fiscal". Redin não considera justo que uma cultura que deverá movimentar, apenas na comercialização, mais de 274 milhões de dólares, cause prejuízos consideráveis para aqueles que a produzem.

Mais do que isso — diz ele — é impossível entender o descaso que a luta pelo preço do produto vem merecendo por parte das autoridades federais. Ele lembra que há mais de uma semana o secretário estadual de Agricultura e Abastecimento, Odacir Klein, tenta conseguir uma audiência para tratar do assunto, e a resposta é sempre negativa. "Tudo que conseguimos — afirma Redin — foi um telex do coordenador de política agropecuária da Secretaria Especial de Assuntos Econômicos, Ricardo Alves Conceição, dizendo que "não foi considerado oportuno o reajuste do preço do trigo, em função da inexistência de disponibilidades orçamentárias para dar suporte às despesas adicionais decorrentes da medida".

Segundo Redin, a Fecotrig e as demais entidades que assinaram o documento com as reivindicações (reajuste no preço, correção pela OTN fiscal e recursos para a aquisição no primeiro decênio de cada mês) vão continuar na luta.

"Um produto que é a base alimentar da população merece um tratamento melhor, principalmente neste momento em que os estoques mundiais estão em baixa e os preços em elevação".

Revisão no preço de aquisição do trigo. Este assunto andou polarizando as atenções das lideranças do setor primário nestas duas últimas semanas, transformando-se num documento que leva a assinatura do Secretário da Agricultura, da Fecotrig, da Unicoop, da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul, a Ocergs, da Organização das Cooperativas de Santa Catarina, a Ocesc, da Farsul, Fetag, Cadecruz e Fenatrig. No documento a ser entregue aos ministros da Agricultura e Planejamento em audiência ainda a ser marcada pelo Secretário da Agricultura, as entidades procuram mostrar que a defasagem existente no preço do trigo está inviabilizando o produtor. Além do reajuste no preço do produto, as lideranças do setor reivindicam correção monetária pela OTN fiscal e normalização do fluxo de recursos para pagamento do produtor nos primeiros 10 dias de cada mês.

O distanciamento entre o preço de aquisição do produto fixado pelo governo e o custo de produção está sendo comprovado através de um estudo elaborado pela Assessoria Econômica da Fecotrig. Os 182,82 dólares por tonelada, fixados pelo governo, vão obrigar os produtores a

colher 32 sacos de trigo por hectare, mas isto apenas para cobrir as despesas. O custo total de produção, segundo os mesmos cálculos, chega a 253,58 dólares. Isto significa que ficam a descoberto 70,76 dólares. Apenas para cobrir o custo financeiro, os produtores terão de colher 28 sacos por hectare ou 1.680 quilos.

O que mais tem preocupado as lideranças é que esta produtividade de 32 sacos por hectare — 1.920 quilos —, está muito distanciada da média histórica do Estado, que é de pouco mais de 900 quilos por hectare e também da média alcançada pela excepcional lavoura colhida no ano passado, de 1.786 quilos por hectare. As lideranças alertam para o fato de que nem mesmo essa média alcançada no ano passado, deverá se repetir neste ano em consequência das adversidades climáticas que atingiram as lavouras neste inverno.

SACRIFICANDO

Para o vice-presidente da Fecotrig, Aquelino Dalla Líbera, o governo, com esta atitude, está sacrificando os produtores de trigo. O quadro ainda se torna mais sério na medida em que o governo fixa o preço do produto para todo o mês, mas corrige os recursos pegos para a formação das lavouras pela OTN fiscal. La-

menta ainda o atraso dos recursos para aquisição do produto. "O produtor, está recebendo 20 dias depois de ter entregue o produto ao governo, observa Dalla Líbera, preferindo nem entrar na questão do trigo importado. "Estamos reivindicando preços justos para os nossos produtores".

Ao tentar convencer o governo de que o produtor está produzindo com custos altos e preços baixos, as lideranças alertam para a possibilidade de inadimplência dos produtores, "caso o preço do produto continue sendo corrigido pela OTN, enquanto o custo de produção tem um reajuste bem superior". Dalla Líbera lembra que no ano passado, nesta mesma época do ano, a Fecotrig desencadeou um movimento semelhante e conseguiu um reajuste para o preço do trigo de 5,69 por cento "retroativo para o Paraná e São Paulo, onde os agricultores já haviam colhido e entregue a sua produção. A expectativa das lideranças é de que o governo entenda a situação dos produtores e atenda as reivindicações. "Por enquanto, observa o vice-presidente da Fecotrig, estamos aguardando a audiência com os ministros e que depende de contato do secretário Odacir Klein".

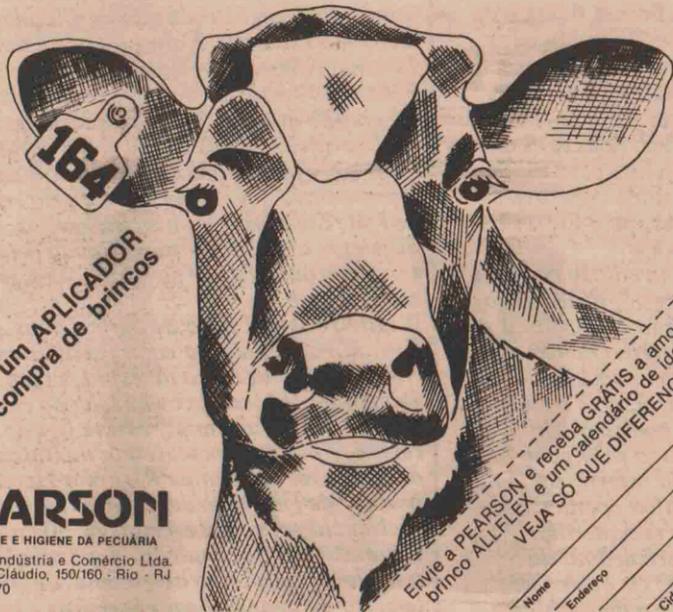
Allflex

O Sistema n.º 1 do mundo na Identificação de rebanhos

Brincos Allflex

Os ÚNICOS que não quebram e não soltam

Exija a marca Allflex no seu fornecedor



Grátis um APLICADOR na compra de brincos

PEARSON
NA SAÚDE E HIGIENE DA PECUÁRIA
Pearson Indústria e Comércio Ltda.
R. Viúva Cláudio, 150/160 - Rio - RJ
CEP 20.970

Envie a PEARSON e receba GRÁTIS a amostra de um brinco ALLFLEX e um calendário de identificação. VEJA SO QUE DIFERENÇA

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____
CEP _____



Para sair do atraso

Além de confirmar o resgate da cultura regional, a II Fenadi e a I Feitec colocam Ijuí em xeque: ou permanece na periferia da economia gaúcha ou estrutura um novo processo produtivo.

Mais de 50 mil pessoas voltaram ao Parque Regional de Exposições Assis Brasil, em Ijuí, no mês passado, para participar da II Feira Nacional das Culturas Diversificadas e I Feira de Tecnologias. Foram cinco dias de feira, de 13 a 17 de outubro, que confirmaram o resgate da cultura regional, através da estruturação de oito grupos culturais, e trouxeram um grande desafio: o de buscar um novo perfil econômico para o município, a partir da definição de prioridades em investimentos na área tecnológica e industrial.

NOVO CASAMENTO

Baseada num "casamento" mais amplo do que aquele que sustentou a primeira edição da Fenadi, a realização das duas Feiras em conjunto, se estruturou numa aliança entre a cultura, a economia, a tecnologia e a educação, para que o debate a respeito de problemas e prioridades fosse mais específico e mais profundo. "A Feitec foi o primeiro passo forte da tomada de consciência sobre a necessidade de inverter-se tendências na nossa região", afirma o presidente da II Fenadi e I Feitec, professor Adelar Francisco Baggio.

Caracterizando a realização da Feitec como uma questão muito polêmica, Baggio faz a avaliação dos seus resultados de forma positiva, mas inquisitiva. Apesar da temeridade que existe em se ver de perto a decadência de um estilo de produção, o debate sobre limitações e potencialidades econômicas oportunizou a todas as entidades participantes do programa "Ijuí na Retomada pelo Desenvolvimento" — Prefeitura Municipal, Poder Legislativo, Cotrijuí, Associação Comercial e Universidade de Ijuí —, a necessidade de organizar os investimentos em áreas como a mecânica e a biotecnologia.

"O grande mérito da I Feitec, diz Baggio, foi o de mostrar o quanto é necessário inverter tendências de um sistema produtivo, tanto industrial como rural, atrasado em 20 anos, com re-



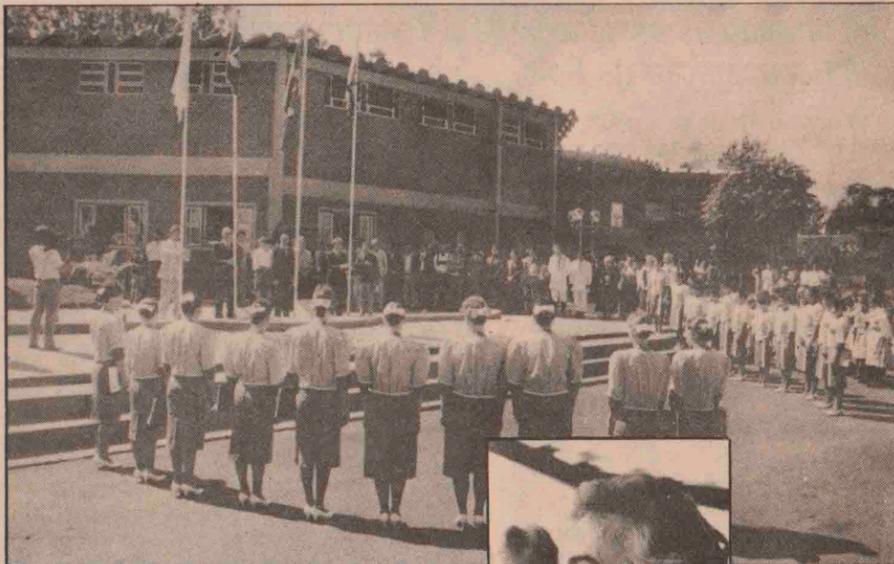
Adelar Baggio

lação a outros centros de produção do Estado. Todos perceberam que Ijuí, a continuar no mesmo processo, está se tornando um município de serviços", salienta ele ao identificar uma fase de transição, onde só existem duas saídas: ou se permanece na periferia ou se passa para um novo ciclo, com outro patamar tecnológico, outro parque industrial, outra estrutura de propriedade rural.

FEITEC PERMANENTE

"É claro que poderemos levar até dez anos para invertermos estas tendências", adverte Baggio, explicando que este processo exige um esforço sobre-humano de todas as forças participantes da economia. Mas, agora, diz, "as lideranças de Ijuí estão maduras para organizar planos através da própria Feitec", que não acontecerá mais com datas, mas sim em caráter permanente, a partir de comissões específicas por área, que serão responsáveis pela elaboração de planos de prioridades de investimentos.

Para a formação destes grupos será exigido as melhores inteligências, que num segundo momento terão de levar esta discussão a população. "Não podemos trabalhar pela média ou consenso", afirma ele, destacando a necessidade das lideranças que hoje fazem parte da Retomada, assumir con-



I Feitec: apoio do governo estadual, entidades federais e universidades

cretamente o desafio colocado pela Feitec. Citando o exemplo da Cotrijuí, ao lançar o seu Projeto de Recuperação de Solos, o presidente da Feitec, aponta outros como a implantação de um frigorífico em Ijuí. "É preciso se voltar a um avanço efetivo da industrialização, com um novo patamar tecnológico na agropecuária".

DA UNIVERSIDADE

Pelo lado educacional, segundo o professor, o saldo foi um dos melhores, pois a Feira proporcionou um encontro entre várias universidades e centros de experimentação, que estarão acompanhando todo o desenrolar deste debate provocado pela Feitec. "Agora deverão se realizar colóquios mais constantes e encontros para sensibilizar toda uma camada da população e do próprio setor de educação que ainda estão distantes da questão tecnológica".

Os próximos anos, portanto, mas principalmente 89, será decisivo, sentença Baggio, dizendo que, ou se parte efetivamente para um novo projeto de industrialização e agroindustrialização, ou aquelas lideranças que hoje têm esta visão vão embora, como já aconteceu anos atrás. "Aí, diz ele, vai ser muito mais difícil recuperar o desenvolvimento".



Eduardo Machado

Apoio ao desafio

Os desafios provocados pela II Fenadi e I Feitec contaram com o apoio por parte do governo do Estado, que esteve em Ijuí, representado pelo secretário de Ciência e Tecnologia, Eduardo Machado. Também prestigiaram o ato de abertura, o deputado Irani Müller, pela Assembleia Legislativa, o presidente da Fundação de Assistência do Estudante, Carlos Pereira de Carvalho e Silva, o presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, Neri dos Santos Filho, além de outras autoridades estaduais e federais, prefeitos municipais da região e representantes das universidades e expositores.

DINAMISMO

Apontando a realização da II Fenadi e da I Feitec, como uma demonstração do dinamismo do município de Ijuí, o secretário Eduardo Machado disse que o evento "abre espaço para a comunidade discutir os seus rumos econômicos e assim contribuir para o desenvolvimento do Estado, que desde a década de 70, vem perdendo o seu espaço no cenário nacional, devido as frequentes frustrações de safras agrícolas e a estagnação tecnológica do seu parque industrial".

Embora tenha afirmado que a tecnologia é apenas um dos aspectos que contribuem para o desenvolvimento sócio-econômico, Eduardo Machado disse que ela não pode ser relegada a um segundo plano, principalmente quando se fala em reverter a situação econômica do Estado. "Temos um duplo desafio hoje", salientou o secretário: "o de renovar o parque industrial do Estado e o de desenvolver uma tecnologia capaz de colocar à disposição das camadas menos favorecidas, os meios necessários a sua participação na economia do Estado".

MODERNIZAÇÃO

O prefeito municipal Wanderley Burmann, por sua vez, salientou o entrelaçamento da cultura com tecnologia, como possibilidade de uma maior geração de riquezas e crescimento para o município, que são as aspirações da nossa comunidade". E esta é a preocupação da administração municipal, disse Burmann, enfatizando a integração do executivo com a comunidade, na definição de prioridades da atuação administrativa.

A realização da II Fenadi e da I Feitec, a exemplo de outros acontecimentos passados, foi lembrado ainda pelo prefeito, como resultado do debate proporcionado pelo movimento da Retomada, que é hoje o grande canal de discussões e debates a respeito das idéias que surgem nos vários setores da comunidade. Por fim, o prefeito destacou o trabalho desenvolvido pela comissão central da II Fenadi e I Feitec, que mesmo contando com poucos recursos da administração municipal, conseguiu apresentar uma boa organização.

Um novo estilo de produção

No início do próximo século, o Rio Grande do Sul terá três milhões de habitantes a mais na sua população, ao mesmo tempo em que a participação da agricultura na renda global deve cair de 32 para menos de 20 por cento, enquanto a da indústria passará de 16 para mais de 20 por cento. Estes dados são da Secretaria de Planejamento do Estado e foram citados pelo reitor da Unijuí, Telmo Rudy Frantz, durante a abertura dos pavilhões da I Feitec.

Além desses dados, o reitor da Unijuí apresentou outros que completam o perfil econômico do Estado, com expressivos avanços, depois do ano 2000. Os estudos da Secretaria, no entanto, não têm as mesmas projeções para a região Norte, alertou Telmo Frantz, afirmando que "se nada fizermos para reverter o processo, continuaremos a ter uma participação de 16 por cento na economia do Estado".



Telmo Rudy Frantz

OUTRO PARADIGMA

Destacando que a vontade do homem pode mudar previsões, o reitor salientou que as modificações de uma economia passam pela adoção de um novo paradigma produtivo. Os acréscimos de produção não se darão dentro do atual processo, disse Telmo Frantz, ao indicar um novo padrão tecnológico, onde despontem novas atividades, novas formas de produção e novas fontes energéticas. "Nosso desejo é que região se de-

envolva, afirmou, lembrando que o mais importante para atingir estes objetivos é "a definição de uma estratégia de ação política, na qual os grupos sociais organizados e os governos, possam somar-se numa direção que expresse as prioridades de todos".

Depois de apresentar algumas sugestões fundamentais para a formação destas políticas, Frantz falou sobre o momento de realização da Feitec, dizendo que a presença da universidade, assim como outras entidades e instituições, é a de assumir definitivamente o futuro. "Mais do que mostrar coisas prontas, deseja-se oportunizar uma reflexão sobre nossos limites atuais e as possibilidades futuras", finalizou o reitor, anunciando a criação de uma comissão de professores e empresários, para estudar a viabilidade de implantação de um curso de engenharia mecânica na Unijuí.

Uma proposta de desenvolvimento

Integrando as atividades da II Fenadi e I Feitec, a Cotrijuí lançou oficialmente, no dia 17 de outubro, o seu Projeto de Recuperação de Solos, que é visto como uma proposta de desenvolvimento para todo o Estado.

O último dia de programação da II Fenadi e I Feitec, que também comemorou os 98 anos de fundação de Ijuí, foi marcado pelo lançamento oficial de um dos projetos mais arrojados da Cotrijuí, Regional Pioneira — o Projeto de Recuperação de Solos realizado juntamente com o Banco do Brasil. Com o objetivo de melhorar as condições físicas, químicas e biológicas de 180 mil hectares de terra, o projeto tem um suporte financeiro de aproximadamente 32 milhões de dólares, o que lhe permite atender cerca de oito mil produtores da região.

O ato de lançamento do Projeto Solos aconteceu no Centro de Treinamento da Cotrijuí, onde participaram o presidente Oswaldo Meotti, o secretário da Agricultura do Estado, Odacir Klein, o gerente adjunto da Superintendência do Banco do Brasil, Ari José Rauber, presidente da Emater, Suimar Bressan, prefeito municipal Wanderley Burmann, reitor da Unijuí, Telmo Rudi Frantz, representante da Fecotriço, Laudir Aozani, entre outras autoridades da região, diretoria da Cooperativa, representantes, associados e departamento agrotécnico.

OS MOTIVOS

A necessidade e os objetivos do Projeto de Solos da Cotrijuí, já em andamento desde o mês passado, foram apresentados pelo presidente Oswaldo Meotti, que lembrou inicialmente a precariedade produtiva dos 350 mil hectares que pertencem a área de atuação da Cooperativa. "Foi mais de meio século de cultivo tradicional, com uso excessivo do solo e técnicas nem sempre recomendadas", disse o presidente, antes de destacar a descapitalização que atinge a maioria dos produtores da região, proprietários de áreas inferiores a 50 hectares. A falta de recursos se traduz na incapacidade de investimentos, num significativo processo de êxodo rural e até mesmo numa descrença na atividade.

Após fazer esta exposição da



O lançamento do Projeto de Solos aconteceu no CTC, onde também foi realizada uma demonstração de espalhamento de calcário.



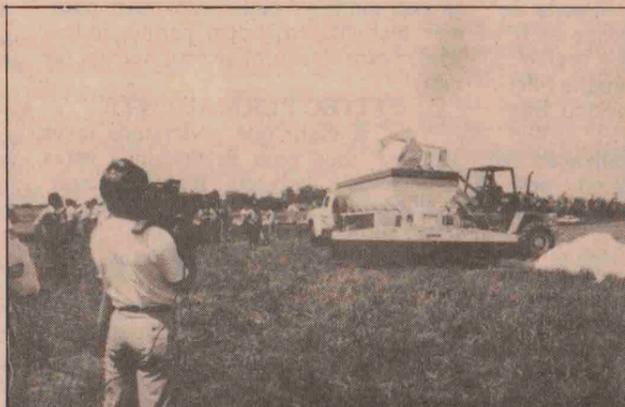
Oswaldo Meotti



Ari José Rauber

situação econômica da região, Meotti considerou a necessidade de se buscar alternativas econômicas para a viabilização do setor, a partir também da situação do mercado agrícola a nível externo e interno. Ainda que a produção brasileira, temporariamente, esteja sendo remunerada de forma satisfatória, é preciso estar atento às novas posições dos compradores externos, que já estão procurando produtos mais baratos que o farelo de soja e o próprio milho.

Além disso, continua Meotti, internamente, o produtor gaúcho, especialmente, enfrenta uma certa concorrência, oriunda do recente convênio entre Brasil e Argentina — o Protocolo 22, que impõe ao produtor brasileiro, a obrigação de ultrapassar as suas médias atuais de trigo. A este desafio soma-se,



de acordo com o presidente, um dos ainda mais pesado, que é o de superar os elevados custos de produção, causadores até de uma certa concorrência interna entre os produtores, como acontece no caso do milho.

SAINDO DA ESTAGNAÇÃO

Diante destes impasses todos, determinados em grande parte pela ausência de uma política governamental mais definida para o setor, a Cotrijuí, assim como sistema cooperativista em geral, passou a se perguntar se era possível continuar produzindo nos patamares atuais, com a soja rendendo 1.700 quilos por hectare, e o trigo e o milho 1.500, quando se sabe que as economias mais avançadas colhem, mesmo em anos de estiagens históricas, como acontece nos Estados Unidos, numa média de 1.800 quilos por hectare

A resposta encontrada pela Cotrijuí foi uma só: a de retomar as atividades de investimento, através de projetos que possibilitem uma remuneração real do produtor, como é o caso do Projeto de Recuperação de Solos, que ganhou dois fortes aliados. Por um lado, disse o presidente, a iniciativa da Cooperativa também se integrou ao momento psicológico da II Fenadi e I Feitec, que está motivando o desenvolvimento de toda a região. Por outro, enfatiza Meotti, teve o apoio do Banco do Brasil, que através de sua participação direta, ostenta ainda, com muita justiça, o título de maior banco de fomento do mundo.

O DOBRO DA DÍVIDA

Pretendendo um aumento de

pelo menos 30 por cento das médias atuais, a iniciativa da Cotrijuí, para recuperar os solos da região, pode ser medida pelo volume dos recursos que o sustenta, ou seja, o equivalente ao dobro da dívida atual da Cooperativa. "Nós, assim como o Banco do Brasil, disse Meotti, não titubeamos em assumir esse investi-

mento, uma vez que, o pagamento da dívida exige, antes de tudo, armazéns cheios, da mesma forma que o produtor, para alcançar maior rentabilidade econômica financeira precisa de uma maior rentabilidade produtiva, e o próprio poder público para aumentar os seus índices de arrecadação.

RETOMADA

Oriundos da Poupança Ouro do Banco do Brasil, os recursos destinados ao Projeto de Recuperação do Solo faz parte de uma retomada que o Banco do Brasil vem desenvolvendo junto ao setor, para incentivar o trabalho de recuperação e conservação do solo, através do aumento da sua fertilidade. "Apesar dos reveses de anos anteriores, estamos procurando resgatar o verdadeiro papel da instituição", afirmou o gerente adjunto da Superintendência Regional do Banco do Brasil, Ari José Rauber, ao salientar a responsabilidade do Banco junto a comunidade produtora.

O representante do Banco do Brasil falou ainda sobre o interesse demonstrado pela Cotrijuí na área de conservação de solos, não somente como uma preocupação, mas sim, realização de um trabalho concreto voltado para o desenvolvimento de toda a economia brasileira. "Precisamos aperfeiçoar os nossos meios de produção e melhorar a produtividade da nossa produção", finalizou o gerente, parabenizando a Cooperativa pelo exemplo que está lançando a toda região e chamando as demais instituições e cooperativas a participarem destas atividades.

Trabalho pedagógico

"Hoje temos dificuldades em todas as áreas produtivas, o que nos leva a buscar a rentabilidade através do aumento da produtividade". A afirmação é do secretário de Agricultura do Estado, Odacir Klein, durante o lançamento do Projeto de Recuperação de Solos da Cotrijuí, ao destacar a importância de alternativas econômicas, principalmente na área de conservação do solo, mesmo com a descapitalização que os produtores enfrentam.

Apontando os equívocos do passado, quando em nome apenas de um aumento da produção se usou excessivamente o solo, sem uma preocupação preservacionista da utilização da terra, Klein lembrou a perda de espaço do Rio Grande do Sul para outros estados. Agora, precisamos responder a um outro apelo, disse o secretário, ao igualar as preocupações do Estado, com as propostas da Cotrijuí, para devolver qualidade ao solo e aumentar a produtividade de grãos.

AGRADECIMENTO

Qualificando o Projeto de Solos da Cotrijuí como uma proposta pedagógica para a região, o secretário da

Agricultura, agradeceu pelo governo do Estado, a iniciativa da Cooperativa e do Banco do Brasil, enfatizando "a importância que se empresta ao cooperativismo"

no momento em que uma organização, reunindo um grande número de associados, assume a responsabilidade de todos os riscos para fazer um trabalho para o conjunto. "Se não fosse uma cooperativa, não se teria a possibilidade, fora do poder público, para desenvolver um projeto dessa natureza", afirmou.

Quando a realização da II Fenadi e I Feitec, o secretário manifestou todo o seu apoio, reforçando a idéia de que é preciso trabalhar para sair da crise. Mas, trabalhar, ressaltou Klein, com espírito crítico e postura democrática, para a criação de alternativas econômicas e intelectuais.



Odacir Klein

PROJETO SOLOS

Melhor trato à terra

Calcário, fósforo e potássio são os três insumos básicos do Programa de Solos, que exige, ao mesmo tempo, um melhor tratamento à terra, através da rotação de culturas e manejo adequado

Dobrar a média de grãos por hectare, ou pelo menos aumentar em 30 por cento o seu rendimento. Assim foi concluído o amplo estudo realizado pelo departamento agrotécnico da Cotrijuí, Regional Pioneira, em relação a estrutura física, química e biológica da terra da região, que hoje já começa a recuperar as suas qualidades, através do Projeto de Recuperação do Solo.

Baseado nas várias amostras colhidas em diversas propriedades que fazem parte da área de atuação da Cooperativa, o departamento agrotécnico conseguiu levantar dados determinantes, para a organização do Projeto, como o de que a maioria dos solos da região, possuem um baixo pH de 5,6 por cento, enquanto o ideal é de 6 por cento. A este dado também juntou-se o grau de fertilização, classificado como significativamente inferior aos 6 ppm (partes por milhão) recomendado, e um escasso teor de Potássio, muito abaixo do nível crítico de 80 ppm.

Além destas constatações foram verificados os níveis de matéria orgânica existentes no solo, que são a base da fertilização natural. Aqui a escassez é ainda mais acentuada, o que revela muito bem os efeitos das queimadas desnecessárias, do excessivo revolvimento da terra e do manejo inadequado. De todas as análises colhidas, ficou registrado a ocorrência de apenas 2 a 2,5 por cento de material orgânico, sendo o ideal de 4 a 5 por cento.

INVESTIMENTOS

Para reverter este quadro de insuficiência nutricional da terra, a Cotrijuí elaborou então, o Projeto de Solos, como forma de devolver fertilidade ao solo, com correção da acidez, através da aplicação de calcário, fósforo e po-

tássio. Já o produtor utiliza o financiamento de várias maneiras, dependendo da forma como compra e aplica o insumo. De todo jeito, ele conta com um prazo de até quatro anos para liquidar a compra, ou até mesmo, se precisar, devolve os insumos adquiridos com produto físico.

A operacionalização do Projeto, no entanto, tem ainda uma boa parte de investimentos, além dos insumos. Dos recursos liberados pelo Banco do Brasil, também estão incluídos uma frota de três tratores carregadores e quinze caminhões do tipo caçamba, sendo que em dez deles, estão acoplados os esparramadores de calcário. Isto significa, que ao finalizar o trabalho de aplicação dos insumos, toda esta frota estará à disposição dos serviços normais da safra.

OBJETIVOS

Com uma meta de recuperar uma área de 180 mil hectares em três anos, o Projeto poderá atingir uma outra parte da região, nos anos seguintes, e assim efetivar um aumento na produtividade das lavouras. Este objetivo, porém, é destacado pela área técnica, que coloca como uma exigência, um outro tratamento do solo, contemplando todas as práticas de manutenção nutricional. Uma delas, diz respeito a rotação de culturas por um período de três anos, utilizando culturas diferentes para a produção de grãos e cobertura de solo, além do trabalho de subsolagem e terraceamento bem localizado.

A ela, soma-se a aplicação do adubo de manutenção recomendado e a distribuição e incorporação dos nutrientes, que deve ser feita em uma única operação, a uma profundidade de 20 centímetros.

Muito a explorar

"De início se esperava muito da biotecnologia. Se pensava que ela vinha para modificar plantas e criar novas variedades, mas isso não aconteceu como se esperava". Quem faz esta afirmação é o engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa de Passo Fundo, José Maurício Fernandes que, durante a II Fenadi e I Feitec, veio até Ijuí para falar sobre "Aplicação da Biotecnologia na Agricultura". Ele disse esperar, para daqui uns 10 anos, que essas perspectivas realmente aconteçam, mas faz um alerta dizendo que é possível que essas novas variedades não sejam tão produtivas. "É certo que elas virão com resistência genética, com resistência a herbicidas e inseticidas, mas não altamente produtivas como muitos esperam".

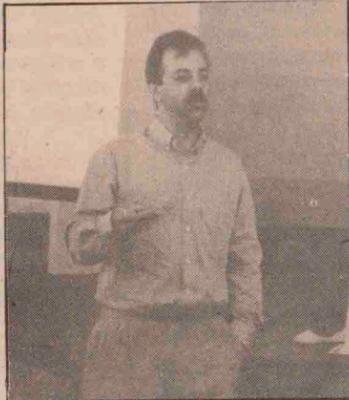
José Maurício, ao falar para uma platéia de pouco mais de 100 pessoas entre técnicos, agricultores e empresários, mostrou confiança na biotecnologia e acredita que realmente ela poderá trazer novas perspectivas para agricultura, através da criação de variedades de milho e de soja mais resistentes às pragas e doenças. Contou que nos Estados Unidos já existem variedades de tomate e de fumo, produzidas através da

engenharia genética e já sendo comercializadas, resistentes, por exemplo, ao ataque de lagartas. Considera esse avanço muito importante para a redução de custos na lavoura.

TECNOLOGIA, MUITO A EXPLORAR

Embora defenda a biotecnologia como uma nova fronteira que começa a se abrir para a agricultura moderna, José Maurício acha que, em termos de Brasil, a tecnologia ainda não foi devidamente explorada. "Temos muita tecnologia que ainda não está sendo usada pelos agricultores e que poderia, se aplicada, reverter em aumento de produção e de produtividade. Credita essa situação a incapacidade dos próprios técnicos de transferirem essa tecnologia e da falta de recursos. Reconhece que é muito bom se ter conhecimento das novas tecnologias, mas o Brasil, como um país em desenvolvimento e com uma fronteira agrícola muito grande, jamais pode esquecer das tecnologias convencionais. "O que está faltando é que essas tecnologias convencionais sejam empregadas corretamente pelos agricultores e que eles tenham recursos para poder aplicá-la".

Dentro desta visão,



José Maurício Fernandes

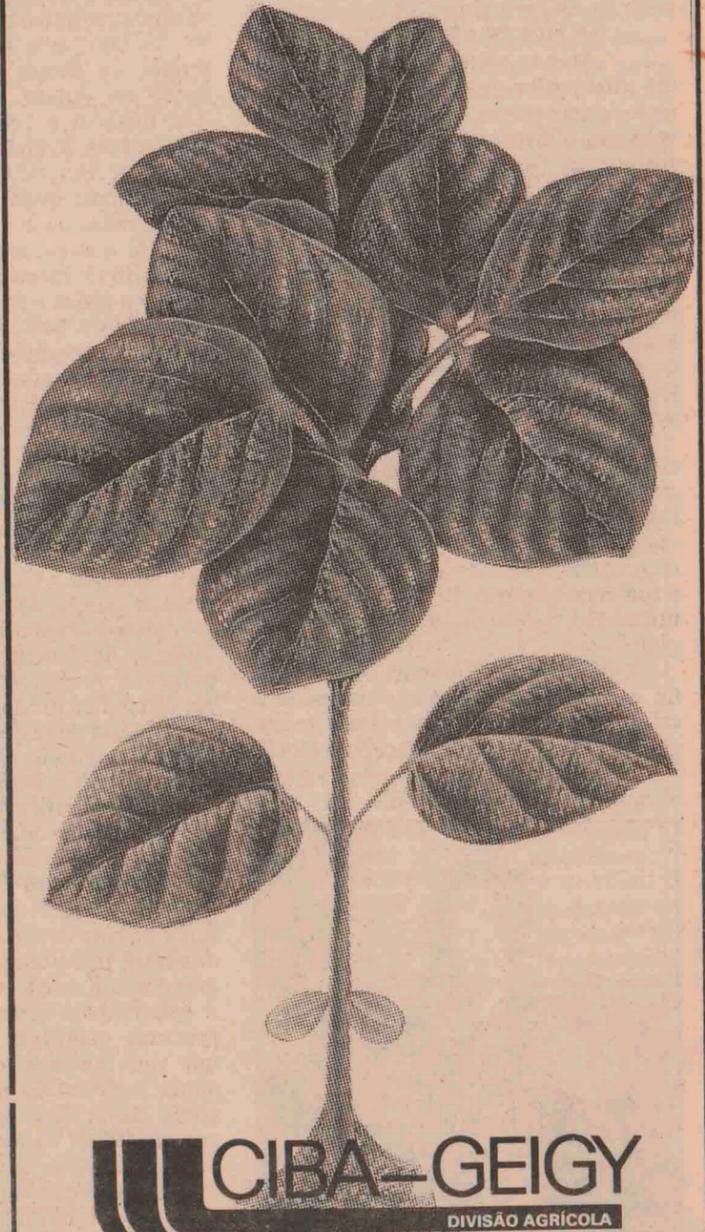
José Maurício lembrou que o milho híbrido, por exemplo, é obtido através de uma tecnologia bastante antiga, mas que infelizmente, ainda não é absorvida pelo agricultor. "Muito da tecnologia convencional ainda é suficiente para nós. Podemos tirar ainda muito dela, pois ao contrário do Japão e dos Estados Unidos, temos uma fronteira agrícola muito grande para ser aberta", explicou, lembrando ao mesmo tempo que todo esse trabalho de biotecnologia exige um investimento muito grande tanto de pessoal como de equipamento, já que se está mexendo com coisas a nível molecular. "É preciso ter cientistas na área de biologia, fisiologia, bioquímica e genética.



Frota de 18 veículos à disposição do produtor

DUAL[®]

A BOA COMPANHIA DA SOJA.



* Marca Registrada de Ciba-Geigy S.A. - Suíça
Produção Registrada na DIFOP/SDSV/MA - nº 012987

Um novo passo

Cotrijuí inaugura, dentro das programações da II Fenadi e I Feitec, um misturador de adubos. É mais um passo da cooperativa em direção a verticalização de suas atividades

O programa de diversificação de culturas da Cotrijuí na região ganhou, neste mês de outubro, um novo componente: um misturador de adubo, inaugurado em meio as festividades da II Festa Nacional das Culturas Diversificadas e da I Feira da Tecnologia. "É mais um passo da Cotrijuí em direção a verticalização de suas atividades", lembrou o diretor de Compras e Abastecimento da cooperativa na Pioneira, Romeu Orlando Etgeton, durante a inauguração do misturador de adubo. Presentes ao ato, realizado no parque industrial da Cotrijuí, o diretor superintendente da cooperativa, Walter Frantz; o prefeito municipal de Ijuí, Wanderley Burmann; o presidente da II Fenadi e I Feitec, Adelar Baggio; demais diretores contratados, conselheiros, representantes, associados e funcionários.

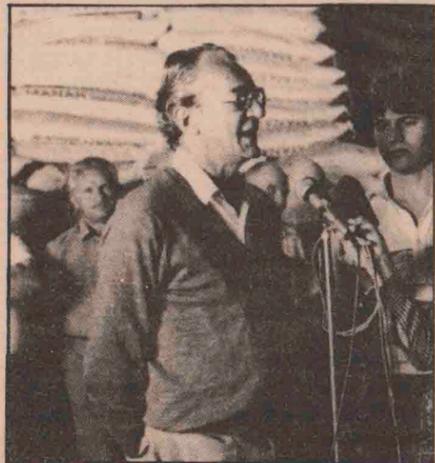
De posse de um misturador de adubos, a Cotrijuí vai ter condições de trazer a matéria-prima diretamente da fonte de produção para o agricultor. Essa nova máquina, observa Etgeton, vai nos permitir formular adubos químicos específicos que melhor se adaptem às condições de nossos solos, com possibilidades, inclusive, de adicionar nestas fórmulas, elementos ou microelementos que não são encontrados nos produtos normalmente colocados à disposição do agricultor".

MINISTRAR CUSTOS

Mas as vantagens de se possuir um misturador de adubo em casa, não se resumem por aí. A Cotrijuí também, segundo o diretor de Compras e Abastecimento, vai poder ingressar no sistema de produção de fertilizantes, de produção de matéria-prima, fato este que pode muito bem se caracterizar numa redução de custos. "A Cotrijuí vai poder trabalhar como reguladora de preços no mercado de fertilizantes da região", assegurou mostrando confiança no sucesso desse novo empreendimento que a Cotrijuí está colocando nas mãos do seu quadro social.

O misturador também vem funcionar como suporte para o programa de Conservação e Recuperação de Solos da Cotrijuí, "pois através desse equipamento teremos condições de comercializar todos os adubos fosfatados e todos os cloretos de potássio a serem utilizados pelos agricultores da região".

O superintendente da Cotrijuí na região, Walter Frantz, recordou a crise em que vivia a agricultura regional no momento da fundação da Cotrijuí e destacou a coragem do grupo de agricultores que, através de suas



Wanderley Burmann

idéias, seus esforços e trabalho, decidiu abrir novos caminhos para a economia regional. "Hoje, passados quase 32 anos, a Cotrijuí está retornando a uma nova fase que coincide exatamente com a retomada da agricultura no Rio Grande do Sul, falou. Entende que a Cotrijuí tem contribuído para essa retomada, colocando a inauguração do misturador dentro desta nova postura de desenvolvimento. Ao misturador de adubo e a essa nova ótica, Walter Frantz citou a inauguração da Fábrica de Rações, acontecida em outubro do ano passado, também dentro das programações da III Expo-Ijuí e I Fenadi, o soque de erva-mate, em Coronel Bico e o moinho de Santo Augusto.

NOVOS CAMINHOS

Walter disse ainda durante o seu discurso, que a Cotrijuí não pensa em parar por aqui e que por trás desses empreendimentos, existe uma filosofia, a de que pela organização das pessoas, é possível se abrir novos caminhos e contornar crises. É através da organização que eles estão abrindo espaços econômicos capaz de dar suporte aos seus empreendimentos. "Estamos num período em que se fazem coisas aparentemente simples, mas que na verdade representam para a região, um avanço e, principalmente, expressam a confiança e a coragem no futuro", disse ainda, referindo-se a Feitec, um passo que considera muito importante em termos de futuro para a região. "De agora em diante, ressaltou o Walter, que também é coordenador do Movimento pela Retomada do Desenvolvimento de Ijuí, só terá lugar na economia nacional quem souber, com tecnologia, capacidade e coragem, inserir-se nela. E nós estamos chegando a esse momento de inserção, disse ainda, intimando a todos a somarem esforços neste sentido. "Sob este aspecto, a organização cooperativa não é apenas mais um espaço econômico, mas também um espaço de participação nas decisões dos fatos econômicos, não só dentro da região, mas também no Estado".

MEXIDA NO PROCESSO PRODUTIVO

Para o presidente da II Fenadi e I Feitec, Adelar Baggio, o misturador de adubo que a Cotrijuí está instalando em seu parque industrial, além de representar mais um empreendimento industrial, vem mexer diretamente com o processo produtivo das propriedades em termos de produção da agricultura e da pecuária da região. "Tanto o misturador de adubos como o Programa de Conservação e Recuperação de Solos, reforçou, significam passos decisivos e irreversíveis, e que deverão se estender por várias décadas.

O prefeito Wanderley Burmann cumprimentou a direção, associados e funcionários da Cotrijuí pelo empreendimento, ressaltando o grande compromisso moral que a cooperativa tem com a comunidade regional no sentido de procurar viabilizar todos os projetos que vem lançando. "A Cotrijuí, disse ainda o prefeito, deverá ser o carro-chefe desta industrialização que está por acontecer na região". Desejou que o misturador de adubo e o novo ramo de atividade que está colocado à disposição dos agricultores associados, represente uma fonte geradora de progresso, "com muitos resultados positivos para todos".



Romeu Etgeton: em direção a verticalização



O misturador de adubo tem capacidade para operar de 20 a 30 toneladas de produto por hora

Fórmulas para todos os tipos de solos

A Cotrijuí está colocando nas mãos de seu quadro social um novo tipo de serviço: um misturador de adubos com capacidade para operar de 20 a 30 toneladas de produto por hora e ainda dotado de duas ensacadeiras. O equipamento, instalado junto ao armazém de insumos da cooperativa, foi inaugurado por ocasião da II Fenadi e I Feitec.

De agora em diante, matérias-primas como o cloreto de potássio, o superfosfato triplo, o superfosfato simples, o MAP, o DAP, a uréia e o sulfato de amônia, podem ser misturados dentro da própria Cotrijuí. "A idéia principal, explica o engenheiro agrônomo Ilário Gasparin, responsável técnico pelo misturador de adubos, é a de estocar a matéria-prima a granel". Essa matéria-prima deverá ser formulada e ensacada aos poucos, na medida em que o agricultor necessitar do produto para o plantio de suas lavouras. A estocagem a granel, segundo o agrônomo, vai evitar possíveis problemas de empedramento que, às vezes, ocorre com adubos comercializados sob a forma de mistura de grânulos.

Ao ingressar neste novo ramo de atividade, a Cotrijuí não só estará atuando como reguladora de preços no mercado da região, como também oferecendo maior segurança aos seus associados, colocando em suas mãos produtos com garantia de qualidade. "Do ponto de vista técnico, resalta, a grande vantagem é que estaremos produzindo fórmulas diferenciadas para os diferentes tipos de solos que existem na Região Pioneira da Cotrijuí". Com o misturador, a Cotrijuí também vai ter condições de se habilitar junto ao Ministério da Agricultura para importar matéria-prima, como por exemplo, o cloreto de potássio.

Mas o Ilário garante que, apesar de passar a operar com o misturador de adubos, a Cotrijuí pretende continuar trabalhando com outras marcas de fertilizantes, "já que o objetivo da cooperativa não é o de substituir produtos, mas ampliar sua participação no mercado, indo de encontro à política geral da entidade, que é de continuar sendo a principal fornecedora de insumos destinados a produção primária".

"AGRICULTOR"

É hora de aumentar a nossa produção de milho!

Plante a melhor semente

de milho híbrido

Plante Braskalb!



Braskalb®

TECNOLOGIA MUNDIAL EM SEMENTES

Escritório Central: Rua Visconde de Taunay, 321
Tel.: PABX (0192) 32.4599 - CEP 13100 - Campinas - SP

Maior integração empresarial

Tornar possível projetos concretos, planejados a partir de uma situação de crise. Este é um dos desafios que se apresentam ao setor empresarial de Ijuí, quando, através da sua associação, a ACI, completa 71 anos de organização. Fundada em 21 de outubro de 1917, a Associação Comercial de Ijuí é formada por 440 empresas, industriais, comerciais ou de prestação de serviços, e tem como linha de trabalho, a defesa dos interesses do setor, por meio de discussões de problemas e agilização de soluções.

Como entidade representativa do empresariado urbano e rural, a ACI sentiu de perto a estagnação do processo produtivo do município, ocorrido nos últimos anos. Por isso, como afirma o seu presidente Afonso Celso Haas, ela foi uma das primeiras entidades a coordenar as discussões do movimento de Ijuí na Retomada pelo Desenvolvimento, em 1984. A partir desta época, diz Afonso, "um grupo de pessoas passou a se preocupar com a situação econômica de Ijuí e a discutir algumas prioridades de crescimento".

Além da própria estagnação do processo produtivo, mais caracterizado pela quebra de algumas empresas e a ausência de crescimento de outras, havia também, segundo Afonso, uma falta de entrosamento de todos os setores representados pela Associação. "Com a instalação da Retomada se lavou muita roupa suja", diz o presidente, explicando que a partir do entendimento firmado neste período, já se idealizou uma nova mentalidade empresarial e se efetivou a participação de todas as en-

tidades integrantes no movimento, para acertar uma série de problemas.

SAÚDE, PRIMEIRO PASSO

Uma das questões que mereceu prioridade nas discussões desenvolvidas pela Retomada, foi a precária estrutura de saúde municipal, que levou a própria Universidade de Ijuí a se transformar num centro formador de saúde. "Ocorreram grandes avanços desde a Retomada", fala Afonso no que é completado pelo superintendente da Cotrijuí, Regional Pioneira Walter Frantz, que aponta a criação da Comissão Municipal Interinstitucional de Saúde, a Cimis, como um fato concreto do movimento pela Retomada.

Mas, fora a melhoria no atendimento médico e hospitalar, os grandes resultados desta integração empresarial, com o poder público e universidade, são vistos, pelo superintendente da Cotrijuí, "pelo amadurecimento das discussões dos nossos fumos de desenvolvimento". A importância que se coloca a este momento, continua Walter, é o de entender o processo de desenvolvimento como uma fase de crítica ao processo de produção e a nós mesmos", partindo para uma nova posição, mais criativos e mais integrados".

Esta aprendizagem é válida para todas as empresas que participam da ACI, diz Walter, ao destacar as idéias fundamentais da integração, como o reconhecimento de uma organização a nível econômico e político, para buscar nas leis de mercado, a realização dos seus interesses". Qualificando este relacionamento mais estreito com as demais empresas de Ijuí, como parte des-

ta nova mentalidade, o superintendente da Cotrijuí, diz que este amadurecimento está dando condições para uma arrancada ao desenvolvimento, da qual fazem parte propostas até hoje consideradas ousadas.

NOVAS ALIANÇAS

No futuro, afirma Walter, é possível até que o capital cooperativo se junte a outros capitais, para buscar, através da organização econômica, a realização dos seus objetivos. "É uma forma bastante ousada de pensar, mas quem garante que não é por aí o caminho?", se pergunta o superintendente ao citar as várias frentes a serem trabalhadas pela economia do município e da região. Uma destas frentes diz respeito a questão energética, que é vista como um ponto primordial para o desenvolvimento das propriedades rurais, da Cooperativa e de outras empresas, deve fugir cada vez mais do comando governamental.

"É preciso pensar de forma prática, diz Walter enquanto o presidente da ACI, fala sobre a necessidade urgente de instalação de micro-usinas hidroelétricas, baseado em um provável colapso do setor até 1991. "Se pensamos que os nossos rumos passam pelo desenvolvimento industrial, temos que nos preocupar, então, com a energia, o saneamento e a telefonia", afirma o empresário, salientando ainda a qualificação da mão-de-obra, e o estímulo à construção civil, com a participação de todos os setores econômicos, individuais ou associados.

PROVOCAÇÃO

As novas alianças econômicas



Walter Frantz



Afonso Celso Haas

atingem ainda, de acordo com Walter, outros patamares, como a formação de agroindústrias. Embora o cooperativismo tenha as suas leis próprias, justifica o superintendente, a abertura da sociedade brasileira ao futuro exige um pensamento provocativo para a viabilização da agricultura, dentro de um novo processo produtivo mais veloz e mais dinâmico. "Quem não se adequar a este novo processo corre o risco de desaparecer ou no mínimo ficar à margem do seu comando".

Não mande a fava às favas

Assim pensam alguns produtores de Coronel Bicaco, que tem na cultura, uma planta de bom valor proteico e comercial

"Ora, vá plantar favas!" Parece que este velho ditado popular dos italianos perdeu a sua interpretação de pouco valor, em relação a realidade da cultura nos dias de hoje. Por muito tempo cultivada apenas nos quintais da região, esta oleaginosa de inverno, que não consegue se desenvolver muito bem quando ocorre deficiência de chuvas, já faz parte das lavouras de diversificação de alguns produtores e desperta o interesse de muitos, tanto pelo seu valor na semente, como a sua utilização na rotação de culturas e a sua composição, com alto teor de proteínas.

No município de Coronel Bicaco, três produtores aderiram a fava, há quatro anos, fazendo dela uma cultura alternativa entre o trigo e a soja. Dos seus 256 hectares, os irmãos Ezequiel, Arno e Arnor Cembranel, destinam desde o primeiro ano de cultivo, uma para cada vez maior para a fava, que ocupou no último inverno 50 hectares. "Ela só não deu melhor por causa da seca", dizem os pioneiros da planta no município, que trouxeram as primeiras

sementes do município de Tucunduva.

QUALIDADES

Retribuindo muito bem para a formação de matéria orgânica, a lavoura de fava dos irmãos Cembranel, sempre tem uma parte incorporada à terra. "A fava melhora bastante o solo, principalmente para a soja", fala seu Ezequiel, que prefere a oleaginosa à aveia, por ser ela menos provocativa de inódo que a outra, e ter ao mesmo tempo, uma raiz forte e profunda, própria para ajudar na descompactação do solo.

Mas não foi só esta qualidade da fava que conquistou os produtores de Coronel Bicaco. Muito apropriada ao trato de vacas leiteiras e suínos, devido ao seu nível de proteínas, a fava, quando, depois de seca, for triturada junto ao milho. Na sua propriedade, por exemplo, o plantio de uma safra como a de agora, da qual colheu 360 sacos em 45 hectares plantados, ele já tem o suficiente para alimentar os animais, criados só para o consumo doméstico, durante um ano.



Ezequiel Cembranel e as favas: "elas melhoram o solo para o plantio de soja"

Em anos normais, no entanto, quando não falta chuva e o pulgão não incomoda, (único inseto registrado pelos produtores nestes quatro anos) a fava rende até mais de 30 sacos por hectare, apresentando um porte de aproximadamente um metro de altura e mais ou menos 30 vagens por pé. Para que isso aconteça também não é preciso muita despesa, dizem os produtores, bastando um solo regular e aplicação de 75 quilos de adubo por hectare.

O FILÃO DA SEMENTE

Se o ano é bom ou ruim, contudo, os Cembranel sempre tiram o pouco da produção da fava para comercializar à indústria, que segundo eles, é um mercado garantido. Mas o maior filão da fava mesmo, parece estar na sua produção para semente, da qual os produtores já forneceram em anos passados para o CTC e produtores da região, tendo atualmente

uma entrega a ser feita na unidade da Cotrijuí, em Coronel Bicaco, de aproximadamente dois mil quilos.

"É bem provável que a Cooperativa organize um recebimento bem maior de sementes, no próximo ano", afirma o engenheiro agrônomo da Unidade Neuri Frozza, baseado no interesse que os produtores têm demonstrado, e o que lhe faz prever uma introdução da cultura em lavouras mais extensas. "At então, diz ele, pode-se passar dos atuais 150 hectares para 300 hectares de cultivo na região de Bicaco".

Já cultivada há mais tempo em outros municípios da área de atuação da Cotrijuí, como Santo Augusto, por exemplo, a fava também ocupa um espaço no CTC. Ali, os experimentos da planta realizados em condução, tem apontado uma contribuição de até 24 por cento para suas nas em crescimento e terminação.

O desempenho da Cotrijuí

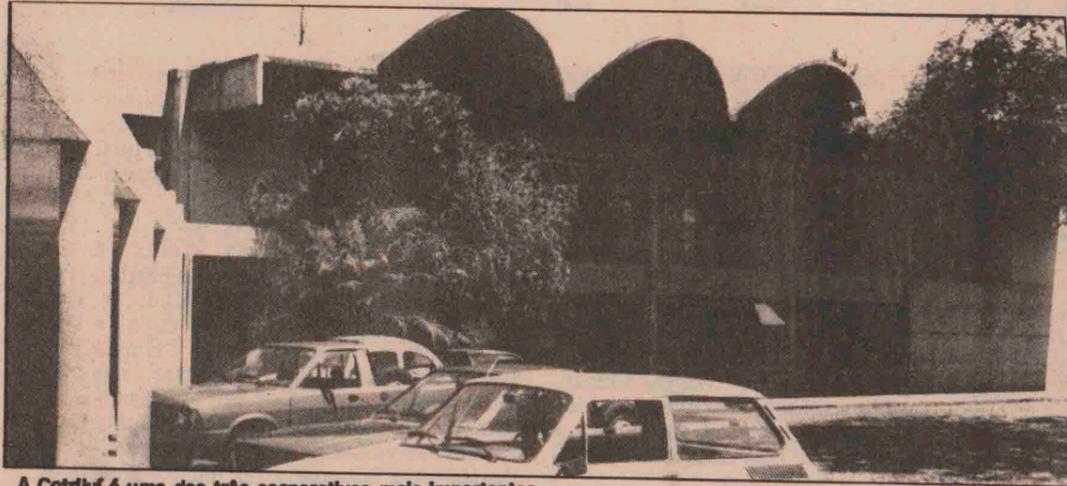
A Cotrijuí manteve sua colocação entre as "Melhores e Maiores" da Revista Exame, e foi destaque em capitalização

A instabilidade econômica que vem afetando o Brasil nos últimos anos, mas que se acelerou de maneira desordenada após a implantação e fracasso do Plano Cruzado, tem prejudicado o desempenho dos setores empresariais no seu todo. Chega a tal ponto a desordem na economia, que é quase impossível prever-se o que irá acontecer no dia seguinte. E pelo visto, essa instabilidade e incerteza tem-se feito sentir em igual proporção nos altos escalões administrativos da República, desestruturando até aqueles que administram a macro economia do País.

Haja vista que convivemos com o quarto ministro da Fazenda em menos de quatro anos de Nova República, sem que tenhamos definida uma política ordenadora de rumos e que estabeleça a confiança nas instituições. O que se vê e que se sente, quer no setor público como no privado, são as injunções de fatores que estabelecem dúvidas e geram desacertos cada vez maiores no contexto do econômico, com os naturais prejuízos ao social.

A precariedade de nossa estrutura econômico-financeira, revelada na fragilidade da moeda, submetida a uma inflação galopante e sem precedentes na vida nacional, dá o retrato sem retoques de uma nação que, em termos de economia, perdeu o total controle de si mesma. A disparada do "overnight", cotado em 50 por cento ao mês a partir de outubro, ocasionando a queda do diretor da Dívida Interna, é prova de que ruuiu por terra todo o alicerce de nossa economia.

A sarabanda dos preços ao consumidor, em contraste flagrante com a rigidez mercadológica da demanda, restringindo ao máximo o poder de compra da população, principalmente às classes proletárias, torna impossível qualquer previsão de preços e de mercado. Esse desacerto, é claro, vem de muitos anos. Antes não era pressentido com tanta evidência, pela mesma razão que um automóvel não arranca em alta velocidade. Os diferentes estágios na marcha de um carro, com cada tempo necessitando de etapas distintas de rotação-motor para fechar o ciclo, tem o similar mais expressivo no contexto da economia. Por isso que não se pode analisar o estágio atual da inflação, cujo patamar já atinge a cifra de um por cento ao dia, sem uma verificação retrospectiva das causas que a geraram. Não é possível, por uma questão de justiça, isentar o governo atual pelo descontrole econômico em que vivemos. Mas pela mesma questão de justi-



A Cotrijuí é uma das três cooperativas mais importantes

ça, é preciso estudar as causas primeiras que colocaram o país nesse cipal, de onde não está encontrando saída.

De uma maneira generalizada, o setor empresarial tem sentido e sofrido as consequências desses descaminhos na economia. Dois ministros da Fazenda foram substituídos no ano passado e acaba de cair um influente diretor do Banco Central. É natural que os fenômenos de causa e efeito — o fator bumerangue — se refletisse no desempenho financeiro e mercadológico das empresas.

As publicações especializadas do eixo Rio-São Paulo detectaram os problemas vividos por elas e os apontaram em suas listas de "Maiores e Melhores". Tanto no setor produtivo como nos de repasse e financeiro, ocorreram mudanças significativas em relação ao desempenho que alcançaram no ano anterior. A exceção dos grandes conglomerados internacionais, ou "holding" com raízes no exterior, dificilmente as empresas têm repetido performance, ano após ano, no "ranking" das Maiores e Melhores.

Uma análise das 500 maiores empresas privadas feita pela Revista Exame, mostrou que seis das primeiras colocadas do ano passado trocaram de posições. Por exemplo: subiram a General Motors (de 7º para 4º lugar); a Copersucar (de 8º para 7º) e a Texaco (de 10º para 9º). Desceram, Pão de Açúcar (de 4º para 6º lugar); Ford (de 6º para 8º) e Atlantic (de 9º para 10º).

No escalão intermediário, ainda segundo a Exame, os destaques foram as escaladas da C. R. Almeida, Avibrás, Volvo e OAS, todas elas com ganhos de mais de 40 posições, e a queda da Cutrale (empresa paulista do ramo de alimentos), do 57º para o 105º lugar. Entre as maiores empresas estatais, três do setor elétrico (Eletropaulo, Cesp e Furnas) subiram de posição, enquanto duas siderúrgicas (a SCN e Usiminas), juntamente

com a sua fornecedora, a Vale do Rio Doce, desceram de posição.

A gangorra da troca de posições não poupou nem o setor financeiro. Entre os 50 maiores bancos — um estrangeiro — o Citibank, e três estatais (Credireal, Banrisul e

Estado do Paraná), melhoraram as posições, ao contrário de outros três privados (Itaú, Unibanco e Real), que caíram no "ranking".

A Cotrijuí — uma das três cooperativas singulares

Recursos próprios (patrimônio líquido) sobre o ativo total, em %

1. Cotrijuí	75,9
2. Central Itambé	69,0
3. Coamo	62,7
4. Central/Sul-Brasil	58,2
5. Agr. de Cotia-Coop Central.....	57,5
6. Coopervale	56,1
7. Batavo	52,7
8. Cotrefal	52,5
9. Cocamar	40,1
10. Femecap	39,6
Mediana do setor	52,8

mais importantes do país — conseguiu manter-se na posição conquistada no ano de 1986. Portanto, mantendo a posição no "ranking", o que representa um bom sintoma, considerando as dificuldades do presente momento nacional, principalmente no setor em que atua. E a prova maior desse "bom sintoma" é performance no item capitalização, o que demonstra a confiança crescente de seu quadro social, que segue apostando no futuro da sua cooperativa, que será cada vez maior na medida que o quadro social prosseguir prestigiando e participando de seu destino.

Semente tratada com TECTO 100, todo mundo sabe o que vai ser quando crescer.



Uma planta sadia e produtiva.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



AC 16/87

TECTO 100
A PROTEÇÃO NECESSÁRIA

Marca Registrada



IB-A-11-A-16/87

No próximo ano, agricultores associados da Cotrijuí poderão visitar a França para conhecer a produção vegetal e animal da La Cana



Celso Sperotto e João Miguel de Souza em frente a cooperativa La Cana

Viagem a França

Dezoito cooperativas brasileiras, constituídas por um grupo de 38 pessoas, estiveram na França, visitando suas "irmãs gêmeas". A viagem foi coordenada pela Organização das Cooperativas Brasileiras, através da Secretaria Nacional das Cooperativas em conjunto com a Confederação Francesa das Cooperativas Agrícolas. As despesas referentes a estadias, transporte e alimentação na França ocorreram por conta das cooperativas francesas visitadas.

A Cotrijuí também integrou a comitiva. Foi representada pelo diretor vice-presidente da Pioneira, Celso Bolívar Sperotto e pelo gerente da área de Produção Vegetal, o agrônomo João Miguel de Souza. Celso Sperotto e João Miguel concentraram suas visitas a irmã-gêmea da Cotrijuí na França, a La Cana. A visita também foi uma retribuição, já que em junho deste ano, dois franceses, Médard Lebot e Marc Ravaud estiveram conhecendo a Cotrijuí. Além da visita feita a La Cana, os dois representantes da Cotrijuí também participaram de painéis sobre a agricultura na comunidade Econômica Européia, e da França. Também ouviram falar do sistema cooperativo agrícola francês e do cooperativismo de crédito daquele país.

A AGRICULTURA NA CEE

Sobre a agricultura na Comunidade Econômica Européia, Sperotto e João Miguel puderam constatar que a mesma tem uma área agrícola 3 por cento menor que a dos Estados Unidos e 4 por cento menor que a da Rússia, totalizando 129 milhões de hectares, produzindo 10 por cento da riqueza européia. Por essa razão, a CEE é, atualmente, o primeiro importador e o segundo exportador mundial de alimentos.

A modernização da agricultura, ocorrida após os anos 50 resultou num aumento da produtividade das principais culturas, enquanto que o mercado diminuiu ou estabilizou. Resultado: hoje sobram na CEE milhões de toneladas de leite, queijo, carne e álcool, especialmente o de beterraba. A saída é tentar diminuir a produção através de cotas leiteiras, buscando a redução dos estoques.

A AGRICULTURA FRANCESA

A França é o principal país agrícola a integrar a CEE, produzindo

em torno de 25 por cento dos alimentos de toda a Comunidade. Em relação a área agrícola, só a França dispõe de 24 por cento do total da superfície agrícola da CEE, atuando na agricultura francesa 1,5 milhão de trabalhadores ativos. A propriedade média é de 28 hectares.

Tanto a produção como a produtividade agrícola francesa dobrou a partir de 1960. A produtividade média do trigo pulou, neste período, de 2.580 quilos por hectare para 5.640; o açúcar de beterraba, de 7.700 para 9.400 e o leite, de 1.363 quilos por vaca para 4.275. A produção de milho evoluiu de 1960 a 1988, de 3 milhões para 20 milhões de toneladas. Também aumentaram de produção a ervilha forrageira, o girassol, a colza, o tremoço e a soja.

A Comunidade Econômica Européia colheu, no último ano, em torno de 1,4 milhão de toneladas de soja de uma área aproximada de 480 mil hectares. "80 mil hectares foram cultivados pela França e o restante pela Itália, explica João Miguel, contando que na região visitada, se observou lavouras com potencial de 40 sacos por hectare.

Além do cooperativismo de crédito, Celso Sperotto e João Miguel tomaram conhecimento da existência de mais 11 mil cooperativas de aquisição de máquinas e implementos agrícolas; 90 cooperativas de inseminação artificial e 4.250 cooperativas de comercialização e transformação que, em 1986, faturaram 50 bilhões de dólares.

MUITOS CONTATOS

A visita a La Cana, segundo Celso Sperotto, foi extremamente importante "pelos contatos realizados e pelas informações obtidas, os quais mais uma vez reafirmaram a necessidade da diversificação e do crescimento do mercado de consumo brasileiro". Em relação a Cotrijuí, a La Cana manifestou interesse em intensificar o relacionamento já existente que deverá ser fortalecido já a partir do próximo ano com a vinda de três conselheiros e um técnico. Para 1990 está programada a visita do presidente da La Cana.

Também ficou acertada, embora sem data marcada, a vinda de dois estagiários franceses, um da área de recursos humanos e outro da área de gestão das atividades produtivas. A Cotrijuí, por sua vez, segundo o diretor vice-presidente, manifestou interesse em

enviar agricultores e técnicos para conhecer o sistema de produção da La Cana e de outras cooperativas da região de atuação da irmã-gêmea da Cotrijuí.

Mais um estagiário

Christof Strohark, um estudante de 28 anos do curso de agronomia da Faculdade de Witzenhhausen, Kassel, na Alemanha Ocidental, passou sete semanas na Cotrijuí, realizando estágio na área técnica. Passou pelo Centro de Treinamento, mas confessa que gostou muito mais do trabalho realizado junto às unidades de Ijuí, Santo Augusto, Coronel Bicaco e Tenente Portela, pela oportunidade que teve de manter contatos com os agricultores. Christof chegou a Cotrijuí através do engenheiro agrônomo Rivaldo Dhein, gerente do CTC e que atualmente se encontra na Alemanha realizando cursos de aperfeiçoamento.

O estudante alemão pretende ficar mais cinco meses no Brasil, fazendo uma espécie de "turismo agrícola" por outras cooperativas. Tem a intenção de visitar a Embrapa de Passo Fundo, a Fecotriço, a Fazenda Annoni, algumas universidades, especialmente a de Londrina, no Paraná, com a qual a Alemanha mantém convênios na área de conservação de solos e ainda conhecer mais de perto alguns projetos de agricultura alternativa.

UM POUCO EXAGERADO

Christof confessa que sabia muito pouco a respeito do Brasil e da própria Cotrijuí, "uma cooperativa com um quadro social bastante heterogêneo. Ficou impressionado com o tamanho da Cotrijuí, com o endividamento dos agricultores, com a pobreza do sul, com o êxodo rural e nem tanto com o processo de monocultura. "Pelas leituras que fiz antes de vir para esta região, imaginava que a situação fosse bem pior", diz ele, embora desconfie que a política de diversificação que vem sendo le-

Quem é a La Cana

A La Cana é uma das maiores cooperativas francesas. Só em 1987 ela faturou quase um bilhão de dólares. O seu quadro social é formado por 26 mil agricultores, dos quais 10 mil são ativos. Estes estão organizados por região e são liderados por um conselho formado por 500 delegados -- 200 associados por delegado. O conselho de administração é formado por 26 membros, enquanto o "Bureau" tem oito membros que dirigem a cooperativa. Ainda existem as comissões especializadas ou por atividades, que são sempre presididas por um conselheiro administrativo.

A Cooperativa Agrícola La Noëlle Ancenis tem sua área de atuação no oeste da França, na região denominada "Les Pays de Loire". Trigo, leite e carnes -- bovina, suínos e aves -- representam dois terços do faturamento da La Cana. A produção de leite chega a 400 milhões de litros por ano; o recebimento de trigo a 110 mil toneladas e o abate de bovinos alcança a 125 mil cabeças.

Três produtos -- carne bovina, leite -- queijos e leite em pó e carne de suínos e de aves, são transformados pela La Cana. Essa transformação acontece através de três subsidiárias diferentes. Ainda compõem o grupo outras subsidiárias, a Sicadima, de máquinas agrícolas e a Samab, de rações.



Christof Strohark

vada na região seja ainda bastante parcial, sem atingir os fatores responsáveis pelo êxodo rural e pelos prejuízos causados à pequena produção. Diz ser possível ncar o trabalho que vem sendo feito em cima da diversificação, mas lamenta que estas lavouras, "até por questões de mercado e de preços", recebem um atendimento, por parte do associado, diferenciado.

Ficou impressionado com a pobreza e as favelas encontradas no Rio Grande do Sul. "Para mim, justifica, o Rio Grande do Sul era um estado rico. Jamais ia imaginar que em beiras de estradas, ou em pequenas cidades como Coronel Bicaco ou Santo Augusto, já existissem favelas miseráveis", diz Christof, lembrando que na Alemanha, um país em que a inflação não chega a 1 por cento ao ano, muitos animais possuem casas em situações bem melhor do que as encontradas nas favelas.

Sem querer ditar receitas, até porque "conhece o Brasil muito superficialmente", Christof acha que o país vai sair dessa crise danada depois que fizer uma verdadeira reforma agrária: envolver um maior número de brasileiros no processo de industrialização e refletir sobre a possibilidade de cortar relações com os países do primeiro mundo, "que também são responsáveis pela situação em que se encontra o Brasil nos dias de hoje".

O toque do apito marca reinício das atividades do frigorífico

**CENTRAL
DE CARNES**

Sob a direção da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, o Frigorífico São Luiz, localizado em São Luiz Gonzaga, voltou a operar depois de 17 meses paralizado. A reativação aconteceu dia 19 de outubro, com abate de suínos. A meta da Central de Carnes é abater 350 mil suínos por ano e outros 40 mil bovinos

O toque do apito, exatamente às 14 horas do dia 19 de outubro marcou a reativação do Frigorífico São Luiz, agora sob o comando da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes. O Frigorífico São Luiz, localizado no município de São Luiz Gonzaga, esteve com suas atividades paralisadas durante 17 meses, passando para as mãos da Central de Carnes em julho deste ano, depois que a mesma venceu a concorrência realizada pela justiça para arrendamento da planta industrial. De posse da planta, a Central logo deu início a um processo de reforma e modernização da indústria. O primeiro setor colocado em funcionamento foi o de abates de bovinos. O último a entrar em funcionamento foi o de abates de suínos, onde ocorreram mudanças mais significativas, envolvendo, inclusive, reformas de equipamentos.

A reinauguração desta segunda planta da Central de Carnes — a primeira funciona junto a Cooperativa Castilhense de Carnes em Júlio de Castilhos — aconteceu sem muitas festas, mas em meio a muita expectativa em relação ao sucesso

do empreendimento na região. O ato solene de reativação teve a presença dos Conselhos de Administração da Central e de suas filiais — Cotrijuí, Castilhense e Jaguari — e se resumiu num almoço de confraternização realizado no Departamento Nativista Carlos Bastos do Prado, seguido de uma visita às instalações da indústria.

Presente aos atos de inauguração do frigorífico, o prefeito municipal de São Luiz Gonzaga, Joaquim Nascimento, o presidente da Câmara de Vereadores Jaime Magalhães, os juizes de Direito da Comarca são-luizense, Montaury dos Santos Martins, Jocelana Lurdes Pereira dos Santos e Lais Ethel Corrêa Pias. Também presentes o promotor da justiça João Néson Paim Filho, o presidente da Associação Comercial e Industrial José Gomes de Oliveira, o presidente e o gerente comercial da Coopatrigo, Eugênio Portela e Lauro Remus, o síndico da massa falida, o advogado Ney Gioda Malgarim, o gerente do Banco do Brasil, Cilnei Flores do Amaral, o presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, acompanhado do diretor



A meta da Central de Carnes é de trabalhar até março num ponto de equilíbrio

superintendente da Regional Pioneira, Walter Frantz e dos diretores contratados Clóvis Rorato de Jesus, Romeu Etgeton e Léo Goi, alguns gerentes de área

e dos conselheiros associados Sadi Tiescher, de Ijuí e Antenor Bruinsma de Augusto Pestana. Recepcionaram as autoridades, o presiden-

te da Central, Tânio Bandeira, acompanhado por Ênio Milani, Jacob Giacomin e o gerente da unidade de São Luiz, Antonow.



O abate dos suínos

Maior segurança

Que esta segunda unidade industrial da Central de Carnes, recentemente reativada e localizada no município de São Luiz Gonzaga, vem para oferecer maior segurança aos associados da Cotrijuí da região, produtores de suínos, bovinos e ovinos, não resta mais nenhuma dúvida. "Ela vai contribuir para a incorporação definitiva destas atividades na propriedade", observa o diretor presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, o agrônomo Tânio Bandeira. Também cita como positivos o fato do frigorífico vir ocupar um espaço que ainda se encontra aberto e que começa pelo incremento da atividade, passa pela assistência técnica, pela entrega da produção, pela comercialização e encerra com a industrialização. "Este círculo, a partir do frigorífico, vai se fechar", diz o presidente da CCGC, citando ainda como vantagens o fato do produtor estar entregando a sua produção animal para quem, até aqui, sempre se responsabilizou pela comercialização da sua soja, do seu milho e das suas sementes.

PELA EXPERIÊNCIA

Essa nova alternativa, caracterizada pelo Frigorífico São Luiz, "viável e de escala" e que hoje se abre para os produtores associados das três cooperativas filiais da Central, deve ser encarada, segundo o Tânio, como um passo extremamente importante dentro do processo de diversificação. Reconhece também que essa segunda unidade vai permitir que as próprias cooperativas possam entrar "de cabeça" no setor da indus-

trialização. "Vamos descobrir por nós mesmos como as coisas acontecem, tanto a nível de mercado como de preços. Vamos aprender pela própria experiência".

Com capacidade para abater até 350 mil suínos por ano e 40 mil bovinos, a nova planta industrial vai ainda mais longe na medida em que se propõe a abrir um novo espaço para que o produtor possa trabalhar com outros tipos de suínos, que não apenas o tipo carne, tão comumente exigido pelas grandes indústrias frigoríficas. Receber estas carcaças, com um pouco mais de gordura é, segundo Tânio Bandeira, uma atitude "plenamente administrável dentro de uma planta frigorífica como a nossa e que representa o resultado de um programa de alimentação alternativo fornecido a estes animais".

Com essa possibilidade em aberto, de criar animais com um pouco mais de gordura, o produtor fica, também, livre para trabalhar com raças mais rústicas, resultado de cruzamentos feitos com animais Wessex e Duroc ou Wessex com Large White ou Landrace. "O que se quer, ressalta o presidente da Central, é que a suinocultura, assim como qualquer outra atividade, represente apenas mais um componente dentro da propriedade e não um fim específico".

Dentro deste mesmo espírito se enquadra o bovino. A intenção é a de aproveitar, depois de certo acabamento, um pouco de trato e alguma gordura, animais que tenham sido utilizados na propriedade para outros fins. E neste ca-

so se enquadra a vaca holandesa, pronta para ser descartada ou aquele boi manso que já não serve mais para lavração. Essa postura vem resolver um antigo problema que os produtores se deparam na hora de fazer o descarte do plantel: o de encontrar colocação para estes animais. "E dentro da Central de Carnes, considerando o grande volume de embutidos com o qual passa a operar, esses animais serão plenamente aceitáveis", observa.

PONTO DE EQUILÍBRIO

Até março do próximo ano, a Central de Carnes vai operar com as suas duas plantas dentro de um ponto de equilíbrio, sem preencher o total de sua capacidade de abastecimento. A meta é, nessa primeira etapa, abater em torno de 10 a 12 mil suínos por mês e pouco mais de 2 mil bovinos. A produção de embutidos deverá sofrer um processo evolutivo, também equilibrado, podendo chegar a 500 toneladas por mês.

Mas considerando o trabalho de fomento à produção que vem sendo feito, principalmente na área de atuação da Cotrijuí, Região Pioneira, o Tânio mostra confiança e acredita que até metade do ano essa produção deverá estar dobrando. "É bem possível que, nesta época, se nada houver que atrapalhe a atividade, possamos estar trabalhando com um grande volume de animais, capaz de preencher sozinho uma das plantas da Central. Já o abate de ovinos deverá ser limitado, obedecendo as necessidades do mercado regional.



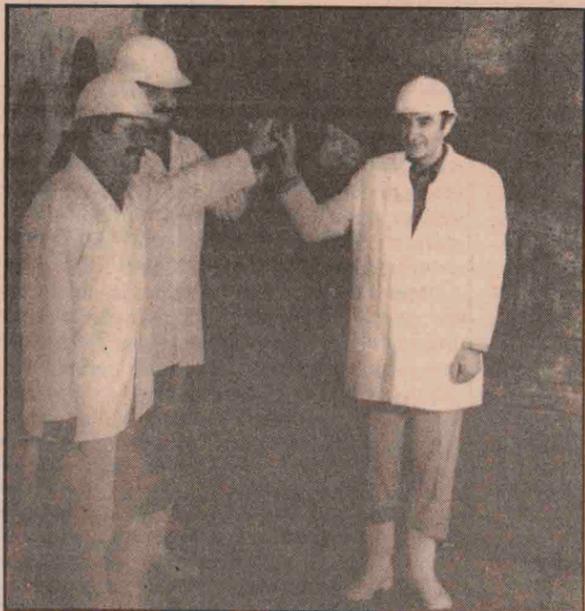
Tânio Bandeira

ALTERNATIVAS DE COMERCIALIZAÇÃO

Enquanto a Central de Carnes operava apenas a planta industrial de Júlio de Castilhos, toda a produção de embutidos e de carne era absorvida dentro do Estado. Mas agora, com a produção evoluindo, a direção da CCGC necessita de buscar outras alternativas, inclusive fora do Estado. "Estamos concentrando nossas vendas nos maiores centros populacionais, como Porto Alegre, região da grande Caxias e Pelotas e São Paulo. Acredita que todos estes pontos e mais as necessidades de algumas cooperativas, toda a produção terá colocação garantida. Também é intenção da direção da Central de Carnes, via planta industrial de Júlio de Castilhos, incrementar as exportações



Acima, a Indústria de salsicharia. O apito do frigorífico foi acionado pelo juiz Montauray dos Santos Martins, pelo prefeito municipal Joaquim Nascimento e pelo presidente da Cotrijuí Oswaldo Meotti



É claro, segundo o diretor presidente da Cotrijuí, que o ingresso das cooperativas no esquema de agroindustrialização, principalmente na área de carnes, seja através de enlatados, embutidos, salsicharia ou defumados, vai exigir certas condições. Também reconhece que estas condições não aparecem de uma hora para outra, mas fazem parte de todo um processo gradativo. "Um frigorífico próprio, sempre vai depender de grandes investimentos e nós ainda temos muitas etapas a serem queimadas, tanto na área produtiva como na área de mercado", diz considerando a ida da Central para São Luiz Gonzaga, para operar numa segunda planta industrial, como mais um processo de aprendizado. "As cooperativas filiadas a Central, através desta nova planta industrial, vão, além de ampliar seus conhecimentos, adquirir maior experiência na área de carnes.

industrial, como mais um processo de aprendizado. "As cooperativas filiadas a Central, através desta nova planta industrial, vão, além de ampliar seus conhecimentos, adquirir maior experiência na área de carnes.

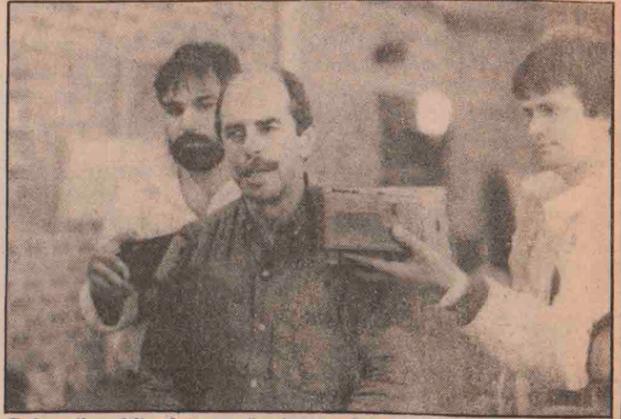
ESTRANGULAMENTO

A expansão da Central de Carnes até o município de São Luiz Gonzaga, para operar numa segunda unidade industrial é, inclusive, consequência do crescimento da produção de suínos na Região Pioneira da Cotrijuí e que vinha gerando um certo estrangulamento, em termos de abate, na planta industrial de Júlio de Castilhos. Também somou na hora da decisão de se buscar novos caminhos, a própria recuperação da Cooperativa Castilhense de Carnes, entrando, hoje, numa nova etapa de abates de bovinos e também as limitações da cozinha industrial que não apresenta condições de operar com toda a linha de embutidos. Cientes de que os nossos produtores de suínos precisam de um suporte seguro para os seus programas de produção animal, não se pensou duas vezes e decidimos trabalhar também em São Luiz Gonzaga", diz Meotti, ressaltando que a viabilização da atividade na região está na dependência de um maior volume de produtos industrializados. "Com uma oferta grande de matéria-prima e em crescimento, não podíamos mais continuar produzindo apenas 70 toneladas de embutidos por mês", assegura o presidente da Cotrijuí, acreditando que em pouco tempo, esse volume possa saltar para 220 toneladas/mês.

E embora reconheça ser difícil definir o tempo de permanência da Central de Carnes em São Luiz Gonzaga, já que o frigorífico encontra-se em regime falimentar e com possibilidades de entrar em leilão, Meotti tem certeza de que ele vai representar um trampolim na área de agroindústria para estas cooperativas que hoje operam com a CCGC. "Na pior das hipóteses, vamos aprender".

Grande caminhada pela frente

Ruben Ilgenfritz da Silva, ex-secretário geral do Ministério da Agricultura, ex-presidente do já extinto Incra, ex-presidente da Cotrijuí e fundador da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, falou em nome das cooperativas na solenidade de reinauguração do Frigorífico São Luiz, realizada nas dependências do Departamento Nativista Carlos Bastos do Prado.



Ruben Ilgenfritz: integração dos produtores

em São Luiz Gonzaga. Disse na ocasião que, embora o país viva um momento de muita apreensão e de muitas dificuldades, é hora de chamar a todos os brasileiros, independentes de suas funções às suas responsabilidades de participação na vida da sociedade.

O próprio sistema cooperativista, recordou Ilgenfritz, durante determinado período em que parte das liberdades estiveram banidas, teve uma grande função na medida em que permitiu em que as pessoas pudessem se aglutinar em torno das suas idéias, buscando um sentido coletivo de suas ações e de suas decisões. "Dentro desta visão pluralista, uma cooperativa na sua essência, é uma entidade que reúne as mais diversas convicções, tanto ideológicas, como econômicas, observou, destacando ao mesmo tempo que a grande responsabilidade dos administradores é a de não perderem de vista toda essa heterogeneidade do conjunto que forma a sua organização.

A IDÉIA DA CRIAÇÃO

Lembrou que a idéia de criação das centrais três de produção, sendo que uma já extinta e uma de prestação de serviços não fugiu a esse pluralismo, pois ele, segundo Ilgenfritz, não ocorre apenas na economia, mas também numa propriedade profundamente diversificada. Citou a Central de Leite, como um exemplo e que teve, inclusive, a coragem e a capacidade de se estabelecer não apenas para disputar matéria-prima, mas também para gerar essa matéria dentro de uma filosofia que seguiu o mesmo pluralismo de idéias.

Elas também serviram para fazer frente a um mercado bastante competitivo e que precisava ser encarado pelas cooperativas singulares. Para enfrentar estas grandes unidades industriais, as cooperativas optaram pela verticalização de suas atividades. "Através do sistema cooperativista, aponta o ex-presidente da Cotrijuí, se tentou reunir toda essa produção, direcionando-a para uma só unidade industrial que obrigatoriamente não necessitaria ficar instalada num único local, como o que está ocorrendo com

Para Ilgenfritz, a criação destas centrais, principalmente a de leite e de carnes que ainda continuam operando, nunca foi tão importante na vida do produtor como está sendo neste momento, pois além de abrir um espaço para a colocação da sua produção, através de uma central especializada em determinada atividade, é capaz de levar o produtor a determinar os caminhos econômicos que a sua própria organização deve seguir. "Estamos aqui, hoje, vivendo uma interação que supera aos interesses simplesmente do produtor associado, da matéria-prima, da suinocultura ou da bovinocultura para esta unidade industrial".

Ao considerar o trabalho de interação como regional e voltada principalmente para a comunidade de São Luiz Gonzaga, Ilgenfritz disse que também se estava levando vida para aquela região. Mas fez questão de destacar que a continuidade desta vida vai depender basicamente dessa interação e que envolve poder público, poder judiciário, dirigentes de cooperativas e produtores. "A Central de Carnes, disse ainda, não é só vitoriosa pelas suas perspectivas, pelo seu passado histórico, mas fundamentalmente pela integração dos produtores em torno de suas cooperativas".

O GRANDE DESAFIO

Para Ilgenfritz o grande desafio do momento é a ser vivido pela Central de Carnes é o de percorrer uma grande caminhada, "sempre buscando uma função social que é a de gerar empregos dignos. "O resto fica por conta do diálogo, da capacidade de auto-crítica e de muito trabalho".

Disse ainda que a Central de Carnes não deverá apresentar apenas a valorização da matéria-prima, mas tem o compromisso de criar estabilidade para fixar o homem ao campo. "O país, ressaltou, já não suporta mais o processo migratório desordenado que ocorre nesse país. O produtor precisa ficar no campo, mas para isso, é preciso que o bem-estar também chegue ao campo". Considera o sistema cooperativista como um destes instrumentos, "que não é só econômico, mas também social e político".

Produção, agroindústria e comercialização juntas

"O que se quer com a Central de Carnes é verticalizar para trazer maior valia e horizontalizar para atender um maior número de produtores de suínos dentro desta região produtiva". A afirmação é do diretor presidente da Cotrijuí Oswaldo Olmiro Meotti, ao encarar o processo de agroindústria que vem sendo tomado por algumas cooperativas singulares com um passo irreversível, já que, receber suínos, abatê-los e estancar na comercialização das carcaças é totalmente anti-econômico. Acredita que as cooperativas têm sido eficientes no fomento a produção, seja através da assistência técnica, da distribuição de insumos, de matrizes e leitões, porque não assumir também essa outra ponta do triângulo e que está relacionada com a industrialização. Mas faz um alerta: produção, agroindústria e comercialização são etapas que precisam caminhar juntas. Caso contrário, o tripé não vai fechar.



COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

* Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure orientação junto a nossa Corretora de Seguros.

* Sem qualquer despesa adicional, prestaremos as informações para uma correta cobertura e taxa de seu seguro.

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar - Fone 33-50-32

Aveia preta e fava na alimentação

A situação da suinocultura no Rio Grande do Sul não é das mais animadoras. A lucratividade do setor é baixa. A falta de milho e o alto custo dos ingredientes que compõe a alimentação tem inviabilizado o aumento da produção. Nem mesmo os constantes reajustes nos preços acima da inflação, segundo o gerente da área de Produção Animal da Cotrijuí na Pioneira, o veterinário Paulo Garcez, têm sido suficientes para remunerar com lucro a atividade.

Para o Paulo, o grande proble-

ma da suinocultura no Estado está relacionado com a dependência da cultura do milho. Seguramente o Estado importa 40 por cento de suas necessidades e isto faz com que a dependência dos preços de mercado e o deslocamento deste produto também venham influir nos custos de produção. A situação ainda é mais crítica neste ano em função da estiagem, reduzindo a colheita de milho em todo o Estado para pouco mais de 2,5 milhões de toneladas. A seca nos Estados Unidos, no entendimento do gerente da Área de Produção Animal, também influenciou no preço do produto, inviabilizando as importações. O próprio consumo de carne se encontra estrangulado na medida em que o consumidor não consegue recuperar seu poder aquisitivo.

BUSCANDO SOLUÇÕES

Diante deste quadro em que se encontra a suinocultura e, considerando que muitos dos seus associados estão apostando na atividade como mais uma fonte de renda dentro da propriedade, a Cotrijuí, através do seu departamento técnico, não vem medindo esforços no sentido de buscar soluções que venham amenizar a situação. "E a alimentação alternativa é a base do trabalho que está sendo desenvolvido pela Cotrijuí, explica Paulo Garcez, lembrando ainda que esta representa 80 por cento do custo de produção.

Trabalhos com aveia preta na alimentação de suínos na fase de crescimento e terminação já estão sendo realizados no Centro de Treinamento

em conjunto com a Universidade Federal de Santa Maria, "com resultados animadores". A fava é um outro grão, que segundo o veterinário, deverá entrar na formulação de rações para suínos. Outro trabalho destacado pelo Paulo está sendo feito com a mandioca, "tanto com a parte aérea como com a raiz". Ele acredita que todos estes elementos em avaliação apresentam plenas condições de serem usados como substitutivos do milho, contribuindo para a redução do custo de produção.

A assistência técnica é outro fator de preocupação. Paulo Garcez é de opinião de que o produtor cooperado tem de ser assistido de maneira específica, "para que, através do diagnóstico técnico de problemas de manejo ou alimentação incorreta, ele consiga melhorar seus índices de produtividade e diminuir custos". Para que este trabalho ocorra de maneira desejada, a Cotrijuí está colocando a campo elementos capacitados e com experiências no setor.

O Paulo ainda cita como exemplo do esforço que vem sendo desenvolvido no sentido de melhorar a situação da suinocultura na região, o projeto da LBA, que atingiu 2.500 produtores através do fornecimento de alimentos e do repasse de matrizes, buscando, neste caso, um melhoramento zootécnico do rebanho regional. No mesmo nível, ele coloca o cooperado de suínos. "É outra manifestação de apoio da Cotrijuí para os produtores de suínos", observa.

Muito a aprender

O diretor superintendente da Cotrijuí na Regional Pioneira, Walter Frantz, encara essa ida da Central de Carnes para São Luiz Gonzaga, para operar numa segunda planta industrial, como uma grande escola, "onde muito temos o que aprender". Disse ainda ter certeza de que a participação da Cotrijuí na entrega de matéria-prima para a Central de Carnes vai mexer profundamente com a economia regional.

Para o Walter, a expectativa na área de suínos vai ser a de estabilização do setor, "principalmente porque a Cotrijuí não se preocupa apenas com a comercialização da sua produção, mas também em encontrar alternativas para baratear os custos de produção", disse referindo-se aos trabalhos realizados pelo próprio Centro de Treinamento da Cooperativa e que comprovam a vantagem de se criar suínos alimentados com milho, mandioca, abóbora, pastagens. Em relação a bovino-

cultura, ele está apostando numa elevação do padrão de qualidade dos animais e também na organização do produtor. "Acredito que a segurança que o produtor vai ter em produzir bovinos de corte vai levá-lo a incorporar mais esta atividade na sua propriedade, complementando inclusive, a atividade leiteira".

Outro ponto positivo levantado pelo diretor superintendente da Cotrijuí na região diz respeito a ovinocultura. O frigorífico de São Luiz vai facilitar a colocação dessa produção excedente e que nem sempre é totalmente absorvida no consumo familiar". Evidentemente, reconhece o Walter, que muitos destes produtores terão condições de fazer uma produção para além do consumo caseiro e, neste caso, o frigorífico vem servir de suporte para mais esta atividade. O espírito é exatamente este: o de abrir novos caminhos para as alternativas que vão surgindo e sendo incorporadas na propriedade".

Importante para a região

Ney Gioda Malgarin
-advogado e síndico da massa falida do Frigorífico São



Ney Gioda Malgarin

Luiz - "A reativação do Frigorífico São Luiz é fundamental para a economia da região, já que é a única indústria de porte que existe no município de São Luiz Gonzaga e que antes de falir, empregava 496 trabalhadores. Era também, antes de encerrar suas atividades, responsável por 25 por cento de retorno do ICM para o município com reflexos diretos na economia regional. Então, a sua volta, só pode ter um significado muito importante para a região em face da geração de novos empregos, de novas riquezas, sem falar no fato de que está abrindo novos espaços tanto para a suinocultura como para a bovinocultura. Toda essa microregião está confiante no trabalho da Central de Carnes, principalmente considerando que é preciso reconhecer que a iniciativa de colocar o frigorífico em funcionamento é bastante arrojada".

Mais uma alternativa

Eugênio Portela
- diretor presidente da Coopatrigo - "A



Eugênio Portela

volta do nosso frigorífico não é só importante para toda a comunidade regional como também e principalmente, para os nossos associados. Não deixa de ser mais uma alternativa rumo a diversificação na propriedade que está sendo colocada nas mãos de nossos produtores associados e a qual tenho a certeza, receberá todo o apoio possível. Essa receptividade ficou clara durante algumas reuniões de núcleos que realizamos em conjunto com a direção da Central e onde aqueles produtores, que haviam se afastado da suinocultura com o fechamento do frigorífico, manifestaram a intenção de voltar à atividade. Da parte da direção da Coopatrigo, a garantia de dar continuidade ao trabalho de fomento a atividade através da área técnica da cooperativa, que deverá atuar de forma integrada com a Central".

Novo espaço

A nova planta da Central de Carnes, segundo o gerente de Comercialização da Cotrijuí na Pioneira, Ênio Weber, representa muito para os pequenos e médios produtores em função da pouca quantidade de animais destinados ao abate e que se resumem em algumas vacas de leite, no ponto de serem descartadas ou de algum boi manso que já não serve para o trabalho. "Mas o produtor, complementa o diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuí, Clóvis Rorato de Jesus, já vinha esperando que isso um dia acontecesse, até pela expectativa que existia de se criar um frigorífico na região". Diz que é mais um espaço que se abre para aqueles produtores que não são pecuaristas específicos, mas que sempre têm algum animal na propriedade, mas não tinham onde comercializar, já que a maioria dos frigoríficos prefere animais de corte. "E o produtor, diz ainda, já está acostumado e gosta de vender seus animais para a cooperativa".

Tanto o Clóvis como o Ênio admitem que, neste primeiro momento e até pela falta de experiências no abate de gado bovino, a Cotrijuí possa enfrentar alguns problemas operacionais, mas garantem que tudo é uma questão de tempo. "Já estamos, diz ainda o Ênio, com quase três mil animais bovinos inscritos para serem abatidos no frigorífico de São Luiz". O mês de outubro fechou com 400 animais carregados, com uma média de quatro cabeças por produtor. Esse número sempre vai depender da disponibilidade de descarte de cada propriedade.

Mas o recebimento de bovinos na região, feito pela Cotrijuí, segundo o Clóvis de Jesus, não deverá ficar restrito apenas aos pequenos produtores. A Cotrijuí também está recebendo animais de produtores com produção definida e onde a pecuária é uma atividade específica dentro da propriedade.

READEQUAÇÃO

Segundo o Clóvis, a Cotrijuí terá, certamente, que fazer uma readequação na área de operações para melhor poder atender os associados. Esse atendimento deverá ser feito através de melhores condições da própria prestação de serviços, buscando transmitir informações a respeito de mercado, e de assistência técnica. "Nós precisamos também investir em recursos humanos na área de operações para viabilizar os carregamentos e evitar maiores custos operacionais".

NUVACRON

Quem planta conhece.

CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

A Cotrijuí em Roque Gonzales

Oswaldo Meotti explica as razões que levaram a Cotrijuí a operar num município fora de sua área de atuação

Alguns associados da Cotrijuí, que ainda não foram devidamente informados, andam se perguntando o que a cooperativa foi fazer em Roque Gonzales, um município distante de Ijuí 145 quilômetros, mas totalmente fora de sua área de atuação. Na verdade, e quem faz esta explicação é o diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti, a cooperativa não foi parar em Roque Gonzales de graça. Essa ida, para trabalhar no recebimento da produção da lavoura de inverno, tem uma pequena história que começou há quatro anos atrás.

Em 1984, a Cotriexport, subsidiária da Cotrijuí, fez uma negociação de soja com a Centralsul, que contou com a participação de cinco cooperativas. Ao intermediar essa negociação para esse grupo, a Cotriexport recebeu um adiantamento da firma com a qual havia contratado a venda

do produto, repassando esse dinheiro às 5 cooperativas. Neste grupo encontrava-se a Coopatrigo de São Luiz Gonzaga, "que por motivos conjunturais da economia, não conseguiu cumprir com a sua parte que foi assumida pela Cotrijuí através da entrega de produto físico e da restituição do adiantamento recebido", explica.

Problemas estruturais internos impediram que a Coopatrigo fizesse uma hipoteca em favor da Cotrijuí, preferindo propor a venda da Unidade de Roque Gonzales, mas com uma cláusula de retro-compra. Ou seja, ela vendia a unidade armazenadora para a Cotriexport pelo adiantamento recebido pela soja, com a garantia de que, assim que pudesse saldar a sua dívida, recompraria a unidade. Caso não pudesse entregar essa soja, ela entregaria o armazém como acabou acontecendo já que a seca deste ano

atrapalhou o recebimento de produto da Coopatrigo.

MUITAS TRATATIVAS

De posse do armazém, a Cotriexport, detentora jurídica do armazém, tentou passá-lo adiante através de negociações, já que que a Cotrijuí não

tinha interesse em operar num município onde outras duas cooperativas estão atuando. "O nosso objetivo, é verticalizar nossas ações dentro de nossa área de atuação", ressaltou Meotti, garantindo, no entanto, que a Cotrijuí, em momento algum pensa em abrir mão de um patrimônio que é de todo o grupo.

Entre as tentativas de negociação da unidade recebedora de produto de Roque Gonzales, Meotti cita as tratativas mantidas com a própria entidade credora, através de



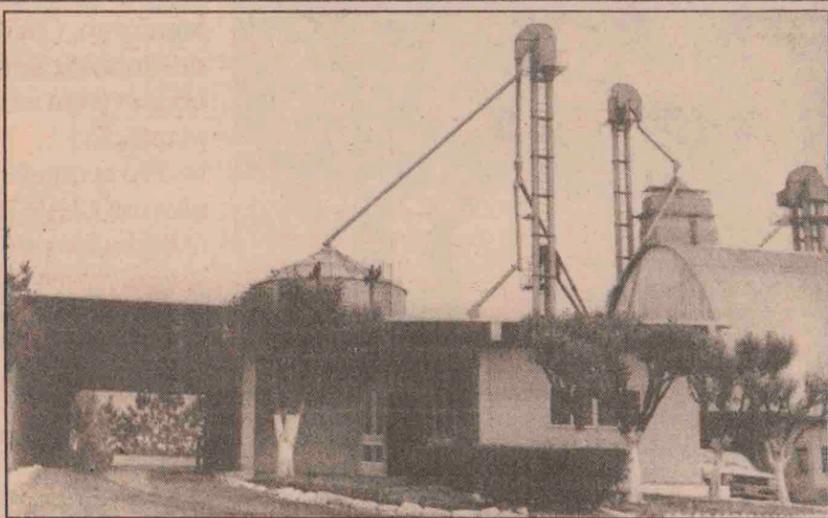
O armazém tem capacidade para receber até 12 mil toneladas de produto

4.500 TONELADAS DE TRIGO

uma subsidiária em São Paulo; com a Cotrisa, que já está instalada dentro do município e com uma nova cooperativa, recém formada. Mas nenhuma delas mostrou interesse em adquirir as instalações. Houve uma proposta para o governo do Estado sugerindo a troca da unidade por um armazém da Cesa localizado dentro da área de atuação da Cotrijuí, mas que também não resultou em negociação. "A única proposta que recebemos, foi do presidente da cooperativa recém criada, tentando arrendar a unidade, mas não aceitamos", diz.

Sem outra saída, a Cotrijuí, que em Roque Gonzales representa a Cotriexport, optou por fazer a unidade produzir e se fazer pagar, "assim como se tem feito com todo o patrimônio da Cotrijuí". E nesse "se fazer trabalhar para se pagar", a Cotrijuí já credenciou o armazém junto ao Ctrin para receber a safra de trigo, "mas sempre aberta a qualquer proposta de compra".

A unidade da Cotrijuí de Roque Gonzales é constituída por um armazém com capacidade para receber até 12 mil toneladas de produto: secador; máquinas de pré-limpeza; moega; balança; instalações para escritório e um armazém para insumos. A previsão de recebimento de trigo nesta safra, segundo o diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuí Pioneira, Clóvis Rorato de Jesus, é de 4.500 toneladas. "Estamos recebendo o trigo, mas vamos também receber a soja, o milho, o sorgo, a alfafa ou qualquer outro produto que os produtores de Roque Gonzales queiram entregar", explica o diretor presidente do Grupo Cotrijuí, prometendo aos produtores daquela região um tratamento semelhante ao dispensado aos seus associados. "Não vamos extorquir dinheiro de nenhum produtor, mas vamos trabalhar dentro de um esquema de distribuição de sementes e de insumos".



As instalações para escritório. . .



. . . e o armazém de insumos



COTRIEXPORT - CORRETORA DE SEGUROS

- Seguros Residenciais
- Seguros de Vida em Grupo
- e Acidentes Pessoais
- Bilhete Obrigatório

A SERVIÇO DA COTRIJUÍ E DE SUAS SUBSIDIÁRIAS

IDEAL PARA:

- Construção de silos aéreos, trincheiras e subterrâneos.
- Cobertura e proteção das colheitas.
- Impermeabilização de açudes.
- Construção de galpões provisórios.
- Além de outras aplicações.

QUALIDADE E PRODUTIVIDADE

Sertaneja

itap s.a. LONA PLÁSTICA 150

Av. Marechal Mário Guedes, 77 - Jaguaré - São Paulo - SP - CEP 05348 - Tel.: (011) 268-2122 - End. Teleg. Plastitec - Telex (011) 24949 - 24808
 FILIAIS: Rio de Janeiro - RJ: Av. Augusto Severo, 156 - S/104 Lapa - Tel.: (021) 221-2728 - Telex (021) 22243 Belo Horizonte - MG: Rua Matias Cardoso, 11 - C 204 - Tel.: (031) 335-0043
 Telex (031) 1533 - Aratu - BA: Av. Periférica, 4312 - Tel.: (071) 594-8677 - Telex (071) 2385

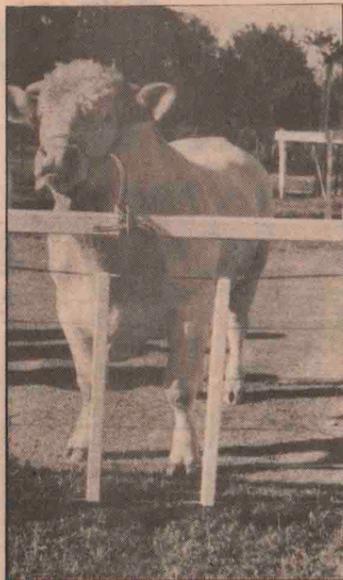
Expo pedritense vendeu Cz\$ 116 milhões

Com a totalização das vendas em Cz\$ 116 milhões em números redondos, resultado da comercialização de 191 animais, entre bovinos, ovinos e eqüinos, encerrou no dia 30 de outubro a 55ª Exposição Agropecuária de Dom Pedrito. A Expo pedritense, que movimentou o município de 26 de outubro a dois de novembro, foi inaugurada oficialmente no dia 29, com a presença do governador do Estado, Pedro Simon, que participou da festa à frente de grande comitiva de autoridades e técnicos da Secretaria da Agricultura e Abastecimento.

Grande público esteve presente ao Parque Juventino Corrêa de Moura, da Associação e Sindicato Rural de Dom Pedrito, que teve suas instalações ampliadas e modernizadas para a 55ª amostra. A pista de remates recebeu tratamento especial, sendo transformada num local mais amplo e com excelentes comodidades para o público.

Os escritórios Farrapo e Santa Ana promoveram os remates. E o destaque entre as vendas, conforme vem acontecendo há anos, pertenceu ao remate conjunto das estâncias Guatambu e Alvorada, que colocaram em pista 91 touros polled bereford, que alcançaram o preço médio de Cz\$ 832 mil, no totalizador de Cz\$ 75 milhões e 750 mil.

Outras cabanhas que também ofertaram a mesma raça alcançaram médias bem inferiores aos patamares atingidos pelas tradicionais Guatambu e Alvorada. Mas a segunda maior média da exposição foi alcançada pela raça aberdeen angus, exposta pela Cabanha Vista Alegre, de Oscar Vicente e Silva. Esta cabanha, que participa pela segunda vez da Expo pedritense, já havia feito sucesso quando de sua estréia, no ano passado. Os 21 touros em pista neste ano alcançaram a média de Cz\$ 607.142,00, com a totalização de vendas em Cz\$ 12 milhões e 700 mil.



Touro charolês em exposição

Outras raças bovinas com médias em alta, foram a red angus (Cz\$ 605); charoleza (Cz\$ 680 mil), e holandesa, Cz\$ 405 mil. No remate de cavalos crioulos foram vendidos três animais PP, à média de Cz\$ 300 mil. E as éguas de campo, também puras de pedigree, alcançaram médias de Cz\$ 348.800. Foram vendidas 20 fêmeas, no valor de Cz\$ 6 milhões e 976 mil. Entre os ovinos, as vendas foram bem menores. Porém, boa a média, de Cz\$ 110 mil.

O PROGRAMA

A programação da 55ª Exposição Agropecuária de Dom Pedrito, que se realizou conjuntamente com o festival "Ponche Verde da Canção Nativa", foi a seguinte: dia 26 de outubro, entrada dos animais e julgamento de admissão. Dia 28, 9h, julgamento de classificação. 18h, remate de ovinos. Dia 28, às 10h, continuação dos julgamentos de classificação. 15h, início dos remates de aberdeen angus, santa gertrudes, zebuínos e raças leiteiras. 18h, remate de charolês.

Dia 29, 11h, inauguração oficial, com a presença do governador do estado, Pedro Simon, prefeito municipal Quintilhano Machado Vieira e outras autoridades do estado e do município. Às 14h, remate da Estância Guatambu e Cabanha Alvorada. Dia 30, 10h, julgamento de classificação de eqüinos crioulos, e 18h, remate de eqüinos.

A realização da 55ª Exposição Agropecuária de Dom Pedrito foi mais uma promoção do sindicato rural, e contou com o apoio da Cotrijuí.

Indústria de milho no MS

A Cotrijuí, Regional MS vai iniciar este mês a construção da primeira indústria de beneficiamento de milho do Estado. O empreendimento será no município de Maracaju e a escolha do local obedeceu a um estudo criterioso de viabilidade, diz o diretor de operações e comercialização Vilmar Hendges, alegando que Maracaju vai sediar a nova indústria porque possui uma grande produção da matéria-prima, uma posição geográfica excelente e a cooperativa já possui uma infraestrutura de recepção, armazenamento e conservação do produto adequada para este tipo de investimento.

Hendges salienta também que a fábrica ocupará um espaço de três mil metros quadrados e terá capacidade para processar 240 toneladas de

milho por dia. O produto apresenta um crescente potencial para consumo humano, principalmente após a retirada do subproduto ao trigo, continua ele, e o mercado consumidor das regiões centro-oeste e nordeste do país vislumbra boas perspectivas de comercialização.

A Cotrijuí vai produzir numa primeira fase vários produtos derivados do grão, como a canjica, canjiquinha, fubá, o gritz e a quíquera e posteriormente será instalada a industrialização do óleo de milho. O investimento inicial exigiu recursos na ordem de 2.300.000 dólares e a obra deverá estar concluída em meados do próximo ano.

Com mais esta iniciativa, conclui o diretor, a Cotrijuí caminha firme rumo à implantação da agroindústria no Mato Grosso do Sul

Curso Técnico

Encontram-se abertas de 21 de novembro a 30 de dezembro de 1988, as inscrições ao exame de seleção para preenchimento de vagas na 1ª série do 2º Grau da Escola Agrotécnica Federal "Presidente Juscelino Kubitschek", de Bento Gonçalves. O exame de seleção será realizado na própria Escola no dia 5 de janeiro de 1988, às 8 horas.

A Escola oferece as habilitações de Técnico em Enologia e Técnico em Agropecuária, funcionando em regime de internato, para os alunos masculinos e semi-internato e externato.

Os interessados poderão obter maiores informações junto a 36ª Delegacia de Educação de Ijuí com a supervisão do 2º Grau.

Quem usa CLASSIC® não se assusta com ervas de folhas largas



Tem muito agricultor que vive levando o maior susto quando vê ervas de difícil controle na soja.

Desmodium, Carrapicho rasteiro e de carneiro, Mentrasto, Cheirosa, Corda-de-Viola, Picão Preto e outras ervas, vivem ameaçando a sua plantação.

Isso só acontece para quem não usa CLASSIC® da Du Pont. O herbicida pós-emergente sistêmico que controla ervas de folhas largas até onde outros falham.

Espante as ervas da sua plantação. Use CLASSIC®

CLASSIC®
Maior controle na menor dose.

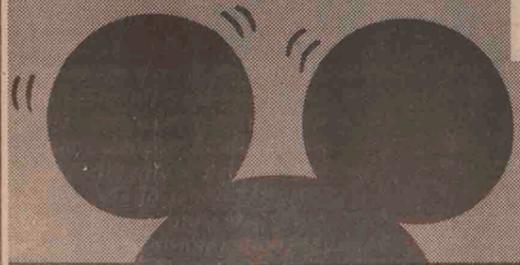
CLASSIC®

DU PONT

MARCA REGISTRADA



NOVIDADE PARA DEIXAR OS ROEDORES DE ORELHA EM PÉ.



RATICIDA TOMORIN 5

JÁ À VENDA NA SUA COOPERATIVA COTRIJUI.

CIBA-GEIGY
Higien

Contrabando segue preocupando

Começou mais uma safra de lã na Cotrijuí, Regional Dom Pedrito. As perspectivas são de um recebimento igual ou superior a um milhão de quilos, até meados de abril do próximo ano, quando se considera o final da safra de verão. De uns anos para cá, por consequência das novas técnicas de manejo, natalidade e criatório, pelo menos no que se refere a Dom Pedrito, tem havido aumento de produtividade por velo, com boa vantagem em relação a produtividade média do Estado. Nesta safra, o inverno prejudicou o rendimento.

Outra preocupação sempre presente em relação a lã, é o contrabando para o Uruguai. Apesar de representar uma contravenção às leis e do conseqüente temor da ação do fisco, muitos criadores arriscam, devido a diferença de preço do produto no Brasil e no vizinho país. O agrônomo Paulo Arinos Tarouco Pedroso, técnico da Secretaria da Agricultura cedido a Cotrijuí, diz que a diferença de preços estimula arriscar uma contravenção. Ele colocou a seguinte tabela comparativa de tributos.

URUGUAI	BRASIL
Lã suja	3 a 5%
Lã lavada	0,9%
Tops-bonific.	20%
	0,0%

Mas Pedroso chama a atenção para o fator dólar. No Uruguai, o dólar tem mercado livre, sempre com acentuada diferença em relação ao câmbio oficial do Brasil. E ainda tem a fronteira aberta, que se caracteriza quase que como um convite a contravenção, diz o técnico.

MODALIDADES DE COMERCIALIZAÇÃO

A lã entregue na Cotrijuí, na presente safra, terá as seguintes modalidades de comercialização:

1) - PREÇO MÉDIO

Nesta modalidade, o produtor entrega a lã na cooperativa e aguarda o resultado da comercialização. No período da venda, o produtor receberá as parcelas correspondentes do que foi comercializado, pré-



A lã entregue na Cooperativa será comercializada em duas modalidades

liquidação, enquanto aguarda a liquidação final. Havendo necessidade, o produtor poderá retirar adiantamentos. Os valores do adiantamento serão estipulados no momento que a operação for concretizada. Sobre esses valores, incidirão juros.

2) - LIQUIDAÇÃO PREÇO DO DIA - Esta modalidade permite ao produtor liquidar até 80 por cento do total da produção entregue na cooperativa, ao preço vigente no dia. Os 20 por cento restantes entram, automaticamente, na modalidade preço médio, e sem adiantamento. No momento da entrega da produção, o associado deverá fazer constar na nota fiscal de produtor, a modalidade de comercialização que escolher.

No caso de optar pela modalidade Liquidação ao Preço do Dia, deverá escrever na nota a quantidade de lã a ser liquidada, porém, respeitando o limite máximo de 80 por cento do total. A partir da data da entrega, o produtor ainda terá um prazo de 30 dias para determinar o momento que lhe parecer mais oportuno de realizar a operação. Vencido esse prazo, e sem uma definição expressa do produtor, toda a lã em depósito passará à Modalidade Preço Médio.

O Departamento Técnico esclarece que sobre os valores pagos ao produtor, na liquidação a Preço do Dia, incidirão descontos referentes a Cota-Capital e ao Funrural. Creditado o valor final na conta corrente do produtor, a

operação estará liquidada, não incidindo mais débitos relativos a juros e nem créditos referentes a retorno de comercialização futura.

A Cotrijuí possui máquinas próprias de esquila. A previsão de esquila a ser feita pelas máquinas da cooperativa é de 150 mil ovinos.

TABELA DE FRUTOS

A tabela de preços para Frutos do País, em liquidação, é a seguinte, para materiais de primeira: Couro bovino, Cz\$ 520,00; couro de equino, Cz\$ 250,00; cabelo cavalariço, Cz\$ 480,00; cabelo vacum, Cz\$ 480,00 o quilo, cabelo retoso, Cz\$ 240,00. Pelegos 3/4, lã de 1ª, Cz\$ 1.000,00. Pelegos 1/2, de 1ª, Cz\$ 2.400,00. 1/4, lã 1ª, Cz\$ 2.400,00. Peles, rolo I, Cz\$ 3.000,00, peles tronco I, Cz\$ 2.400,00, pele tronquinho I, Cz\$ 1.954,00.

Pele pelúcia I, Cz\$ 1.686,00, pele original I, Cz\$ 1.200,00, pele tosada I, Cz\$ 750,00. Pele borrego com lã I, Cz\$ 1.000,00, pele borrego sem lã I, Cz\$ 600,00, pele borreguinho I, Cz\$ 25,00, pele cordeirinho I, Cz\$ 120,00. As peles e couros de segunda e de terceira, mantêm os descontos de praxe.

Os pagamentos serão sempre à vista, sendo efetuados no próprio Setor de Lãs. As peles de 1ª qualidade (Supras), que forem lavadas, retirados os excessos de gordura, secas e acondicionadas em Paineis, serão valorizadas em mais 30 por cento sobre esta tabela.



Governador Pedro Simon falando durante o ato

Cooperativismo e saúde

A Fecotriigo firmou convênio com o Laboratório Farmacêutico do Rio Grande do Sul - Lafergs, para a destinação de Cz\$ 16 milhões mensais, destinados a contratação de mais 80 funcionários para aquela repartição estadual. O convênio, celebrado no dia 17 de outubro, além da Fecotriigo e Lafergs, envolveu a Secretaria da Saúde, Inamps, Iapas, e mais 17 cooperativas do Estado, vinculadas ao Sistema Fecotriigo. Assinaram o documento o governador do Estado, Pedro Simon, Terciso Redin, presidente da Fecotriigo, secretário Antenor Ferrari, da Saúde, e representantes do sistema previdenciário.

Os recursos financeiros são provenientes de parcelas dos 2,5 por cento que as cooperativas pagam, obrigatoriamente, à Previdência, na rubrica Funrural. A iniciativa visa aumentar a produção do Lafergs, através da criação de mais um turno de trabalho. Em troca, cada cooperativa participante do convênio receberá medicamentos conforme suas necessidades, e na proporção do volume da contribuição.

É digna de registro esta iniciativa da Fecotriigo. Desde o início da década de 70, a Cotrijuí vem contribuindo na área da saúde humana, inclusive com a manutenção de hospitais na região noroeste do Estado.



COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

* Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure orientação junto a nossa Corretora de Seguros.

* Sem qualquer despesa adicional, prestaremos as informações para uma correta cobertura e taxa de seu seguro.

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar - Fone 33-50-32

O ÚNICO SECADOR QUE DEIXA O SEU CEREAL NO PONTO CERTO.



Com as calhas cruzadas, sistema exclusivo do SECADOR SEMAG, a qualidade do produto se mantém inalterada e homogeneiza a temperatura em toda massa de cereais. Secagem contínua ou intermitente. Capacidade: de 3 a 40 t/h.



A MELHOR TECNOLOGIA EM TODOS SEGMENTOS
Equipamentos: calcário, forrageira, e de teste
Equipamentos: peneiração, transporte e armazenagem de cereais, adubos, minérios e outros.

Eixo principal com eixo secundário A Fone: (0512) 88.2299 Telex: (051) 1828
DISTRITO INDUSTRIAL DE GRAVATAÍ GRAVATAÍ - RS

MS realiza II Ferinter

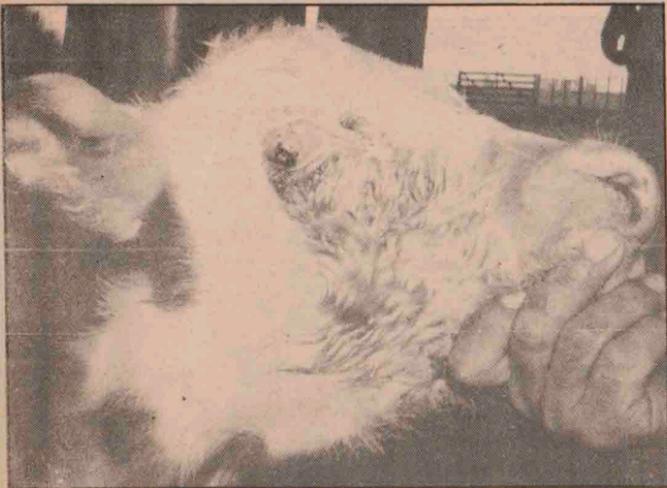
Campo Grande vai sediar de 26 de novembro a 4 de dezembro próximos a segunda Feira Internacional de Mato Grosso do Sul, a mais importante exposição estadual do gênero.

A Ferinter 88 que este ano será no novo centro de exposições - numa área de sete mil metros quadrados - é voltado para o setor de

serviços e produtos, e deverá receber diariamente três mil pessoas. A Feira vai receber também empresários de outros estados brasileiros, além de compradores da Bolívia, Paraguai e Argentina, que fazem hoje do Mato Grosso do Sul rota obrigatória para seus negócios devido à facilidade de acesso à região que eles têm como

países vizinhos.

A Cotrijuí, através da Regional MS, vai marcar presença e em seus três stands mostrará produtos como rações, sais minerais, vacinas, sementes, produtos alimentícios e uma maquete da futura indústria de beneficiamento de milho que será construída em Maracajú.



Animal afetado

O mal do olho do gado

O gado bovino do Rio Grande do Sul está sujeito a incidência de um mal que, principalmente nos meses quentes de verão, causam graves prejuízos aos rebanhos. Trata-se da Cerato-conjuntivite bovina, "Queratite" ou "Pink-eye", também conhecida nas estâncias como peste do olho, olho branco, ou lágrima.

O mal é causado por uma bactéria conhecida por *Moraxella bovis*. É mais ativa nos meses quentes, espalhando-se através das pastagens onde, proliferada, atinge os animais sadios na forma de epidemia. A maior dificuldade em combater o vírus reside no fato da bactéria apresentar variações distintas de um lugar para outro. Essa variação dificulta a indústria veterinária de criar medicamentos eficazes para rebanhos, de maneira padronizada.

O tratamento sempre foi feito por colírios e outros produtos à base de antibióticos. Além desses produtos serem difíceis de medicar, também não oferecem garantia de eficácia, visto que a sintomatologia e os efeitos curativos são diferenciados de lugar para lugar, muitas vezes de es-

tância para estância, mesmo que lindeiras.

IRFA TEM A SOLUÇÃO

O Irfa — Instituto Riograndense de Febre Aftosa, após 14 meses de pesquisas a campo e em laboratório, criou a KEVAC, uma vacina com adjuvante oleoso. A característica principal da vacina é a forma personalizada de sua fabricação, feita a partir de amostras das bactérias coletadas a nível de propriedade. Segundo o médico veterinário Carlos Quintana, gerente geral do Irfa testada em 100 mil bovinos do Rio Grande do Sul, a KEVAC provou eficiência em 97% dos casos atendidos em tempo.

Quintana adverte os criadores para que, ao notarem casos de Ceratite no gado, isolem imediatamente os animais doentes e comuniquem imediatamente sua cooperativa ou o representante local do Irfa. É importante que seja feita coleta de material dos olhos dos animais para exame de laboratório, pois as vacinas KEVAC são elaboradas de maneira personalizada, a partir do material coletado dos próprios bovinos com sintomas da doença.

Em busca de um modelo

A Organização das Cooperativas do Estado do Paraná — Ocepar, promoveu nos dias 29 e 30 de setembro, em Carambé, município de Castro, o Segundo Encontro Estadual de Jornalistas e Educadores de Cooperativas. A entidade anfitriã foi a Cooperativa Agropecuária Batavo, e o local, o Clube Social de Carambé.

A abertura do encontro, em sessão de trabalho, foi feita pelo presidente da Cooperativa Batavo, Dick Carlos de Geus, seguida de palestra do diretor de marketing da Tortuga Companhia Zootécnica Agrária, Guido Gatta, versando o tema: perfil da indústria de insumos veterinários e a importância dos jornais de cooperativas.

A tarde, a partir das 14 horas, palestra de Antônio José de Azevedo, coordenador de mídia da AGE Publicidade, de São Paulo. O tema abordado foi Mídia Rural. O diretor executivo da Ocepar, João Paulo Koslovski, abordou o tema, A Educação e os Caminhos do Cooperativismo. Todas as palestras foram seguidas de debates.

No dia 30, também a

partir das 9 horas, a jornalista Cacilda Zamberlan, estagiária da Ocepar, apresentou pesquisa, seguida de intenso debate sobre o tema, "Imprensa em Cooperativas Agropecuárias do Paraná". O tema proposto e exposto, é parte de trabalho de pesquisa sobre mestrado em comunicação social no Instituto Metodista Superior de São Bernardo do Campo, São Paulo. No encerramento, o diretor da Agromídia — Desenvolvimento de Negócios Publicitários de São Paulo, agrônomo Luiz Roberto Lee Pinto, abordou o tema, Mídia e Negócios Publicitários. À tarde, foi feita visita às instalações da Cooperativa Batavo, uma cooperativa modelo no gênero lacteínicos, no estado do Paraná.

BUSCA DE UM MODELO

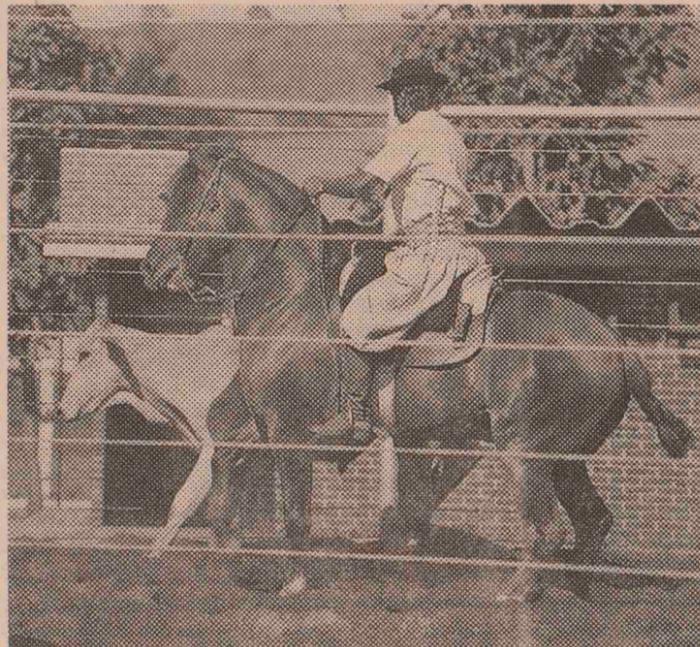
No decorrer das palestras e debates que se seguiram no Encontro do Paraná, ficou evidenciada, mais uma vez, a ausência de princípios e normas que definam, ao menos teoricamente, um processo característico de comunicação cooperativista. Apesar do jornalismo cooperativista existir há mais de 15 anos no país, e apesar dos muitos congres-

os e encontros havidos, não se tem como clara nem mesmo a consciência de diferenciação que existe entre o jornalismo convencional, ou comercial, e aquele dedicado à divulgação do sistema cooperativo.

São comuns as dúvidas quanto ao conteúdo das matérias a serem incluídas na pauta dos jornais. Nota-se, por outro lado, que existe uma preocupação muito grande quanto ao teor das mensagens, e uma nítida aversão de ordem cultural, que abafa qualquer intenção nesse sentido. Pode-se dizer que é quase generalizado o raciocínio de que o homem do campo, o rurícola e sua família, não necessitam ampliar conhecimentos. Por essa razão, os jornais de cooperativas são quase sempre insípidos, crus, indigestos, insalubres.

Ninguém quer sair do feijão com arroz, ou da soja e milho. Mesmo sendo sabedores que em muitas localidades do nosso interior não circula outro jornal que não o da cooperativa, os editores não admitem a inclusão de matérias outras que não aquelas já do cotidiano do homem interiorano.

QUEM TRABALHA MERECE.



Benefícios usando EQVALAN

- Mata os principais parasitas que podem reduzir a capacidade de trabalho do animal.
- Propicia maior agilidade.
- Controla a "ferida de verão" e a "cauda de rato".
- Para obter melhores resultados trate seus animais pelo menos uma vez na estação chuvosa e outra na seca.

EQVALAN é o mais completo e seguro vermifugo para todo tipo e categoria de cavalos.



MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária Ltda.

VC-16/88

(B) A - EQV - 16/88

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SANTO AUGUSTO

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA O EXERCÍCIO DE 1989

Aprovada em assembleia geral ordinária realizada no dia 11 de outubro de 1988, nos seguintes termos:

Contas	P/Conta da C. Sindical	P/Conta da R. Própria	Total
RECEITAS			
Renda Tributária	1.750.000,00	- 0 -	1.750.000,00
Renda Social	- 0 -	25.500.000,00	25.500.000,00
Renda Patrimonial	- 0 -	31.450.000,00	31.450.000,00
Renda Extraordinária	- 0 -	8.850.000,00	8.850.000,00
Total da Receita	1.750.000,00	65.800.000,00	67.550.000,00
DESPESAS			
Administração Geral	- 0 -	36.750.000,00	36.750.000,00
Assistência Social	1.500.000,00	10.500.000,00	12.000.000,00
Outros Serv. Sociais	250.000,00	6.750.000,00	7.000.000,00
Total do Custeio	1.750.000,00	54.000.000,00	55.750.000,00
Aplicação de Capital	- 0 -	11.800.000,00	11.800.000,00
Total	1.750.000,00	65.800.000,00	67.550.000,00

Santo Augusto, 11 de outubro de 1988

Valeir L. Gonzatto — Presidente — CIC nº 058.292.210/68

Lino A. Deplere — Tesoureiro — CIC nº 078.412.560/00

Mário Zambenedetti — Contador — CRC/RS 22.514 e CIC 080.510.200/06

Cereais: crise na produção de alimentos

Argemiro Lufs Bram
Montpellier — França

1 — FORTE BAIXA DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CEREAIS

Segundo o Conselho Internacional do Trigo, em seu relatório divulgado no final de setembro, a produção mundial de trigo ficará este ano em apenas 502 milhões de toneladas (contra 508 milhões anunciadas nas estimativas feitas em agosto e 513 milhões de toneladas colhidas em 1987).

Esta queda de 11 milhões de toneladas em um ano se deve essencialmente a forte seca acontecida nos Estados Unidos neste ano de 1988.

Por sua vez, o mercado mundial deverá negociar cerca de 97 milhões de toneladas de trigo neste ano contra 103 milhões em 1987, enquanto o consumo mundial será de 541 milhões de toneladas contra 538 milhões no ano passado. Isto significa dizer que, enquanto a produção se reduz de 2,1 por cento, o consumo mundial aumentaria de 0,6 por cento em 1988.

O resultado será uma baixa nos estoques mundiais deste cereal. Estes estoques passariam, ao final do ano comercial 1988/89, a 94 milhões de toneladas contra 133 milhões no final do ano 1987/88 e contra 160 milhões de toneladas no final do ano 1986/87. Isto significa uma redução nos estoques mundiais de trigo da ordem de 41,2 por cento em dois anos e de 29,3 por cento em relação ao ano passado.

O mesmo comportamento é constatado no que tange ao mercado dos chamados cereais secundários (cevada, centeio, milho, etc. . .). A produção mundial do total destes cereais era estimada em fins de setembro passado em 712 milhões de toneladas contra 800 milhões em 1987 e 845 milhões de toneladas em 1986.

Levando-se em conta que o comércio mundial absorverá 93 milhões de toneladas (igual ao ano passado) e que o consumo mundial será de 821 milhões de toneladas (contra 832 milhões em 1987), os estoques mundiais no final do ano comercial 1988/89 ficarão em 120 milhões de toneladas (contra os 210 milhões de 1987/88 e as 239 milhões de toneladas no final do ano 1986/87).

Assim, os estoques globais de cereais (trigo + cereais secundários) ficarão em 214 milhões de toneladas no final do ano comercial 1988/89 contra 343 milhões em 1987/88 e 399 milhões de toneladas em 1986/87. Isto significa que os referidos estoques se reduziriam de 37,6 por cento neste último ano após uma redução de 14 por cento entre os anos comerciais 1986/87 e 1987/88.

2 — A PRODUÇÃO NORTE-AMERICANA CAI SENSIVELMENTE

Segundo ainda o mesmo Conselho, pela primeira vez na história dos Estados Unidos a produção de cereais será inferior ao consumo. Enquanto a produção deverá ficar em 190 milhões de toneladas (uma queda de 31 por cento em relação ao ano anterior), o consumo está previsto em 202 milhões para este próximo ano. A este déficit de 12 milhões de toneladas deve-se adicionar ainda as 100 milhões de toneladas que deverão ser exportadas.

Como a seca também atingiu o Canadá, a África do Norte e certas re-

giões da URSS e da China, as reservas mundiais deverão representar somente 54 dias de consumo. Um nível inferior ao alcançado em 1973 (57 dias) e que na época levou a uma multiplicação dos preços mundiais dos cereais.

3 — QUEDA IGUALMENTE NA PRODUÇÃO SOVIÉTICA

A situação se agrava na medida em que um dos fortes consumidores mundiais de cereais, a URSS, igualmente não terá a produção esperada. As últimas previsões dão conta de uma produção total de cereais na ordem de 205 milhões de toneladas. Isto significa 6 milhões a menos do que as 211 milhões colhidas em 1987 e sobretudo 30 milhões a menos do objetivo fixado pelo governo soviético.

No que tange ao trigo, a produção soviética deverá ficar em 85 milhões de toneladas contra as 90 milhões anteriormente previstas. Assim, a URSS terá necessidade de importar 30 milhões de toneladas de cereais (sendo 14 milhões em trigo) para este próximo ano. Segundo os especialistas europeus, a menos que haja um racionamento draconiano na URSS (algo difícil de acontecer visto que a "perestroika" se reforçou após a última reunião do Soviet Supremo acontecida no início de outubro), pode-se esperar importações ainda maiores por parte dos soviéticos. Na verdade, em 1987/88 a União Soviética importou 34 milhões de toneladas de cereais. Ora, na época sua produção havia sido de pelo menos 6 milhões de toneladas acima da atual previsão.

Frente a este quadro não é surpresa a corrida mundial, e sobretudo soviética, em direção aos cereais e em especial ao trigo.

Já no início de setembro passado a URSS comprava 802.000 toneladas de milho dos EUA para serem entregues no ano comercial 1988/89 que iniciou em 1º de setembro. Em uma semana os soviéticos comprariam, assim, 1,7 milhão de toneladas de milho norte-americano e argentino a um preço médio de compra de US\$ 2,68 por bushel (25,4 quilos). Nesta época o preço médio em Chicago, para o milho, estava em US\$ 2,93 por bushel. Isto demonstra o nível de subsídio que está existindo atualmente no comércio internacional de grãos!

Por outro lado, a URSS comprou no último dia de setembro mais de 3 milhões de toneladas de cereais (2,2 milhões de toneladas de trigo e 1,25 milhão de cevada) a serem entregues no último trimestre de 1988. Do total em trigo, 2 milhões de toneladas foram compradas da França a um preço base de US\$ 5,11 por bushel (27,21 quilos).

4 — A ÓTIMA PRODUÇÃO DE CEREIS DA C.E.E. A COLOCA EM POSIÇÃO PRIVILEGIADA COMO FORNECEDOR MUNDIAL

Sem dúvida alguma, a CEE será a maior beneficiada neste contexto de crise conjuntural do mercado mundial de cereais. As compras soviéticas já o demonstram.

De fato, a produção de cereais na Comunidade Econômica Européia (CEE) será importante. As últimas previsões dão conta de uma produção total da ordem de 163 a 165 milhões de toneladas, sendo que 69,3 milhões em

trigo (contra 64,4 milhões em 1987). A tabela nº 1 nos oferece uma melhor visão no que tange a produção dos principais cereais na CEE.

Assim, levando-se em conta de que o consumo interno, sobretudo o consumo animal, tende a diminuir ainda mais neste próximo ano, a CEE deverá ser a grande exportadora de cereais, possivelmente junto com a Argentina para o caso do trigo, neste próximo ano.

De fato, uma grande quantidade de cereais é normalmente utilizada na ração animal aqui na Europa. Como o consumo de produtos animais vem estagnando e mesmo caindo por aqui, a utilização de matérias-primas que compõem estas rações igualmente se reduzem. Além disso, no caso dos cereais europeus, existe uma forte concorrência dos chamados Produtos Substitutos dos Cereais (PSC) — mandioca, glicose de milho, batata doce, etc. . . — que são importados sem nenhuma taxa de fronteiras da CEE. Assim, eles se tornam mais competitivos do que os próprios cereais europeus. Em 1987, a CEE importou 18,25 milhões de toneladas de PSC (3 milhões a mais do que 1986). Somente em glicose de milho — a totalidade proveniente dos EUA — a CEE importou 4,7 milhões de toneladas em 1987 contra 930.000 toneladas em 1975. A tabela nº 2 oferece um exemplo mais claro desta situação.

Frente a isto, a CEE se posiciona cada vez mais como exportadora de cereais no mercado mundial.

5 — AS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS

Consciente deste fato e acusando os EUA de venderem seus cereais normalmente a preços mais elevados do que os seus concorrentes diretos (CEE, Argentina, Canadá e Austrália) os soviéticos, até o momento em que escrevamos este artigo, não haviam renovado o acordo cerealeiro quinquenal com os norte-americanos, vencido no dia 30 de setembro passado.

O mercado internacional de cereais, desde que passamos a escrever mensalmente ao Cotrijornal, sempre esteve a margem de nossas preocupações. No entanto, no momento em que colhemos mais uma safra de inverno, em especial a de trigo, nos pareceu importante fazermos uma análise completa da atual situação deste mercado. Sobretudo neste momento histórico em que o governo brasileiro retira subsídio ao trigo e ameaça se retirar do mercado comprador deste cereal já para o próximo ano

Por este acordo, os soviéticos se comprometiam de comprar 9 milhões de toneladas por ano de cereais (com uma parte em soja igualmente) durante cinco anos.

Isto significa que a URSS, apesar de suas crescentes necessidades, irá negociar caso por caso suas importações procurando o produto que lhe ofereça a melhor relação qualidade/preço no mercado internacional.

Para o caso dos cereais, possivelmente serão a CEE e a Argentina os beneficiados. Para o caso da soja, em primeiro lugar a Argentina (graças a acordos firmados à ocasião do embargo norte-americano contra a URSS em janeiro de 1980) e depois o Brasil. Mas, não nos iludamos. Apesar da forte quebra em sua produção, os EUA não ficarão ausentes do mercado internacional. Possivelmente estarão muito mais presentes do que atualmente se possa imaginar.

Enfim, no que tange ao Brasil, apesar da crise da oferta mundial em cereais ser conjuntural, ela nos lembra que não podemos ficar dependentes do fornecimento do mercado externo.

As atuais mudanças na política agrícola brasileira, relacionadas ao trigo, devem ser estudadas dentro desta ótica. Sobretudo agora em que a produtividade deste cereal tem aumentado consideravelmente em relação as nossas médias históricas.

TABELA Nº 1: PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS CEREIS NA CEE — 1988 (a)
— (em milhões de toneladas)

PAÍS	TRIGO (b)	MILHO	CEVADA
França	30,2 (26,9)	12,9 (12,4)	10,2 (9,95)
Alemanha	12,1 (9,7)	1,4	12,5
Itália (c)	4,2	6,7	1,5
Holanda	0,8	— 0 —	0,6
Benelux	12,0	— 0 —	1,0
Irlanda	0,4	— 0 —	1,5
Dinamarca	2,6	— 0 —	5,5
Grécia	2,3	2,0	0,6
Espanha	6,4	3,4	15,0
Portugal	0,4	0,4	0,1
Grã-Bretanha	12,3	— 0 —	9,0

(a) Estimativas

(b) Somatório do trigo panificável e não panificável

(c) Unicamente trigo não panificável

OBS — Entre parênteses a produção do ano anterior.

Fonte: Construído com base em informações da revista "La France Agricole", 07.10.1988, p. 32.

TABELA Nº 2 — CONSUMO DE CEREIS E DE P.S.C. NA ALIMENTAÇÃO ANIMAL FRANCESA — 1987/88
(em milhões de toneladas)

CEREIS		PSC	
Trigo	5,9 (7,1)	Mandioca	0,72 (0,38)
Cevada	4,6 (4,8)	CGF (*)	0,39 (0,11)
Milho	4,5 (4,9)	Outros	0,27 (0,08)
Total Cereais	16,6 (18,3)		

Entre parênteses, consumo há dois anos (1985/86)

(*) Glicose de milho

Fonte: Baromètre du Porc (ITP), setembro 1988, p. 12.

A qualidade da semente

Dano mecânico, vigor e maturação, fatores importantes na avaliação das condições da semente de soja

Adão Acosta — Ana Maria Aiguati

Uma safra de sementes atípica como a última de verão, sempre traz transtornos para a produção e para a economia de um setor importante no estado do Rio Grande do Sul, como é o sementeiro. Mas, em contrapartida, cria condições para que se possa avaliar a qualidade da semente produzida sob condições adversas, aproveitando o sistema normal de recebimento e aplicando controle de laboratório para verificação do comportamento dos lotes em análise.

A importância desse procedimento está no fornecimento de subsídios ao produtor no momento do estabelecimento da lavoura, de modo a proporcionar um stand de plantas que permita alcançar uma boa produtividade. Esse stand pode ser prejudicado por vários fatores que, particularmente neste ano, são o vigor, o dano mecânico e a maturação desuniforme. Assim, além da ava-

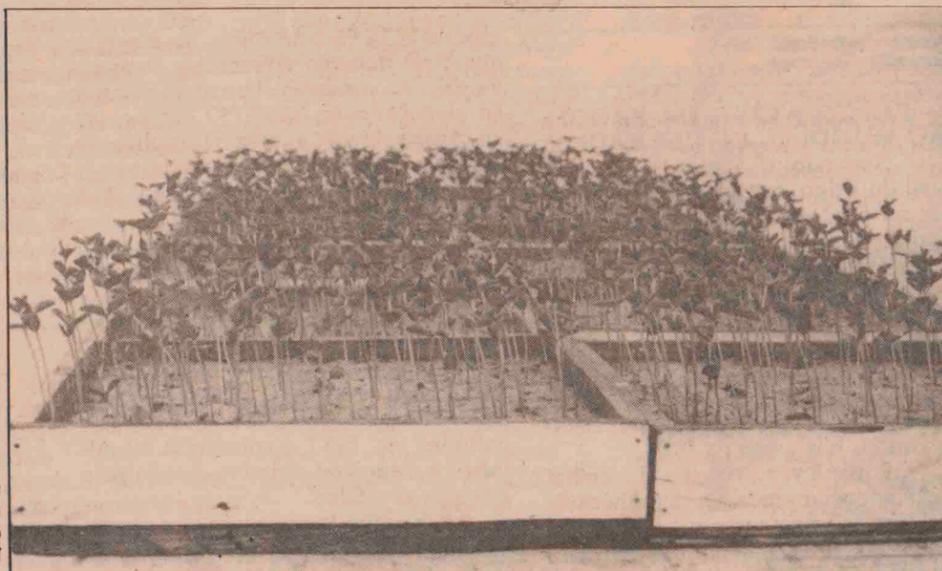
liação visual que é feita na semente, o produtor poderá agregar mais algumas informações ao adquirir um lote de sementes ou utilizar a semente por ele mesmo produzida.

Objetivamente, dois trabalhos foram conduzidos na cooperativa visando quantificar o efeito dessas variáveis na semente de soja, das quais estão descritos a seguir:

1 — Avaliação da qualidade da semente de soja sob umidades variáveis de recebimento.

Os itens vigor e dano mecânico foram analisados, além da germinação, aproveitando diferentes gradientes de umidade ocorridos na safra. Por vigor fisiológico, uma série de conceitos nem sempre aproximados têm sido emitidos. BRADNOCK definiu alguns aspectos importantes relacionados com o vigor: potencial de armazenamento, capacidade de emergência, sobrevivência de plântulas e po-

Semente avaliada no laboratório da Cotrijul



tencial de produção. Com estas condições no seu ponto ótimo, as velocidades de germinação e emergência seriam as melhores e o stand da lavoura estaria teoricamente garantido. Os demais conceitos não estão necessariamente compilados aqui por sua diversidade e por suas noções conflitantes. Já o dano mecânico é conjunto das injúrias sofridas pela semente, decorrentes da mecanização das atividades agrícolas e ocorre na máquina de semeadura, na máquina de colheita, durante o beneficiamento, durante o armazenamento e durante o transporte. Os fatores que o afetam são a intensidade do impacto, o número de impactos, o local do impacto e o teor da umidade da semente no momento do impacto (CARVALHO e NAKAGAWA).

Foram separadas amostras de seis lotes da variedade Paraná, na UBS de Santo Augusto, cuja umidade variou no recebimento de 9 a 14 por cento, com três repetições na 1ª época (semente bruta — maio) e duas repetições na 2ª época (semente beneficiada — novembro), utilizando-se como método de avaliação o teste de tetrazólio, e o objetivo fundamental foi o de verificar quais as condições desses lotes para a semeadura após o beneficiamento e como a umidade uniformizada. Ver tabela 1.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para o item germinação (usado como parâmetro), observando-se as médias, nota-se um aumento de germinação após o beneficiamento em níveis de umidade, sendo mais notável para a umidade inicial de 9,0 por cento, variando de 76 por cento (média

de semente bruta) para 88 por cento (média da semente beneficiada) e menos pronunciada na umidade inicial de 14,4 por cento, variando de 79 por cento (média da semente bruta) para 80 por cento (média da semente beneficiada). tabela 2.

Para o item vigor, considerado aqui percentualmente, observa-se o contrário, com decréscimo em todos os níveis de umidade para valores equivalentes na 2ª época (média da semente beneficiada), independentemente dos valores observados na 1ª época (média da semente bruta) logo após a colheita, onde o vigor é máximo. Mesmo assim todos os percentuais indicam bom vigor. Ver tabela 3.

No caso do dano mecânico, considerado em sementes normais (DMN) e mortas (DMM), pode ser observado que para umidades de recebimento inferiores a 12 por cento, percentuais maiores de avaria nas sementes consideradas, claro, a sementes brutas. Após a umidade uniformizada, na 2ª época, houve a tendência dos níveis de dano mecânico serem equivalentes, porém com níveis elevados em todas as repetições. Para o dano mecânico total ser observado, foi somado o dano mecânico em mortas + normais. Ver tabela 4.

Ao encarar os resulta-

dos do presente trabalho, deve ser levado em consideração que os lotes, oriundos de lavouras diferentes, podem ter sofrido condições diferenciadas de clima, manejo e fertilidade, e o fator umidade (avaliado neste trabalho) pode se achar mascarado. Também a perda de uma repetição na 2ª época e a não aplicação de análise estatística podem afetar significativamente a precisão dos resultados, mas entendemos que sirva como referencial ao produtor pela condição especial hoje imposta pela implantação das lavouras.

2 — Verificação da influência da maturação desuniforme sobre a germinação da semente de soja.

Considerando que após a maturação fisiológica, a semente deixa de receber nutrientes da planta da qual se originou e se encontra literalmente armazenada a campo, é oportuno que esta maturação e o processo de secagem possam ocorrer de forma mais uniforme possível num campo de produção de sementes, considerando este aspecto frente às culturas e a tecnologia hoje imposta ao agricultor e ao agrônomo. Assim, quando por vários motivos, a maturação ocorre de maneira desuniforme, diversos transtornos começam a ocorrer: escolha do ponto de colheita, utili-

TABELA 1: UMIDADE INICIAL E FINAL DE 6 LOTES DE SEMENTE DE SOJA

UBS: Santo Augusto		Variedade: Paraná	
Lotes	Umidade Inicial %	Umidade Final %	
2558 (1)	9,0	13,2	
2545 (2)	10,6	13,2	
2587 (3)	11,6	13,2	
2585 (4)	12,0	13,2	
2573 (5)	13,2	13,2	
2590 (6)	14,4	13,2	

TABELA 2: GERMINAÇÃO DE 6 LOTES DE SEMENTES DE SOJA EM DUAS ÉPOCAS DIFERENTES

Lotes	Repetições (1ª época)				Repetições (2ª época)		
	01	02	03	X 1ª	01	02	X 2ª
01	79	78	71	76	93	82	87
02	93	86	87	88	88	90	89
03	82	73	83	79	87	84	85
04	83	74	72	76	89	84	86
05	87	85	90	87	86	94	90
06	85	82	72	79	85	75	80

TABELA 3: VIGOR DE 6 LOTES DE SEMENTES DE SOJA EM DUAS ÉPOCAS DIFERENTES

Lotes	Repetições (1ª época)				Repetições (2ª época)		
	01	02	03	X 1ª	01	02	X 2ª
01	70	69	65	68	65	66	65
02	85	82	79	82	67	67	67
03	69	67	76	70	65	64	64
04	67	61	64	64	62	65	63
05	87	85	90	87	65	74	69
06	85	82	72	79	65	60	62

TABELA 4: DANO MECÂNICO DE 6 LOTES DE SEMENTES DE SOJA AVALIADAS EM DUAS ÉPOCAS DIFERENTES

Lotes	Repetições (1ª época)				Repetições (2ª época)		
	01	02	03	X 1ª	01	02	X 2ª
01	DMN 25	20	12	19	45	47	46
	DMM 20	18	18	19	05	18	11
02	DMN 20	24	29	24,33	48	52	50
	DMM 07	14	09	10	10	06	08
03	DMN 22	21	17	20	66	52	59
	DMM 14	23	13	16	13	15	14
04	DMN 17	23	16	19	52	57	54
	DMM 14	19	27	20	10	13	11
05	DMN 21	20	19	20	56	57	56
	DMM 03	14	07	08	06	02	04
06	DMN 19	17	13	16	47	44	45
	DMM 09	13	23	15	25	15	20

DMN — dano mecânico em normais
DMM — dano mecânico em mortas

TABELA 5 — GERMINAÇÃO DE SEMENTES VERDES

ÉPOCA	20.06		21.07		23.08		21.09	
	Substrato	Areia	Papel	Areia	Papel	Areia	Papel	Areia
	76	63	57	78	70	68	75	38
	77	70	59	72	69	63	68	56
	74	65	61	67	66	66	74	54
	65	71	63	69	66	66	73	63
Média	73	68	60	72	68	66	73	58

TABELA 6 — GERMINAÇÃO DE SEMENTES MADURAS

ÉPOCA	21.06		21.07		23.08		21.09	
	Substrato	Areia	Papel	Areia	Papel	Areia	Papel	Areia
	80	73	84	84	81	84	70	84
	83	86	78	76	80	75	91	91
	87	85	68	81	78	78	92	76
	86	77	73	77	79	81	83	80
Média	84	80	76	80	80	80	86	82

ção de dessecantes, impurezas e umidade fora dos padrões para uma boa semente, entre outros.

No caso especial da safra 87/88, pode ser notado que o déficit hídrico nas várias fases de desenvolvimento da soja originou lotes com sementes maduras, mas com presença significativa de sementes verdes. Assim, a germinação e o conteúdo de matéria seca, principalmente esta última, poderiam estar afetados. Isto porque, para que haja aproveitamento dos nutrientes oriundos da fotossíntese, é necessário que a semente esteja bastante úmida, o que não ocorreu em muitas lavouras. Portanto, a perda de energia por respiração, sempre muito inferior ao acúmulo da matéria seca, nesta safra pode ter sido importante.

MATERIAL E MÉTODOS

Tomou-se uma amostra de um lote de sementes de variedades IAS-5, colhido e armazenado na UBS de Jóia (uma região que sofreu bastante com a estiagem). Desta amostra foram separadas sementes maduras e ambas colocadas sob as condições normais de armazenagem em Ijuí. Periodicamente foram submetidas à análise de germinação em rolo de papel e em areia, com quatro repartições de junho a setembro. Foram realizadas ainda três repartições com o lote original (verde + maduras) para servir como parâmetro para as outras duas avaliações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 5 observamos a germinação das sementes verdes. Nas quatro épocas, a germinação em areia manteve-se razoavelmente nos mesmos níveis (iniciou e encerrou com 73 por cento), ao passo que nos rolos de papel da primeira para a última época houve perda de 10 pontos percentuais, já em níveis baixos. Nenhuma das germinações médias superou a 73 por cento.

Na tabela 6 temos a germinação das sementes maduras, que apresentaram uma uniformidade de germinação ao longo do tempo, não sendo observada diferença notável entre as repetições, o que configura um lote normal.

Comparando-se estas tabelas, verifica-se que as sementes verdes tiveram sempre germinação inferior, que variou de - 12 pontos no início para até - 24 pontos no final, para o lote analisado em rolo de papel. Para verificar a condição geral na mistura, obteve-se praticamente a média das germinações em três repetições, porém nunca atingindo 80 por cento (ver tabela 7).

Estes resultados, frente a uma disponibilidade baixa de sementes determinam a possibilidade de utilização de alguns lotes com sementes verdes, pois o comportamento, embora em níveis inferiores de germinação indica que o fundamental é que existe possibilidade de emergência e

germinação de uma parcela das sementes.

Uma avaliação visual do percentual de sementes verdes no lote pode dar um indicador da germinação que, neste caso, embora não atingindo 80 por cento, pode propiciar seu uso como semente padrão B (70 por cento - 79 por cento).

Para um trabalho mais completo haveria a necessidade de fazer um completo balanço hídrico no ciclo da cultura que originou o lote analisado, bem como tomar todos os indicadores de tratamentos culturais e manejos aplicados na la-

voura, além de determinar o real percentual de sementes verdes presentes no lote analisado.

Ainda um fato a ser observado é, em geral, uma germinação inferior em rolo de papel quando relacionada com a areia, o que ocorreu pela menor área disponível para emergência, com mais competição e gerando mais plântulas defeituosas, baixando o nível de germinação.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, N. M. NAKAGAWA, J. Sementes - Ciência, Tecnologia e Produção. Fundação Cargill. Campinas, 1980.

PESKE, S. T., Barros, C.S.A. e BAU-

DET, L. L. - Curso de Produção e Tecnologia de Sementes. Ceteisem/UFPel, 1988.

BRADNOK, W. T. Report of the vigour committee. Seed Science & Technology, 1979.

WOODSTOCK, L. W. Physiological and biochemical tests for seed vigour. Seed Science & Technology, 1973.

TABELA 7 - GERMINAÇÃO DE SEMENTES MADURAS + VERDES

ÉPOCA	21,07		23,08		21,09	
	Areia	Papel	Areia	Papel	Areia	Papel
Substrato						
	73	74	73	70	76	76
	77	75	73	72	74	74
	79	75	71	71	77	77
	75	79	71	74	79	79
Média	76	76	72	72	79	79



CURACRON®

Para conter o avanço da Lagarta da Soja.

1. CURACRON é um inseticida que controla a Lagarta da Soja de forma eficaz;
2. CURACRON é seletivo aos inimigos naturais da Lagarta da Soja;
3. CURACRON é econômico: com 250 ml você trata 1 hectare de soja;
4. Quando aplicar CURACRON?
Quando houver 40 ou mais lagartas grandes por batida de pano, é hora de aplicar CURACRON.



CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

Curacron® 500 - Produto registrado na DIPROF-SDSVIMA sob n.º 008686-88
Marca Registrada da Ciba-Geigy - Suíça

Quais as chances?

Rivaldo Dhein - Neu-Eichenberg - Alemanha Ocidental

A agricultura ecológica ou alternativa, nas últimas décadas, e com intensidade crescente nos últimos anos, deixou o campo da teoria e da pregação, passando concreta e significativamente para o estudo científico e para a prática a nível de produção.

Hoje, a sua aceitação e consequente expansão, são mais rápidas nos países industrializados, mais desenvolvidos que nos países menos desenvolvidos. Nestes, o poder econômico do capital transacional que domina a produção e comercialização dos insumos químicos e das máquinas agrícolas, ainda se faz sentir com maior intensidade. O menor grau de instrução e de informação da população - seja dos produtores como dos consumidores - fez com que seja mais facilmente influenciada pela propaganda de consumo destes produtos.

Os agricultores são estimulados a substituir o trabalho pesado - manual, com animais - pelo trabalho cômodo e "limpo" das máquinas agrícolas. Os fertilizantes orgânicos, ditos "sujeos e mal cheirosos" perdem seus lugares para os fertilizantes químicos, "limpos" e de fácil manuseio. A capina de lavoura é substituída pelo emprego dos herbicidas, tão eficientes e aplicáveis sem maior esforço físico e a exploração diversificada e "complicada" de sua propriedade pela monocultura, muito mais simples e menos trabalhosa.

Sem se dar conta da situação, estes agricultores, antes independentes e auto-suficientes dentro de suas propriedades, acabam envolvidos e totalmente dependentes dos meios de produção já mencionados e do crédito agrícola. Também os consumidores desempenham um papel fundamental em todo este processo. "Educados" convenientemente a preferirem os produtos agropecuários - alimentos - de melhor apresentação e aspecto externo, em detrimento da melhor qualidade, indiretamente estimulam a agricultura química convencional e prejudicam qualquer iniciativa mais ecológica.

Estados Unidos, França, Alemanha, Suíça e Áustria, estão entre os países onde a agricultura ecológica já está presente de forma mais significativa, e onde se investe no momento, na sua pesquisa e ensino. Aqui na Alemanha, Wihzenhausen, o "Fachgebiet Methoden des Alternativen Landbaus da Gesamthochschule Kassel", é um destes centros de pesquisa, ensino e divulgação de agricultura ecológica já reconhecido mundialmente.

Apesar de tudo isto, também nestes países ainda a agricultura ecológica é pouco

expressiva em termos quantitativos, quando comparada à agricultura convencional. Na Alemanha, por exemplo, em 1986/1987, havia 1.562 propriedades alternativas, totalizando 27.700 hectares - respectivamente 0,20 e 0,23 por cento do total das propriedades e de área agricultável do país - Bundesministerium Für Ernährung und Forsten, 1988.

É preciso salientar, entretanto, que este número vem crescendo muito rapidamente e, no convívio da universidade, percebe-se uma crescente preocupação com a preservação do meio ambiente e, consequentemente, com a agricultura ecológica. A procura de parte de agricultores por orientação para a "virada" do convencional para o ecológico é significativo. Percebe-se este interesse muito mais nos jovens que nos velhos. Com grande frequência esta "virada" ocorre no momento que os pais entregam a administração da propriedade aos filhos.

As propriedades "ecológicas" caracterizam-se, fundamentalmente por:

- utilização muito reduzida de fertilizantes químicos e de defensivos;
- alto emprego de mão-de-obra;
- menores rendimentos quantitativos e econômicos nos primeiros anos.

Depois de algum tempo, pelo menos na situação alemã, onde os produtos ecológicos são melhor remunerados, esta situação tende a nivelar-se ou até mesmo a inverter-se. Mas além dos fatores já referidos, existem ainda alguns outros também fundamentais, que dificultam a

aceitação e crescimento da agricultura ecológica nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

Enquanto que nos países desenvolvidos a agricultura é nitidamente subsidiada pela indústria, embora de forma indireta e invisível para muitos, nos subdesenvolvidos acontece exatamente o inverso. Na Alemanha, por exemplo, os altos salários pagos pela indústria, viabilizam preços mais elevados e compensadores para os produtos agrícolas comercializados no mercado interno. Os excedentes produzidos, como é o caso dos cereais, derivados do leite e carne, fazem com que sejam exportados muitas vezes, a preços inferiores aos pagos aos produtos.

Esta produção de excedentes, aliada à crescente massa de desempregados na Alemanha, estimula o incentivo à agricultura ecológica. Primeiro, porque demanda muito mais mão-de-obra que a convencional e segundo, porque produz menos, reduzindo os excedentes e os custos de sua armazenagem e muitas vezes a sua doação ou simples destruição. Estima-se que o governo alemão gaste anualmente 1.000 DM por hectare cultivado somente para eliminar o excedente produzido e subsidiar preços aos produtores.

Evidentemente que este incentivo sofre críticas e pressões políticas de toda a ordem, limitando por seu lado, a ação direta dos governantes.

No caso brasileiro, contrariamente, a agricultura - ou o setor primário de produção - subsidia o desenvolvimento dos setores secundá-



Os agricultores substituíram o trabalho manual pelo das máquinas agrícolas

rios e terciários - indústria e comércio. Ela é chamada a produzir fortemente alimentos baratos que viabilizem os baixos salários oferecidos no mercado de trabalho. É chamada ainda a buscar divisas para a nação, produzindo grãos para exportação a preços competitivos no mercado externo.

Estas particularidades da situação brasileira, provavelmente comuns à maioria dos países do Terceiro Mundo (portanto nem tão particular assim), dificultam, pelas mesmas razões já expostas, o avanço da agricultura ecológica. Dificilmente pode-se esperar dos brasileiros, pelo menos a curto prazo, que se disponham a pagar mais pelos alimentos que consomem. A menos, evidentemente, que o objetivo com a agricultura ecológica, seja a de atender a uma minoria da população - a elite privilegiada do "povo" brasileiro.

Mesmo assim, uma pequena esperança de que a agricultura ecológica possa se implantar e crescer - até como condição para "salvar" e preservar o que ainda resta de meio ambiente natural e buscar uma melhor qualidade de vida para a população brasileira rural e urbana - ainda existe. Diferentemente do que ocorre na Alemanha e nos países onde os custos de produção em grande parte residem na mão-de-obra, no Brasil, esta ainda é barata. Os grandes custos de produção estão na remuneração do capital - ju-

ros bancários - nas máquinas agrícolas e nos insumos químicos. Portanto, nos meios de produção externos à propriedade. Exatamente naqueles que a agricultura ecológica pretende dispensar, ou pelo menos, minimizar quanto ao seu emprego.

Parece-nos evidente que as maiores perspectivas residem justamente nas cooperativas e seus quadros sociais. Devido à proximidade do produtor, têm as melhores condições de iniciar um trabalho neste sentido. Diversas cooperativas no sul do Brasil, estão com seus departamentos técnicos muito bem organizados e amplamente capacitados. Algumas ainda mantêm centros de experimentação e pesquisa agropecuária, e seus produtores associados estão organizados em núcleos ou grupos de trabalho que se reúnem periodicamente. Mantém uma estrutura própria de mercado dos produtos agropecuários oriundos das propriedades de seus associados - caso da Cotrijuf.

Estas cooperativas podem ser um novo ponto de partida para a implantação e ou expansão da agricultura ecológica no sul do Brasil. Evidentemente não se pode imaginar uma repentina reviravolta em todo o sistema de produção vigente - implantado há algumas décadas - mas sim um trabalho inicial, com a participação dos produtores interessados, visando um crescimento lento e gradual.

A LINHA FORTE PARA ACABAR COM TODAS AS INFECÇÕES.

AGROVET	GANATET	TALCIN	GANASEG
O antibiótico completo	Um produto, dois resultados: Piroplasmose e Anaplasmosse	Infecção e Febre tem os minutos contados	O fim rápido da tristeza Piroplasmose
			

São Paulo SP (011) 522-8111 • Belo Horizonte MG (031) 201-1366 • Curitiba PR (041) 223-8128 • Recife PE (081) 224-1143 • Porto Alegre RS (0512) 42-6700



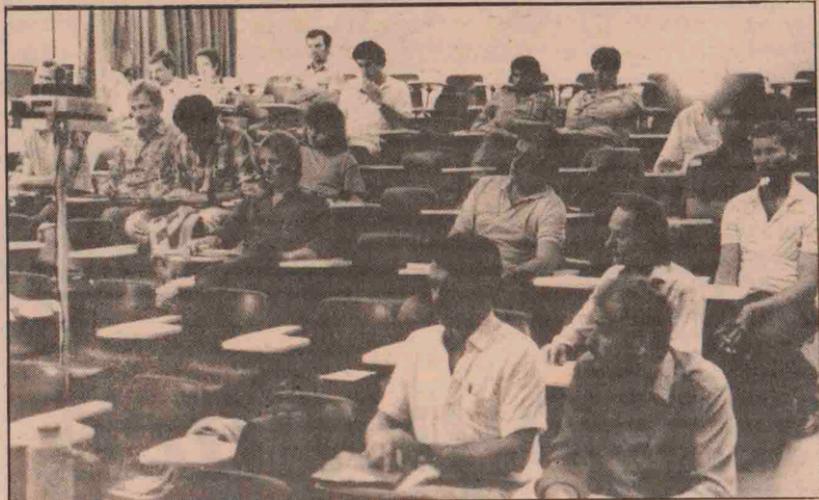
SQUIBB
VETERINÁRIA

QUALIDADE
SERVIÇO
CONFIANÇA

CALENDÁRIO

MANDIOCA

Mais uma alternativa



A reunião contou com a presença de produtores da região

Dois pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina, mais especificamente de Itajaí, Murito Ternes e Moacir Schiocchet, estiveram em Ijuí, no dia 18 de outubro, para falar sobre a cultura da mandioca. A reunião foi promovida pelo departamento técnico da Cotrijuí e contou com a presença de técnicos agrícolas, agrônomos, veterinários e agricultores de todas as unidades da cooperativa na região.

A mandioca, segundo os pes-

quisadores, é uma das poucas espécies cultivadas ainda hoje e que tem sua origem no Brasil, provavelmente na Amazônia. "Além disso, informa João Boaro, agrônomo responsável pela área de Olericultura da Cotrijuí na região, é a espécie maior produtora de energia por área". Possui baixo risco de produção, apresenta várias finalidades e é ótima alternativa para a pequena propriedade.

Utilizando-se uma mesma área, a mandioca chega a produzir o dobro da

quantidade de energia produzida pelo milho, apesar de ser menos rica em outros nutrientes. Pela composição de sua raiz — alta quantidade de amido —, pode ser usada para o consumo humano. Também pode ser usada para fins industriais através da extração de amido e na alimentação animal. Um suíno, por exemplo, pode consumir até 4 quilos de mandioca por dia. Ela também pode ser utilizada em substituição ao milho na proporção de dois terços do total da ração fornecida ao animal. Mas antes de ser fornecida aos animais, ela deve ser submetida a algumas horas de sol para perder parte do ácido cianídrico, que é tóxico. A rama possui até 20 por cento de proteínas.

Os palestrantes salientaram a importância da mandioca como alternativa para a diversificação da pequena propriedade, tendo em vista o baixo risco de produção. Uma estiagem prolongada, uma chuva de granizo ou um excesso de chuvas não é tão danosa a esta cultura como seria para as espécies produtoras de grãos. O cultivo da mandioca deve fazer parte das propriedades não só em função do baixo risco de produção como também pelas várias finalidades que possui.

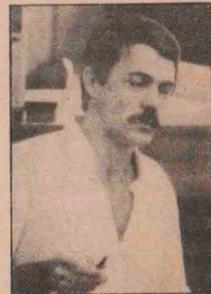
COMO ARMAZENAR

Murito e Moacir também falaram sobre forma de armazenamento da rama da mandioca para a muda, dizendo que o método mais eficiente é o de guardar as ramas em túneis feitos na terra. Quem não quiser fazer um túnel, pode simplesmente cavar um buraco em meia encosta. Após a colocação da rama no túnel, este deve ser muito bem fechado.

Quanto ao problema de doenças



Murito Ternes



Moacir Schiocchet

e pragas, os cuidados maiores ficam por conta da bacteriose e da podridão de Phytftora. E sempre que o produtor constatar a presença de ramas doentes — atacadas pela bacteriose — deve eliminá-las. O uso de ramas sadias no momento do plantio é fundamental para o bom desenvolvimento da cultura. Já o problema de podridão por Phytftora, pode ser resolvido através do plantio das mudas em terrenos bem drenados. A praga que mais preocupa é a lagarta mandorová, que pode ser combatida com o uso de baculovírus específico.

No que se refere ao manejo da cultura, os pesquisadores salientaram a importância de ter cuidados nos primeiros 4 meses, pois é nesta fase que se define o número de raízes que a planta vai produzir. Também é nesta fase que vai se desenvolver a parte aérea da planta, responsável pela captação da luz e realização da fotossíntese, tão necessária para a produção de amido nas raízes. É preciso, nesta fase, evitar a competição de invasoras. Eles também aconselharam evitar o consórcio da mandioca com culturas que sejam mais altas que a mesma, como o caso do milho, por exemplo.

O valor nutritivo das hortaliças

Rosani Ottonelli — João Boaro

As hortaliças estão presentes em quase todas as propriedades rurais, principalmente nas pequenas, onde muitas vezes aparecem como alternativa econômica. Para melhor entender o espaço que elas ocupam no contexto da produção agrícola brasileira, basta saber que ocupam o 6º lugar em termos de volume produzido, ficando abaixo apenas da cana-de-açúcar, da mandioca, do milho, soja e arroz. No que diz respeito aos valores de comercialização, as hortaliças perdem apenas para o café, e isto porque é um produto de exportação.

Mas se por um lado estas informações dão um demonstrativo de grandeza, pelo outro nem tudo pode ser festejado. Somos totalmente dependentes de sementes, temos um consumo per capita baixo, agravado por sérios problemas de produção e abastecimento. A dependência de semente, ou seja, a nossa necessidade de importação, chega a aproximadamente 40 por cento, sendo que em algumas espécies, o índice ainda é maior. No caso do repolho, por exemplo, a necessidade de importação chega a 98,4 por cento; na beterraba e rabanete a 100 por cento; na cenoura a 88,2 por cento e no pepino a 64,8 por cento. Esta dependência além de significar evasão de divisas, vem aumentar os custos de produção. Os problemas que temos na produção e no abastecimento são conhecidos através de observações regionais. O Rio Grande do Sul é importador de quase 50 por cento dos hortigranjeiros consumidos pelos gaúchos e, apesar dos problemas climáticos, existe a possibilidade de se

diminuir este volume. Mas para isto, é preciso se fazer uso adequado dos microclimas, de um escalonamento da produção e da adoção de tecnologias disponíveis. Na área de abastecimento, se observa que as hortaliças viajam longas distâncias, retornando, muitas vezes, às suas regiões de origem, mas isto depois de terem passado pela Ceasa e por dois ou mais intermediários.

O consumo de hortaliças no Brasil anda ao redor dos 65 quilos por habitante/ano, sendo um dos mais baixos do mundo. Esta situação preocupa na medida em que se sabe que um déficit no consumo de hortigranjeiros pode provocar sérios problemas no organismo humano.

Isto tudo nos mostra a necessidade de promover certos ajustes. Porém, é preciso deixar claro que a organização da produção e abastecimento de hortaliças passa por uma melhor distribuição da renda do povo brasileiro; pela diminuição da intermediação; pelo planejamento da produção e pela prática de hortas caseiras. Estes fatores, ajustados, proporcionariam um aumento do consumo e uma conseqüente resposta em termos de produção, com incremento na renda do produtor, além de, através da horta caseira, buscar uma forma de suprir as necessidades da família rural em nutrientes que são fundamentais para o seu organismo.

AS HORTALIÇAS NA ALIMENTAÇÃO

A inclusão de hortaliças em maior quantidade na dieta alimentar, possibilita uma melhor nutrição em termos de vitaminas e sais minerais. Elas são consideradas alimentos protetores do organismo. Sabemos que a dieta da população brasileira,

seja por dificuldades econômicas, deficiências educacionais ou por hábitos nocivos de alimentação é insatisfatória em termos de ingestão diária de alimentos protetores. O ideal, sob o ponto de vista dietético, é que se consuma na alimentação diária pelo menos duas espécies vegetais, sendo uma cozida e outra crua. É bom lembrar que as vitaminas, principalmente a B1 e a C, são altamente solúveis tanto na água como no calor. Infelizmente os métodos culinários tradicionais levam em conta apenas o sabor, o cheiro e o aspecto visual dos alimentos.

Na verdade o que falta mesmo é conscientização da população em relação ao valor das hortaliças como alimento protetor do organismo. E sempre que a população evidencia sintomas carenciais de vitaminas e sais minerais, procura outras fontes mais caras e menos satisfatórias, como a auto-medicação.

— Sintomas e sinais de deficiência de vitaminas e sais minerais

• **Vitamina C** — ácido ascórbico — O escorbuto é a principal e a mais grave manifestação da carência desta vitamina no organismo humano. Os principais sintomas do escorbuto aparecem através da inapetência, palidez, agitação, gengivas esponjosas com sangramento e hemorragias cutâneas puntiformes.

• **Vitamina A** — a deficiência desta vitamina acarreta, especialmente em crianças e adolescentes, alterações cutâneo-mucosas e oculares. Os cabelos tornam-se secos e quebradiços e as unhas ficam com estrias. A deficiência da vitamina A também acarreta cegueira noturna.

• **Vitamina B1** — tiamina — a conseqüência mais séria da deficiência desta vitamina é o beriberi, que apresenta-se em crianças por causa dos baixos teores de vitamina B1 no leite materno. Inicia com vômitos, falta de apetite, insônia, palidez e agitação.

• **Vitamina B2** — riboflavina — a deficiência desta vitamina causa transtornos de crescimento. Provoca estomatite angular, língua magenta (vermelidão), prurido e ardor nos olhos e ainda a catarata.

• **Niacina** — a falta desta vitamina no organismo causa o surgimento da pelagra, que se caracteriza por sinais e sintomas referentes especialmente à pele, trato gastrointestinal e sistema nervoso central. Na pele ocorrem erupções semelhantes a queimaduras do sol. No aparelho digestivo se manifesta através de estomatite, enterite e diarreia.

• **Cálcio** — a carência deste mineral acarreta a diminuição do crescimento, prejudica os dentes e provoca o aparecimento de moléstias ósseas, problemas de coagulação sanguínea e na contração muscular.

• **Ferro** — a sua ausência causa anemia hipocrômica microcítica. É comum ocorrer em mulheres na idade fértil, em recém-nascidos e pré-escolares.

• **Fósforo** — está presente nos ossos e dentes, combinado com o cálcio. Atua na utilização das proteínas, gorduras e hidratos de carbono no organismo.

Rosani Ottonelli é nutricionista da Cotrijuí
João Boaro é engenheiro agrônomo responsável pela área de Olericultura da Cotrijuí na Pioneira



O Brasil se prepara para viver em 15 de novembro, a eleição do pluripartidarismo e das coligações. É o primeiro grande teste dos novos partidos políticos



Argemiro Brum



Só em Ijuí, mais de 200 candidatos disputam as 10 vagas da Câmara de Vereadores

Um novo momento político

De 82 para cá, quando aconteceu a última eleição municipal e que também coincidiu com a escolha dos governadores, deputados e senadores, muita coisa mudou na política partidária deste país. A começar que o voto deixou de ser vinculado. Também ficou mais fácil de se formar novos partidos políticos e de lançar candidatos que não mais precisam ficar atrelados a existência de um nome majoritário. Todas estas mudanças, responsáveis por um pluripartidarismo só comparável ao vivido nas décadas de 50 e 60, estão levando o país a uma nova realidade política que também passa por uma nova Constituição.

Nestes seis anos de transição, a política no Brasil deixou de ficar concentrada apenas nas mãos do PDS e do PMDB. Essa mudança, bastante tímida, começou já na eleição de 82, quando o PT e o PDT ensaiaram seus primeiros passos em direção ao fortalecimento de suas legendas, enfrentando as urnas pela primeira vez. Algumas vitórias escassas, mas importantes para a sustentação destes partidos os levaram às urnas em 86, quando foram eleitos os governadores e os constituintes.

O resultado dessa nova política é que hoje, de norte a sul do país, 32 partidos controlam a política brasileira. Evidentemente que esse controle é bastante relativo e sofre as consequências das desigualdades numéricas e também do peso do poder. A continuidade desse processo vai depender dos resultados das urnas em 15 de novembro, quando os partidos políticos estarão enfrentando seu primeiro grande teste.

UM FATO NOVO

"A eleição que estamos vivendo, e em fase final de campanha, apresenta um fato novo no sentido de que existe um grande pluripartidarismo". A afirmação é do professor de Ciências Políticas da Universidade de Ijuí, Argemiro Jacob Brum ao analisar o novo quadro eleitoral pelo qual passa o país nessa sua primeira eleição a nível municipal, depois que foi promovida a abertura política. Diz que é uma nova etapa na vida política do país e que está sendo retomada, depois do golpe de 64, pelos próprios brasileiros. É uma etapa de experiências na tentativa de se construir instituições democráticas estáveis e duradouras, com regras bem definidas", observa.

O professor Argemiro reconhece que, nesta primeira etapa, ainda vão aparecer muitas deficiências, mas ressalta que democracia não é uma coisa que se aprende nas escolas. Ela é o re-

sultado de um longo aprendizado e precisa ser vivida na prática, na convivência com as pessoas. E as mesmas deficiências que costumam aparecer na vida humana, também aparecem no plano político, inclusive de forma mais aguda.

Considera o pluripartidarismo fundamental para esta reconstrução democrática, embora ele venha exigir dos prefeitos e vereadores eleitos, um alto grau de competência no desempenho de suas funções políticas. "É a função fundamental dos políticos é de serem negociadores competentes dos conflitos da sociedade, dos diferentes pontos-de-vista que surgirem", explica o professor reforçando ainda a idéia de que democracia pressupõe negociação. Os prefeitos e vereadores terão que buscar um razoável entendimento que expresse, no mínimo, a média das opiniões. Eles terão de ser firmes nas suas decisões, mas ao mesmo tempo, saber ceder quando necessário, desde que seja em função dos interesses da coletividade. Otimista em relação a essa nova realidade política, Argemiro Brum vê no pluripartidarismo o grande passo rumo a democracia.

MUITAS COLIGAÇÕES

Uma outra característica desta eleição são as coligações, embora elas sempre tenham existido. O que surpreende é que desta vez elas não estão ocorrendo apenas entre os pequenos partidos. Os grandes também estão deixando de lado suas ideologias políticas para, em busca de votos, se unirem em torno de determinada liderança da comunidade. Essa situação, na opinião do professor da Unijuí revela, por si só, a fraca definição ideológica da maioria dos partidos políticos.

Acredita que, a nível municipal, essas coligações tomam, na maioria das vezes, outros sentidos, já que, nestes casos, sempre os interesses locais predominam sobre os interesses gerais. E as coligações aparentemente contraditórias, são resultados desses interesses. "Muitas vezes, observa ainda, essa liderança ao redor do qual os partidos estão coligando, não possui militância política, mas um provável potencial de votos. E como o partido quer ganhar a eleição, ele não hesita em coligar com um outro", diz ainda.

OS MAIS ATINGIDOS

Se realmente persistir essa redução no número de candidatos a vereadores, o professor da Unijuí não tem dúvidas de que os pequenos partidos serão os mais atingidos, "pois eles não conseguirão alcançar o número de votos necessários para eleger represen-

tantes". Concorde com essa redução, mas ainda acha que a Constituinte cometeu um grande equívoco ao limitar o número de vereadores em no mínimo nove representantes. Defende, para os pequenos municípios, uma representatividade de cinco vereadores "com um aumento progressivo na medida em que o município for se desenvolvendo". Concorde que havia um certo abuso no número de vereadores e que, para Ijuí, 13 vereadores seriam suficientes. "Desta forma, acredita ele, a população teria condições de fazer uma espécie de acompanhamento do desempenho de cada um dos vereadores". Espera que em 93, quando da revisão da Constituinte, esse limite mínimo seja mudado para cinco.

Em relação aos pequenos partidos, a sua sobrevivência, Argemiro Brum acha que tudo vai depender do grau de proposta de cada um, da liderança e aceitação por parte do povo brasileiro. "O próprio processo democrático com sucessivas eleições vai se encarregar de fazer a triagem, tanto a nível nacional, como estadual e municipal".

ENXURRADA DE PARTIDOS

Os 5.269.289 eleitores gaúchos vão ter que dividir seus votos nesta eleição para eleger pouco mais de 3 mil

candidatos. Aliás, o número de vereadores que este ano concorrem a uma vaga na Câmara municipal é outro fato que vem surpreendendo. Para o professor Argemiro, essa enxurrada de candidatos está acontecendo por três razões. Em primeiro lugar, pode ser consequência do regime autoritário que perdurou por cerca de 20 anos, embora a nível municipal sempre houvesse eleições. E o que está acontecendo nesta eleição, segundo o professor, é um certo desprezamento "que até chega perto de uma espécie de democratite". Todo o mundo está querendo participar deste processo de democratização do país. "O elevado número de partidos faz aumentar o número de candidatos".

Como segundo fator, ele cita a atração pelo poder. "Pelo poder político se tem construído muito estereótipo, que, muitas vezes, se transforma em ilusão. Mas de qualquer forma, continua, as pessoas se deixam levar por uma certa mística que existe em torno do poder". Um terceiro fator fica por conta do atrativo financeiro. "O vereador passou a ser uma função relativamente bem remunerada, isso sem contar que aquele que for eleito terá, automaticamente, emprego garantido por 4 anos".

Pouco expressiva

Dentro deste novo momento político, as mulheres também estão buscando alargar as suas fronteiras de participação na construção de um país democrático. Mas, apesar de representarem 49,79 por cento dos 5.269.289 eleitores gaúchos, a participação política das mulheres ainda continua pouco expressiva. Apenas 23 dos 332 municípios gaúchos estão lançando candidatas às Prefeituras.

A presidenta da União de Mulheres de Ijuí, a economista doméstica Noemi Huth, entende que a participação da mulher na vida econômica, política e social tem sido fator importante para a remoção dos entraves a sua emancipação. Mas concorda que a participação política nesta eleição ainda é muito tímida e cita como exemplo, o caso de Ijuí, um município onde 50 por cento dos eleitores são mulheres, mas que tem apenas uma representante disputando a vice-prefeitura. Para a Noemi, essa "evolução de certa forma lenta", reflete a cultura histórica de

submissão da mulher. "Essa reação, que consideramos lenta, observa, se dará mais rapidamente na medida em que, como mulheres entendermos que a questão da discriminação, opressão, diz respeito tanto a mulher como ao homem. São assuntos que precisam ser debatidos de forma conjunta". Assegura que o momento é de se garantir a eleição de mulheres e de homens comprometidos com as propostas de construção de uma sociedade mais humana e mais justa.

A assessora do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Ijuí, Dilce Basso prefere apostar na organização das mulheres trabalhadoras. Ela questiona a participação da mulher na vida política por entender que entrar num partido político sem estar alicerçada num trabalho de organização, não vai resultar em nenhum avanço. "Ninguém vai mudar alguma coisa sozinha. E o que temos de mudar é a consciência do povo, e para tanto, precisamos estar organizadas".



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Elaboração: Mariluz da Silva Lucchese
Datilografia: Derci Fátima Mariani

O equilibrista

O equilibrista vivia em cima de um fio sobre o abismo.

O equilibrista ainda era jovem, e ele construiu sua casa em cima de um fio.

Mas logo, ele percebeu que não havia nenhum outro lugar para morar.

Se queria ter uma festa, ele tinha que fabricar a festa com o fio.

Mas as pessoas não acreditavam que um equilibrista nascesse assim.

Então o equilibrista transformava uma viagem para a Europa em realidade, só com o fio.

Então o equilibrista parava um pouco. E seu avô dizia que quem pára para pensar, acaba sem andar.

Mas tinha só uma paradinha rápida.

De vez em quando o equilibrista parava e olhava para trás e dizia:

— Puxa! Meu chão, fui eu mesmo que fiz. Na mesma hora ele se desequilibrava, caía e gritava:

— Onde fica o chão?

O equilibrista fazia seus esforços, muito danado para saber onde era embaixo.

Antes de se despedir, ele dizia:

— Por mim, fiz o que podia e achei que valeu a pena. Adeus.

Mas umas pessoas concordavam e outras não. E respondiam:

— Eu acho que vale a pena.

— Vale muito a pena!

E as pessoas que não concordavam, diziam:

— Não vale a pena! Não vale a pena!

— Eu acho uma boa droga!

E no fim o equilibrista deu um risinho e disse:

— Interessante é que cada um acha o que quer!

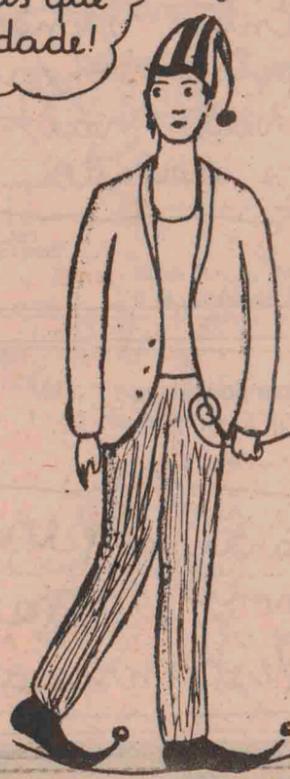
E saiu.

Texto: Fernanda Lopes de Almeida
Ilustração: Fernando de Castro Lopes
Adaptação: Cledir do Amaral
Esc. Mun. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco - RS



Respeitáveis outras pessoas!
Esta vida de equilibrista é perigosa, mas muito interessante.
Por mim, fiz o que podia e achei que valeu a pena.
Adeus.

Chão de cimento feio, mas que comodidade!



Meu avô sempre dizia: - Quem pára demais pra pensar, acaba sem saber andar.



O Curumim que virou gigante

Tarumã queria porque queria ter uma irmã.
Pedia pro pai, pedia pra mãe



Algum tempo depois...



Veja a família de Tarumã.



Édson S. da Silva Bueno
E.M. Cristóvão Colombo - C. Bicaco

Minha querida árvore

— Oh! querida árvore
por que esses galhos
tão grandes assim?
É para te abrigar

— Para que serve sua raiz?
É para me alimentar
— Quanta terra, quanta terra
É para tirar o meu sustento

— Mas que lindos frutos!
São tão vermelhinhos
São para você, ó garotinho.
Muito obrigado minha árvore

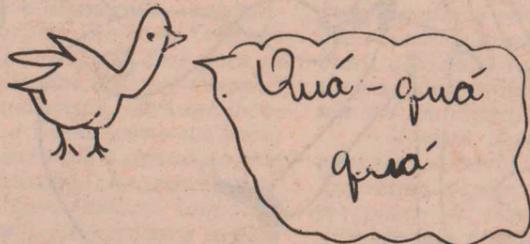
— Para que servem as folhas,
querida árvore?
É para dar o ar puro,
que chamas de oxigênio.

— Oh! que lindas flores
São estas que enfeitam!
Que cores belas.
Obrigado por ter gostado.

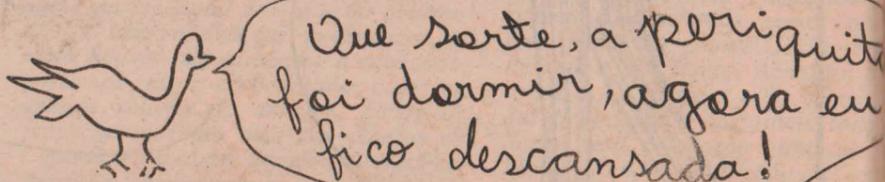
Remécia Fabrin Serves
Escola João Ramalho
Augusto Pestana

A Barulheira dos pássaros

Era uma vez, uma Periquita muito sapeca.
Ela cantava o dia inteiro. Ela descobriu que sua irmã Arara não gostava da cantiga.
A cantiga dela era assim



Até que a Periquita dormiu um pouquinho
A Arara ficou contente.



Ontem e hoje

Antigamente aqui em São Pedro
Tinha só tração animal
Hoje temos quase de tudo
Para melhor, não faz mal.

O COMÉRCIO
A casa comercial daqui
Tem muitas mercadorias
E temos até mecânica
Que ontem não tinha

Aqui em nossa vila
Há muitas cuias pro chimarrão
Por isso temos a ervateira
Para os gaúchos de tradição.

Anos atrás nesta localidade
Não tinha colégio de alvenaria
Hoje as condições melhoraram
E estuda a maioria.

A população era pequena
E quase não havia diversão
Hoje promovemos de tudo
Surpresas, festas e bailes de salão.

Antigamente no comércio
Dinheiro pouco existia
O que o povo precisasse, trocava
Com o vizinho, sua mercadoria.

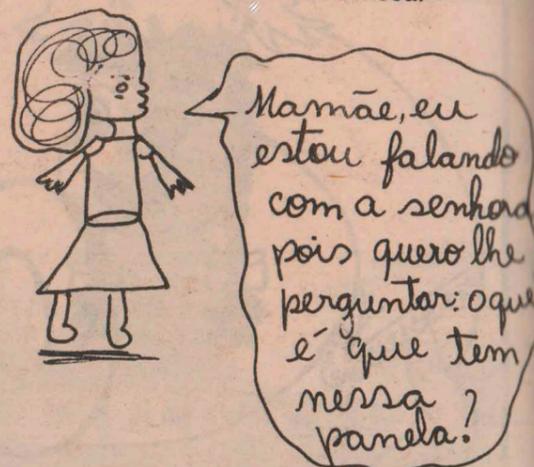
Cerli Beatriz Vaz
Escola Municipal Cristóvão Colombo
Coronel Bicaco

Na segunda-feira

Na segunda-feira
Eu fui na feira
Comprar um tempêro
Mas no caminho
Eu vi um pinheiro.
No pinheiro tinha
Uma cachopa
E daí em casa
Eu fiz uma sopa
E de tardezinho
Eu convidei o vizinho
Para tomar cafezinho.

Angela Marisa Ceribola
Escola João Ramalho
Augusto Pestana

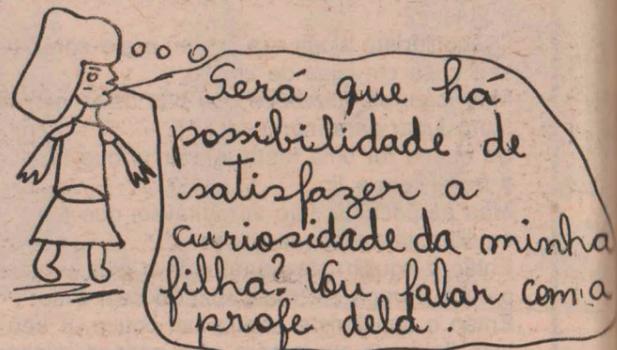
Era uma vez uma menina muito curiosa.



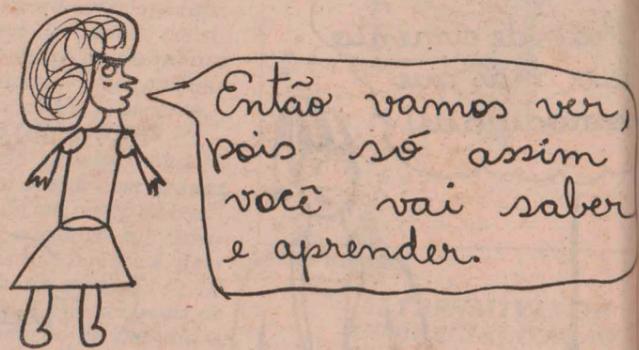
Tudo o que ela via, ela perguntava.



A mãe pensou:



A mãe da menina disse:



Página do Leitor



Celina era uma menina muito bonita.
Ela ajudava sua mãe fazer tortilhas de milho para vender na cidade.
Uma noite, ela ouviu uma música muito bonita e falou para sua mãe:



Mamãe, estou ouvindo uma música!



Não seja bobra menina, música estas horas!

Outra noite, Celina ouviu a música de novo.
Então ela resolveu ir para fora. Mas quando viu aquele homenzinho pequeno, quase morreu de susto



As estrelas lá no céu
caminham de par em par
Assim caminham meus olhos
quando te vejo passar.

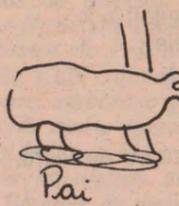
A menina foi se apaixonando e morreu de paixão.
No dia do velório da menina, o homenzinho veio cantar de novo na frente da casa dela. Ninguém viu quando ele saiu dali.

Paulo Gilberto
Esc. Mun. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco

Era uma vez, uma formiga que estava organizando a fila para dançar. Mas uma formiga não queria entrar na fila. Então ela dizia:



Eu não entro na fila, pois eu não sei dançar.



Por que, minha filha? Colabora conosco, dance a noite inteira

Depois, quando a dança estava terminando, ela resolveu dançar.



Agora vou dançar um pouco, pois está muito bonita!

Disse a mãe:



Uiu, minha filha, se você tivesse feito o que eu disse no começo da dança, teria se divertido muito

Jorge Amaral da Cruz
E.M. Cristóvão Colombo - C. Bicaco

E a professora disse



Minha filha, você deve estudar bastante em casa.

Rosa Simone Vaz
E.M. Cristóvão Colombo - Cel Bicaco

Menininha

Sou uma menininha
Sou muito pequenina
E também sapequinha
Mas muito educadinha.

Também sou calminha
Eu gosto da madrinha
Sou linda e queridinha
E também quietinha

Remécia Fabrin Serves

Vila São Pedro

Aqui na Vila São Pedro
O comércio é muito bom
Pois se encontra quase de tudo,
Farinha, açúcar, arroz e feijão.

Em nossa localidade
A pecuária tem bom destaque
Bovinos, suínos e aves
A família tem para o abate

O comércio está bom
A inflação é que dá medo
Quem tem dinheiro compra
Quem não tem, chupa no dedo.

Aqui ainda não decaiu
O cultivo à tradição
Nos dias de chuva e frio
A família no galpão
Reúnem também os vizinhos
E tomam seu chimarrão
Os causos correm soltos
Em volta do fogo de chão.

Jorge A. Cruz
Escola Municipal Cristóvão Colombo
Coronel Bicaco

Mas o sono da Periquita foi curto.
Logo ela acordou a Arara, falou:



Eu estou doente de tanta cantoria



Eu canto só assim:
quá - quá
quá

Um dia a Periquita voava de galho em galho, muito faceira.
Sabem o que tinha acontecido?
Sua irmã Arara passou a gostar de sua cantiga

Rosane Fátima da Cruz
E.M. Cristóvão Colombo - C. Bicaco

Passatempo

Experiência

MATERIAL

- meio copo de humo - terra de jardim (com etiqueta escrita humo);
- meio copo de argila (com etiqueta escrita argila);
- meio copo de areia (com etiqueta escrita areia);
- uma lente de aumento (não é tão necessário);
- uma lamparina ou vela;
- uma colherinha;
- dois pratinhos metálicos com cabo de madeira ou de vidro

PROCEDIMENTO:

Aqueça sobre a lamparina ou vela, usando o pratinho metálico ou pires, uma colher de terra de jardim. Repita o experimento usando areia e depois repita novamente, usando argila.

CONCLUSÕES:

- O que você observou?
- Discuta com a professora e seus colegas as observações feitas.
- A amostra que desprender fumaça amarelada contém humo.
- Você sabe o que é humo?

Só colhemos o que semeamos



LIMÃO



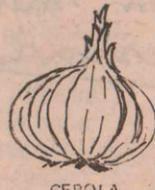
ALHO



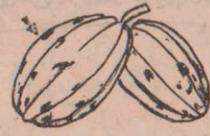
CHUCHU



AMÊNDOA



CEBOLA



CACAU



BANANA

B	O	C	S	E	I	S	H	O
A	M	E	N	D	O	A	C	I
N	C	B	B	S	E	S	C	T
A	A	O	A	D	O	Z	H	O
N	C	L	I	M	Ã	O	U	O
A	A	A	Q	U	C	T	C	R
I	U	D	E	Z	A	L	H	O
C	O	E	T	R	M	A	U	M

NOVEMBRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

● q. minguante 1
 ● lua nova 9
 ● q. crescente 16
 ○ lua cheia 23

DATAS COMEMORATIVAS

- 2 - Finados
- 15 - Proclamação da República
- 19 - Dia da Bandeira
- 24 - Dia Nacional de Ação de Graças
- 27 - 1º Domingo do Advento

Escreve, nos quadrinhos, os nomes dos desenhos

Respostas das charadas do mês passado:

- 1) Todos, porque nenhum tira o rabo para comer
- 2) Carro
- 3) São os dentes
- 4) É a caneta
- 5) Ele faz sombra
- 6) Fazem 19 anos